

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

Giulia Sampaio Piazzzi

Bolas de papel e jogadas editoriais:

os livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930

Belo Horizonte

2018

Giulia Sampaio Piazzzi

Bolas de papel e jogadas editoriais:

os livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique Silva Oliveira

Belo Horizonte
2018

Piazzzi, Giulia Sampaio.

P584b Bolas de papel e jogadas editoriais : os livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930 / Giulia Sampaio Piazzzi. - 2018.

146 f. : il., fotos.

Orientador: Luiz Henrique Silva Oliveira.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2018.

Bibliografia.

1. Futebol - Livros de leitura. 2. Futebol - História. 3. Futebol - Historiografia - Brasil. 4. Mercado editorial. 5. Esportes - Bibliografia. I. Oliveira, Luiz Henrique Silva. II. Título.

CDD: 796.334

Dedico este gol de placa ao querido Cesar Oliveira e a todos aqueles apaixonados pelos livros de futebol que fazem deles o seu ofício.

AGRADECIMENTOS AO TIME E À TORCIDA

A Deus, acima de tudo.

À minha família, em especial ao meu amor maior: Regina, minha mãe.

Às minhas amigas-irmãs, Karen e Juliana.

Aos meus amigos Bernardo, Lucas e Augusto.

Às amigas das Letras, Claudete, Nardele, Priscilha e Renata.

Aos irmãos que a vida me deu, Thaynan e Luan.

Ao Ramon e à Mônica.

Ao meu querido e orientador, grande cruzeirense, Luiz Henrique Silva Oliveira, por toda a força e todo o apoio. Valeu, treinador!

Aos estimados “fuliões” Elcio Cornelsen, Gustavo Cerqueira e Thiago Costa.

À Ana Elisa Ribeiro, ao Pablo Araújo e ao Renato Caixeta.

Ao Ademir Takara.

Ao Severino Filho (Buim) e à Maria das Graças Targino.

A todos que contribuíram de alguma forma para a disputa deste longo, prazeroso e infindável campeonato e me motivaram a marcar um golão para a conquista de um importante título.

Bolas de papel. Não se criam regras, acordos, nada... sem papel. E, cremos, como tudo se inicia por rascunhos, das ideias às discussões, muitas bolas de papel devem ter sido feitas. Bolas de papel para encontrar uma melhor e padronizada maneira de se jogar com a bola, do futebol.

*(Darcio Ricca,
in “De Charles Miller à Gorduchinha”, 2014)*

AQUECIMENTO

Os livros de futebol representam muito mais que um nicho editorial. Além de abordarem um esporte de massa tão querido pelo povo brasileiro, eles têm função importante no registro da memória do futebol e tiveram função ainda mais ampla historicamente: ajudaram a definir e a disseminar as regras e a cultura do jogo mundo afora. Estudá-los é bastante instigante, mas, ao mesmo tempo, desafiador, pois é nítida a falta de atenção para a relevância dessa temática nas universidades brasileiras.

Desde 2013, ano de Copa das Confederações no Brasil, é que a pesquisa que será apresentada adiante vem se desenhando. Há um universo grandioso a ser explorado no que concerne à história editorial sobre o esporte no país, e é necessário muito mais tempo para que consigamos atingir todos os nossos objetivos com estudos como este. Iniciou-se com o gosto pelo tema, aliado a uma curiosidade sobre o mercado, e transformou-se em um trabalho de conclusão de curso, em nível de graduação, em 2015. Com uma análise acerca do mercado atual, ideias mais arrojadas foram se delineando, mesmo sob as dificuldades de encontrar referências. Na verdade, esses obstáculos conseguiram motivar ainda mais o prosseguimento dos estudos. O propósito idealizado passou a ser muito maior, especialmente devido ao ineditismo trazido por esta investigação.

As tantas “bolas de papel” descartadas, visando a um consenso para oficialização de informações, bem como as tantas “jogadas editoriais” para que os impressos pudessem circular, não podem mais ser ignoradas. Agora, o que se busca aqui é atestar a relevância de estudar os livros de futebol, inferida em outro momento, e contribuir para o preenchimento de uma enorme lacuna nos estudos editoriais e esportivos. Espera-se que este trabalho suscite cada vez mais interesse não só pelos estudos, mas também pela leitura dos livros de futebol, e que os nichos editoriais tenham cada vez mais espaço no âmbito acadêmico.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta, em uma perspectiva historiográfico-editorial, o curso dos livros de futebol publicados no Brasil entre os anos de 1903 e 1930, com foco na contribuição deles e de outros processos editoriais para o desenvolvimento, a difusão e a legitimação do esporte, na medida em que são escassos os estudos sobre futebol que abranjam o campo da edição e da leitura. O recorte foi definido com base na data de publicação do primeiro livro de regras traduzido para o português no Brasil, em 1903, intitulado *Guia Esportivo*, de Mário Sérgio Cardim, e na data do fim da Primeira República – ou República Velha. Trata-se de um estudo qualitativo, bibliográfico e documental, conforme Antônio Carlos Gil (2002). Para tanto, realizou-se um cruzamento entre a história do futebol, a história da imprensa esportiva, a história da leitura e a história da edição, no cenário nacional brasileiro, com apoio teórico, respectivamente, de Hilário Franco Jr. (2007), Marcos Guterman (2010) e Thomaz Mazzoni (1950); André Ribeiro (2007), Luiz Henrique de Toledo (2002) e Wilson Gambeta (2014); Marisa Lajolo & Regina Zilberman (2002; 2011) e Alessandra El Far (2006); e Laurence Hallewell (2012). Além disso, foram analisados paratextos editoriais de livros do período, consultados e fotografados em visitas presenciais ao Centro de Referência do Futebol Brasileiro, localizado no Museu do Futebol de São Paulo, no Estádio do Pacaembu. Essa avaliação baseou-se nos preceitos teóricos de Gérard Genette (2009) e de Pierre Bourdieu (1996) e teve como finalidade estabelecer relações entre tais elementos, o conteúdo das obras e a época a que pertencem. Alguns recortes de jornais e revistas coletados na Hemeroteca Digital Brasileira também foram usados para complementar e atestar informações. Os resultados do estudo reiteraram a importância dos livros de futebol na história do esporte e evidenciaram a necessidade de estudos documentais mais profundos para registro e memória desses materiais.

Palavras-chave: Livros de futebol. História do futebol. Historiografia do futebol brasileiro. Nicho editorial. Edição esportiva.

ABSTRACT

This research presents, from an editorial-historiographic perspective, the course of football books published in Brazil between 1903 and 1930, focusing its contribution and other editorial processes for the development, diffusion and legitimation of the sport, since the studies about football publishing and reading are scarce. The interval was defined based on the date of publication of the first book of rules translated into Portuguese in Brazil in 1903 entitled *Guia Esportivo*, written by Mário Sérgio Cardim, and the date of the end of Primeira República – or “República Velha”. This is a qualitative, bibliographical and documentary study, according to Antônio Carlos Gil (2002). For that, an interlacement was made among the history of football, the history of the sports press, the history of reading and the history of the publishing, in the Brazilian national scenario, with theoretical support, respectively, by Hilário Franco Jr. (2007), Marcos Guterman (2010) and Thomaz Mazzoni (1950); André Ribeiro (2007), Luiz Henrique de Toledo (2002) and Wilson Gambeta (2014); Marisa Lajolo & Regina Zilberman (2002; 2011) and Alessandra El Far (2006); and Laurence Hallewell (2012). In addition, we analyzed editorial paratexts of books of the period, consulted and photographed in the Centro de Referência do Futebol Brasileiro, located in the Museu do Futebol de São Paulo, in the Pacaembu Stadium. This evaluation was based on the theoretical precepts of Gérard Genette (2009) and Pierre Bourdieu (1996) and had as purpose to establish relations among these elements, the content of the works and the period to which they belong. Some newspaper and magazine clippings collected in the Hemeroteca Digital Brasileira are also used to complement and prove information. The results of the study reiterated the importance of football books in the history of the sport and evidenced the need for deeper documentary studies for the recording and memory of these materials.

Keywords: Football books. History of football. Historiography of Brazilian football. Editorial niche. Sports publishing.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Nota sobre o encontro da <i>Football Association</i> para a divulgação das regras, no jornal inglês <i>Bell's Life</i>	34
FIGURA 2 – Divulgação do livro de bolso editado e publicado por John Lillywhite	35
FIGURA 3 – Anúncio promocional do <i>Guia</i> em jornal carioca.....	55
FIGURA 4 – Capa da terceira edição do <i>Guia de Football</i> (1905).....	59
FIGURA 5 – Nota sobre o <i>Guia de Foot-ball</i> do Rio de Janeiro.....	60
FIGURA 6 – Capa da quarta edição do <i>Guia de Football</i> (1906).....	60
FIGURA 7 – Introdução do <i>Guia de Football</i> (1906), por Mário Cardim.....	61
FIGURA 8 – Capa do livro <i>Sports Athleticos</i> , em edição de 1910	63
FIGURA 9 – Anúncio do livro <i>Sports Athleticos</i> em jornal carioca (1907)	64
FIGURA 10 – Parte de listagem do <i>Almanaque Brasileiro Garnier</i> de 1909.....	66
FIGURA 11 – Anúncio do <i>Guia Esportivo</i> , em edição de 1913	69
FIGURA 12 – Anúncio do <i>Guia Brasileiro de Foot-Ball Associação</i> , de 1916.....	72
FIGURA 13 – Nota sobre o livro <i>O football em S. Paulo</i> , de 1918	75
FIGURA 14 – Capa do livro <i>História do foot-ball em S. Paulo</i> , de 1918	77
FIGURA 15 – Capa do livro <i>Association football and how to play it</i> (1908), em edição de 2012	80
FIGURA 16 – Anúncio do livro <i>Association Football e como é jogado</i> , de 1919	81
FIGURA 17 – Anúncio da futura publicação de <i>Association Football e como é jogado</i> , de 1919	82
FIGURA 18 – Capa do livro <i>Rio Grande do Sul sportivo</i> , de 1919.....	83
FIGURA 19 – Anúncio do livro <i>Rio Grande do Sul sportivo</i> , em jornal gaúcho	84
FIGURA 21 – Anúncio do livro <i>Rio Grande do Sul sportivo</i> , no Rio de Janeiro.....	84
FIGURA 21 – Anúncio do livro <i>Cousas do football</i> , em jornal baiano.....	89
FIGURA 22 – Anúncio do livro <i>Cousas do football</i> , em jornal paulistano	90

FIGURA 23 – Nota sobre o livro <i>O sport está deseducando a mocidade brasileira</i> , em revista carioca.....	91
FIGURA 24 – Anúncio sobre conferência pública de Ulysses Reymar, abordando o livro de Sussekind de Mendonça	92
FIGURA 25 – Nota do Fluminense sobre o livro de Mendonça	93
FIGURA 26 – Nota crítica sobre a afirmação do livro <i>O sport está deseducando a mocidade brasileira</i> , em 1929	94
FIGURA 27 – Capa do livro <i>Diccionario do futebol</i> , em sua primeira edição, em 1922	96
FIGURA 28 – Folha de rosto do livro <i>Diccionario do futebol</i> (1922).....	97
FIGURA 29 – Anúncio de recebimento do <i>Diccionario do futebol</i> por jornal paulista	98
FIGURA 30 – Prefácio de <i>O grande desportista</i> , de 1922	100
FIGURA 31 – Anúncio do livro <i>Veteranos e Campeões</i> , de 1924	103
FIGURA 32 – Capa do livro <i>Mano</i> , de 1924	104
FIGURA 33 – Nota sobre a tradução do livro <i>Mano</i> para o francês	105
FIGURA 34 – Nota sobre a publicação do livro <i>Supremacia e decadência do futebol paulista</i> , em 1925	106
FIGURA 35 – Nota sobre a publicação do primeiro <i>Almanaque Esportivo</i> , de Thomaz Mazzoni, em 1927	108
FIGURA 36 – Anúncio sobre a publicação do <i>Almanaque Esportivo</i> de 1928	110
FIGURA 37 – Anúncio de <i>As regras de futebol ao alcance de toda gente</i> , de 1929.....	113
FIGURA 38 – Nota sobre o <i>Almanaque Esportivo</i> de 1929	115
FIGURA 39 – Anúncio do <i>Almanaque Esportivo</i> de 1929	115
FIGURA 40 – Anúncio do livro <i>Regras officiaes do futebol</i> de 1930	116
FIGURA 41 – Anúncio do <i>Almanaque Esportivo</i> de 1930	117
FIGURA 42 – Dedicatória do livro <i>O sport está deseducando a mocidade brasileira</i> , de 1921	127
FIGURA 43 – Dedicatória do livro <i>O Brasil na Taça do Mundo</i> , de 1938	128
FIGURA 44 – Introdução do <i>Almanaque Esportivo</i> , 1928	131

FIGURA 45 – Introdução do <i>Guia de Football</i> , 1906	132
FIGURA 46 – Trecho da introdução de <i>Sports Athleticos</i> , 1907	133

LISTA DE SIGLAS

ACE	Associação dos Cronistas Esportivos
APEA	Associação Paulista dos Esportes Atléticos
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CRFB	Centro de Referência do Futebol Brasileiro
FA	Football Association
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
IFAB	International Football Association Board
LPF	Liga Paulista de Futebol
LPM	Liga Metropolitana de Futebol

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Livros de futebol publicados no Brasil (1903-1930).....	26
--	----

SUMÁRIO

1	PRELEÇÃO: PALAVRAS INICIAIS E PANORAMA DO JOGO	15
1.1	Campeonato: o tema, a justificativa e os objetivos	19
1.2	Esquema tático: os métodos de pesquisa.....	21
1.3	Elenco: <i>corpus</i> e princípios teóricos	29
2	ARBITRAGEM: BREVE HISTÓRICO DAS REGRAS DO FUTEBOL E DAS INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS POR SUA APLICAÇÃO	31
2.1	Primeiro árbitro: a <i>Football Association</i> e as primeiras oficializações.....	32
2.2	Árbitros assistentes: o IFAB e a FIFA	39
3	BOLA EM CAMPO: DO MINUTO DE SILÊNCIO NA IMPRENSA ÀS PRIMEIRAS JOGADAS EDITORIAIS DE FUTEBOL NO BRASIL	43
3.1	Campo de jogo: uma visão do mercado editorial brasileiro até a chegada do futebol	45
3.2	Maestros da partida: pessoas e impressos como protagonistas da história do futebol brasileiro	50
3.3	Saída de bola: o início da edição de livros de futebol no Brasil (1903-1910)	52
3.3.1	<i>Guia Esportivo</i> , de Mário Cardim (1903)	52
3.3.2	As atualizações do <i>Guia</i> (1904, 1905 e 1906)	57
3.3.3	<i>Sports Athletics</i> , de E. Weber (1907)	62
3.4	Troca de passes: a triangulação entre imprensa, editores e autores (1911-1919)	67
3.4.1	<i>Guia Sportivo</i> , de Mário Cardim (1913)	69
3.4.2	<i>O futebol em S. Paulo</i> , de Leopoldo Sant’Anna (1918).....	74
3.4.3	<i>História do foot-ball em S. Paulo</i> (1918) e <i>Resumo histórico do Club Athletico Paulistano</i> (1918), de Antônio Figueiredo.....	76
3.4.4	<i>Association football e como é jogado</i> , de John Cameron (1919).....	80
3.4.5	<i>Rio Grande do Sul sportivo</i> , de Antenor Lemos (1919)	82
3.5	Do meio de campo ao ataque: tabelinha de visionários (pré-)modernistas, jornalistas e grandes autores (1920-1930)	86
3.5.1	<i>Cousas do football: conselhos, máximas e observações</i> , de Odilon Penteado do Amaral (1920)	88
3.5.2	<i>O sport está deseducando a mocidade brasileira</i> , de Carlos Sússekind de Mendonça (1921)	90
3.5.3	<i>Diccionario do futebol</i> , de Guy Gay (1922)	94
3.5.4	<i>O grande desportista</i> , de Paschoal Toti Filho (1922)	98
3.5.5	<i>Veteranos e campeões</i> , de Leopoldo Sant’Anna (1924)	101
3.5.6	<i>Mano</i> , de Coelho Neto (1924).....	104
3.5.7	<i>Supremacia e decadência do futebol paulista</i> , de Leopoldo Sant’Anna (1925)....	105

3.5.8 <i>Almanaque Esportivo</i> , de Thomaz Mazzoni (1927 e 1928).....	107
3.5.9 <i>As regras do futebol ao alcance de toda gente</i> , de David Jack (1929).....	111
3.5.10 <i>Regras officiaes do futebol</i> , de Leopoldo Sant'Anna (1929) e <i>Almanaque Esportivo</i> , de Thomaz Mazzoni (1929 e 1930).....	113
3.6 Uma súmula: observações finais	119
4 LEITURA TÁTICA: BREVE ANÁLISE DE PARATEXTOS EDITORIAIS	121
4.1 Títulos.....	123
4.2 Nomes e pseudônimos.....	124
4.3 Dedicatórias.....	126
4.4 Introduções	129
4.5 Uma súmula: notas sobre a análise.....	134
5 MELHORES MOMENTOS: COMENTÁRIOS GERAIS E CONCLUSÕES	136
REFERÊNCIAS	143

1 PRELEÇÃO: PALAVRAS INICIAIS E PANORAMA DO JOGO

Os livros de futebol abordam temáticas diversas, e a produção editorial esportiva tem crescido bastante nos últimos anos. Os gêneros são os mais variados: de clubes, de literatura (crônicas, contos, romances), biografias, históricos, entre outros. Porém, embora o Brasil seja considerado o “país do futebol”, são poucas as editoras e livrarias especializadas no assunto e preocupadas com a boa qualidade das obras para construção e registro da memória do esporte brasileiro.

Além de alvo do mercado editorial, o futebol também tem sido objeto de inúmeras pesquisas no Brasil, o que tem gerado uma ampla e extensa bibliografia. No entanto, entre tantas teses, dissertações, monografias e artigos, não se têm relacionado o futebol e a edição, muito embora haja trabalhos que discorram sobre literatura e esporte.

Tais constatações deram origem à pesquisa “Esporte de massa como objeto de nicho: uma análise editorial do mercado de livros de futebol”, de Giulia Piazzzi, mesma autora do presente trabalho, na graduação em Letras – Tecnologias de Edição, também pelo CEFET-MG, em 2015. Naquele momento, foi possível estudar o nicho editorial dos livros de futebol em um cenário mais atual, e o fato de existir pouca referência sobre isso comprovou a necessidade de averiguar de maneira mais profunda todo o histórico acerca desse tema.

Alguns panoramas a respeito de estudos sobre futebol nas universidades brasileiras auxiliaram na busca por investigações que pudessem envolver o esporte e a edição e/ou a historiografia dos livros de futebol: a tese “Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil”, de Alex Christiano Barreto Fensterseifer, de 2016; o livro *Futebol objeto das Ciências Humanas*, de Daniela Alfonsi e Flávio de Campos, publicado em 2014, pela editora Leya; o artigo “A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)”, de Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari, publicado em 2010, pela *Revista História*; e o livro *Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007*, de Silvio Ricardo da Silva, publicado em 2009, pela UFMG. Em suma, não foram encontradas pesquisas com foco editorial, em uma análise geral desses panoramas. Vale citar que Giglio & Spaggiari (2010) tinham a intenção de incluir os livros no estudo, mas optaram por abordar artigos,

dissertações e teses, e que Fensterseifer (2016) aborda apenas livros científicos sobre futebol em seu trabalho.

Em Piazzi (2015), haviam sido citados os estudos bibliométricos que contribuíram para encetar a pesquisa, e novamente eles entraram em pauta, uma vez que, a partir deles, é possível fazer várias inferências. Trata-se de pesquisas quantitativas: o artigo “Livros sobre futebol publicados no Brasil (1903-2013)”, de Ademir Massayoshi Takara, apresentado em 2014, no II Simpósio Internacional de Futebol, em São Paulo, mas ainda não publicado; e o levantamento *O futebol brasileiro – 1894 a 2013: uma bibliografia*, de Lúcia Gaspar e Virgínia Barbosa, publicado pela Fundação Joaquim Nabuco, com apoio do Ministério da Educação, em 2013.

Nas referências utilizadas por Takara (2014), havia um artigo de uma revista não acadêmica, único texto até então encontrado acerca de mercado editorial de futebol: “Mercado editorial: obras especializadas ganham as prateleiras e o gosto do público”, de Renato Rodrigues, publicado em 2006, na *Revista Língua Portuguesa*, em edição especial sobre Futebol e Linguagem.

Surpreendentemente, foi por meio do livro de Laurence Hallewell, *O livro no Brasil: sua história*, uma das principais referências do presente trabalho, que foram encontrados mais dois artigos a respeito da temática, ambos de 1982, da professora Maria das Graças Targino: “O povo brasileiro gosta mas não lê sobre futebol”, publicado no jornal *O Estado*, de Teresina, no Piauí; e “O futebol de campo e o mercado editorial”, publicado no *Boletim ABDF – Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal*. Este último, acadêmico e de caráter quali-quantitativo, avalia a relação entre o interesse pelo esporte em si e o interesse pela leitura de livros sobre o assunto, a partir do catálogo de 70 (setenta) editoras, e conclui que o que se editava na época sobre futebol era insignificante e que se lia muito pouco sobre o esporte, dada a baixa demanda.

Fez-se, posteriormente, uma pesquisa por palavras-chave no *Google Scholar*, na plataforma *SciELO* e no portal de periódicos da CAPES. Utilizaram-se as seguintes palavras-chave (e variações, como, por exemplo, sem as preposições): “livros de futebol”; “livros sobre futebol”; “livro de regras”; “livros esportivos”; e “historiografia de futebol”.

A palavra-chave “livro de regras” retornou o ensaio “Jogo livre: analogias em torno das 17 regras do futebol”, de Luiz Henrique de Toledo (2008), feito sob um viés antropológico e sociológico, em que ele analisou o sumário do livro de regras sob os conceitos de inspiração estruturalista, estrutural funcionalista e configuracional. Com isso, percebeu-se que pouco se têm produzido na Academia estudos mais aprofundados também sobre as regras e seu histórico, uma boa temática para demais investigações.

Já por meio da palavra-chave “historiografia de futebol”, encontrou-se o artigo “Historiografia de futebol: a construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões”, de João Manuel C. M. Santos e Maurício Drumond, publicado na *Revista Tempo*, o qual busca fazer um levantamento crítico de algumas das principais obras do futebol brasileiro, introduzindo textos e livros significativos para a época analisada e para a criação de memória social, no eixo Rio-São Paulo, como *Grandezas e misérias do futebol brasileiro*, de Floriano Correa Peixoto, publicado em 1933; *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Rodrigues Filho, publicado pela primeira vez em 1947; e *História do futebol no Brasil 1894-1950*, de Thomaz Mazzoni, de 1950.

As demais palavras-chave não renderam descobertas. Em uma concepção histórica ou historiográfica, portanto, foi localizado apenas um trabalho qualitativo que envolve propriamente os livros de futebol, e, mesmo assim, trata-se apenas de um artigo que não apresenta uma perspectiva editorial e/ou contextualiza o mercado da época. Apenas os estudos quantitativos citados são voltados essencialmente ao tema, e, dessa forma, vê-se a pertinência desta pesquisa, que pode ter diversos desdobramentos.

Uma das principais conclusões de Piazzzi (2015) foi sobre a importância que teve o livro de regras na padronização do jogo e até mesmo na conquista de adeptos do esporte, sejam eles praticantes, árbitros ou torcedores. O conhecimento das regras, o acompanhamento das tabelas de campeonato e mesmo informativos sobre como ter acesso aos campos (“estádios”), no final do século XIX e no início do século XX, tudo era feito oficialmente por meio de livros, folhetins e jornais, antes da existência do rádio e da televisão. Os livros carregavam textos que promoviam o esporte como uma prática social e salutar e até textos que o criticavam, o que também contribuía, ainda que indiretamente, para sua difusão.

Outra percepção interessante em relação ao livro é sobre seu protagonismo na história do futebol brasileiro. Sempre que se lê sobre isso, é dito que Charles Miller, em 1894, voltou da Inglaterra carregando os apetrechos necessários para a prática do futebol no padrão inglês: um par de chuteiras, uniformes, bolas e bomba para enchê-las e o livro oficial da *Football Association*, entidade criada em 1863 para controlar o futebol na Inglaterra. Logo, não é possível ignorar a presença de um item fundamental que auxiliou na propagação e unificação do esporte no mundo inteiro, por muitas vezes reeditado, com a preocupação de sempre estar condizente com as regras inglesas.

A partir de todas essas observações, o interesse em descobrir mais sobre a história dos livros de futebol no Brasil desde os primórdios aumentou significativamente e, agora, pode ser aqui apresentado. O período escolhido para estudo, como um “primeiro ciclo” de publicações sobre o futebol, foi entre 1903 e 1930, que correspondem, respectivamente, à data em que se traduziu e publicou o livro da *Football Association* para o português e ao fim da Primeira República – ou República Velha –, após a queda do então presidente Washington Luís e o início da Era Vargas.

Nesta primeira parte, tem-se a visão geral sobre o estudo e sua estrutura. O capítulo 1, *Preleção: palavras iniciais e panorama do jogo*, apresenta, além desta contextualização e da revisão de literatura, o tema, a justificativa e os objetivos; os métodos utilizados e o *corpus* de pesquisa; e os princípios teóricos definidos. Dessa maneira, é possível compreender a forma de realização e desenvolvimento do trabalho.

Mais adiante, o capítulo 2, *Arbitragem: breve histórico das regras do futebol e das instituições responsáveis por sua aplicação*, discorre sobre a história das normas do futebol, desde a implementação oficial destas, na Inglaterra, em 1863. Como não é foco abordar o período em que foram criadas ou debatê-las – mesmo porque a pesquisa é voltada ao cenário brasileiro –, a discussão não é alongada. Tal capítulo apenas introduz um panorama sobre o primeiro livro de regras publicado no mundo até sua chegada ao Brasil, em 1894, na bagagem de Charles Miller, e sua primeira tradução, em 1903, pelo jornalista Mário Cardim.

Já o capítulo 3, *Bola em campo: do minuto de silêncio na imprensa às primeiras jogadas editoriais de futebol no Brasil*, entra no cerne da pesquisa e estabelece a ligação entre a história do futebol, da imprensa esportiva, da edição e da leitura, no Brasil, a fim de traçar uma visão sobre o curso dos livros de futebol até o final da República Velha. Nesta parte, considera-se o cenário político e social do Brasil como pano de fundo, diluído no histórico proposto no estudo aqui descrito e designado como perspectiva “historiográfico-editorial”.

Por sua vez, o capítulo 4, intitulado *Leitura tática: breve análise de paratextos editoriais*, analisa paratextos editoriais – títulos, nomes e pseudônimos, dedicatórias e introduções – de livros consultados na biblioteca do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB). A análise e a reflexão são feitas em relação ao contexto histórico promovido pelo capítulo anterior, a título de identificação, exemplificação e elucidação de processos editoriais da época e principalmente para ressaltar a importância desses materiais para traçar a história dos livros de futebol. Não é foco uma análise publicitária e/ou discursiva em relação a tais textos.

As ponderações finais sobre o estudo e as sugestões para novas abordagens e futuras pesquisas encontram-se em *Melhores momentos: comentários gerais e conclusões*, capítulo 5. Nele, avaliam-se os aspectos trabalhados no decorrer da investigação e busca-se o incentivo à produção acadêmica no que se refere aos livros de futebol e à história editorial do esporte de um modo geral.

Para além da importância do futebol em si, perceber a função do livro e da leitura dentro desse cenário é essencial. O desporto merece atenção de mais e mais pesquisas nas universidades brasileiras, em todas as facetas, e um olhar sob os mais diversos ângulos, pois seu poder transformador é indiscutível.

1.1 Campeonato: o tema, a justificativa e os objetivos

A pesquisa aqui descrita tem como temática a história dos livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930, focada em compreender a contribuição destes e de processos editoriais no desenvolvimento, na divulgação e na legitimação do esporte no país.

O período de recorte definido para este estudo considera a data da primeira publicação em português do livro de regras – *Guia Esportivo*, de Mário Cardim, em 1903 – e a data do término da Primeira República, em 1930, período também conhecido como República Velha, iniciado em 1889.

Além dos acontecimentos históricos dentro do período, a definição do tema e do recorte abrange o número de livros publicados e seus gêneros, a partir de dados de registro do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) – o que é explicado nos próximos tópicos.

A investigação sobre a história dos livros de futebol no Brasil justifica-se tanto pela necessidade de abordar o livro enquanto objeto de fundamental importância no desenvolvimento do esporte no país e também no mundo quanto pela escassez de pesquisas sobre futebol que o tenham como ponto central de análise. Essas afirmações têm como base o estudo anteriormente realizado pela mesma autora deste trabalho, em nível de graduação, já mencionado no princípio deste capítulo.

A dificuldade para encontrar fontes e referências que tratassem especificamente desse nicho editorial tornou perceptível a escassez de estudos sobre futebol na área da edição – e vice-versa – e, mais do que isso, revelou a inexistência de registros sobre a história dos livros de futebol e a imprescindibilidade de iniciar esse processo de resgate histórico. A consciência dessa necessidade vai ao encontro do que sustenta Laurence Hallewell (2012, p. 31), quando afirma que

é difícil imaginar uma atividade que envolva tantos aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros. O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Seu aspecto gráfico é o encontro da estética com a tecnologia disponível. Sua produção requer a disponibilidade de certos produtos industriais (que podem ser importados, feitos com matéria-prima importada ou fabricados inteiramente no país). Sua venda constitui um processo comercial condicionado por fatores geográficos, econômicos, educacionais, sociais e políticos. E o todo proporciona uma excelente medida do grau de dependência ou independência do país, tanto do ponto de vista espiritual como do material.

Dessa forma, propõe-se aqui uma perspectiva que visa, como objetivo geral, apresentar o curso dos livros de futebol no Brasil no período de 1903 a 1930 a partir de uma organização

cronológica e descritiva e da associação da história do futebol, da imprensa esportiva, da edição e da leitura, no Brasil.

Ademais, como objetivos específicos, buscam-se: a) reunir as informações sobre os livros de futebol, dispersas em bibliografias que abordam a história do esporte no país; b) identificar características editoriais de publicação e circulação das regras do jogo desde a criação destas; c) ressaltar a relevância dos livros e de processos editoriais na história do futebol brasileiro; d) analisar editorialmente os dados encontrados e os paratextos de alguns livros pertencentes ao período de recorte.

É válido destacar que não se trata de realizar propriamente a historiografia dos livros de futebol, mas sim de dar início a ela e poder preencher parte de uma lacuna deixada pelos pesquisadores no âmbito esportivo e no âmbito da edição. Para tanto, definiu-se o termo “historiográfico-editorial”, explanado mais adiante, para elucidar a perspectiva que este estudo é capaz de alcançar por ora.

1.2 Esquema tático: os métodos de pesquisa

A pesquisa aqui apresentada trata-se de um estudo qualitativo exploratório, que, segundo Antônio Carlos Gil (2002, p. 41), geralmente envolve “levantamento bibliográfico, entrevista com pessoas envolvidas no assunto e análise de exemplos para melhor compreensão”.

Mais especificamente, em conformidade com o mesmo autor, é uma pesquisa bibliográfica, já que se baseia em livros de leitura corrente e artigos científicos, e, ao mesmo tempo, uma pesquisa documental, na medida em que utiliza fontes de “primeira mão” – os livros consultados na biblioteca do CRFB que ainda não receberam tratamento e jornais da época, consultados na Hemeroteca Digital Brasileira – e de “segunda mão” – como tabelas estatísticas e relatórios de pesquisa.¹

Primeiramente, após uma revisita a Piazzzi (2015), foram analisadas as considerações e os resultados obtidos, a fim de traçar as necessidades para iniciar uma nova pesquisa. A

¹ Aqui, nos referimos tanto à lista (planilha) de livros publicados à qual tivemos acesso por meio do bibliotecário do CRFB, Ademir Takara, quanto ao estudo bibliométrico também de sua autoria, Takara (2014).

dificuldade para encontrar fontes sobre os livros de futebol é que motivou a pretensão de resgatar o histórico dessas publicações desde o princípio no Brasil, com foco editorial.

Para compreender a essência deste trabalho, estabeleceu-se como ponto de partida a explicação de alguns conceitos utilizados para, enfim, definir o termo “historiográfico-editorial” como norteador da pesquisa.

É preciso entender que a investigação engloba a história do próprio futebol vinculada à história da imprensa esportiva, à história da edição e à história da leitura, no Brasil. E, dessa maneira, em uma acepção mais ampla, tem-se primeiramente o conceito de história, o qual enceta a discussão sobre a necessidade de um olhar crítico sob os livros de futebol desde os primórdios.

De acordo com Walter Benjamin (1987, p. 229), “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”. Nesse sentido, não seria possível visualizar a utilidade e a conveniência de investigar o tema aqui abordado sem os “agoras” analisados no estudo que deu origem a este. A análise do nicho editorial de livros de futebol mais atual, portanto, levou-nos a sair das inferências realizadas – e, conseqüentemente, desses “agoras” – para buscar entendê-las em maior proporção. O mercado editorial atual é apenas uma porção do todo, e insistir em compreendê-lo sem retomar historicamente suas características já não fazia mais sentido.

Benjamin (1987) ainda traz a ideia de que, no instante em que é notada uma lacuna histórica, apresenta-se um “perigo”, o que possibilita a ressignificação de um passado. O filósofo afirma que

articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. (BENJAMIN, 1987, p. 224)

No caso desta pesquisa, a escassez de estudos sobre os livros de futebol – objetos importantes e influenciadores diretos na história do próprio esporte – pode ser considerada como o “perigo” sobre o qual o filósofo discorre, o que também corrobora a brecha deixada por pesquisadores. Assim, é importante unir e organizar informações, especialmente por meio de

documentos originais (materialismo histórico), que busquem explicar as causas dos acontecimentos, a fim de que elas fixem uma imagem e (re)contem o passado sob um viés coerente. Por isso, o cruzamento de dados históricos do futebol, da imprensa esportiva, da edição e da leitura, no Brasil, pela pesquisadora, é fundamental para defrontar esse “perigo”, ou seja, essa necessidade verificada de estudar a temática devido à sua grande importância para as pesquisas de futebol e para a história do futebol brasileiro em si – essa importância é a própria “reminiscência” que Benjamin cita.

Em um segundo momento, buscou-se também analisar o significado de *historiografia*, que é definida como “o estudo histórico e crítico sobre a história ou os historiadores” ou simplesmente como “o estudo e a descrição da história”.² É definida, ainda, pelo *Dicionário de conceitos históricos*, como a “reflexão sobre a produção e a escrita da História” e como a “forma de analisar os mecanismos que envolvem a produção do discurso dos historiadores, percebendo esses discursos em relação ao tempo e à sociedade em que cada historiador está inserido” (SILVA & SILVA, 2009, p. 189-190).

Como mencionado anteriormente, sugere-se promover a ligação entre a história do futebol, a história da imprensa esportiva, a história da edição e a história da leitura no Brasil – o que, então, representa a tentativa de descrever a história dos livros de futebol. A ausência de pesquisas mais aprofundadas sobre esses livros, embora limite a investigação aqui proposta, possibilita o estudo histórico e crítico sobre o objeto, de forma a analisá-lo na situação temporal das informações a que tivemos acesso.

Já no que diz respeito ao emprego do termo *editorial*, basicamente está atrelado ao significado: “relativo a editor ou editora”.³ Para estender esse significado, considerar-se-á, neste estudo, o termo *editorial* como tudo aquilo relacionado à edição ou editoração ou à história dela. A fim de tornar ainda mais claro esse conceito, toma-se a editoração como a “atividade a que se dedica uma empresa editora”, que, sob a figura de um profissional editor, torna o texto “publicamente conhecido, isto é, difundido, distribuído, consumido e lido”,

² Significados estabelecidos por dicionários como Aurélio, Michaelis e Priberam. Como há a associação com o termo *história* de Walter Benjamin, optou-se por não utilizar a conceituação de *historiografia* de nenhum outro teórico, apenas enriquecer a definição com o que traz o *Dicionário de conceitos históricos*, de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (2009).

³ Significado também buscado em dicionários.

conforme Aníbal Bragança (2005, p. 222), em seu artigo “Sobre o editor: notas para sua história”, considerável referência para os estudos editoriais brasileiros.

Em suma, uma perspectiva *historiográfico-editorial* sobre os livros de futebol quer dizer um olhar crítico no que concerne à história da edição do futebol brasileiro e uma tentativa de traçar o percurso dos livros de futebol desde os primórdios, a fim de explicar a contribuição dos impressos e de processos editoriais na propagação do esporte bretão em território brasileiro.

Outra importante ideia tomada nesta pesquisa é o conceito de *campo*, estabelecido por Pierre Bourdieu (1996). O sociólogo francês considera o campo como um espaço de práticas específicas, cuja estrutura é relativamente autônoma, pois é determinado pela forma das interações ocorridas dentro dele. De acordo com Bourdieu (1996, p. 250), esse “grau de autonomia do campo (e, com isso, o estado das relações de força que aí se instauram) varia consideravelmente segundo as épocas e segundo as tradições nacionais”. Assim, essa concepção ajuda a tratar aqui o futebol como um campo (literário, editorial, cultural), um nicho, dentro do mercado editorial.

Tal conceito é relevante na compreensão do mercado editorial devido a quatro razões principais, segundo o autor (BOURDIEU, 1996, p. 244): a) pluralidade desse mercado – cada campo tem sua particularidade; b) relações existentes no campo; c) poder de qualquer agente ou instituição dependente da quantidade de recursos ou capital, em torno de interesses específicos; d) dinâmicas distintas para cada campo – “lógica do campo”. Por conseguinte, decidiu-se utilizar essa noção principalmente na análise de paratextos deste estudo, feitas sob os preceitos teóricos de Gérard Genette (2009), pois estes possibilitam situar o livro no campo editorial e cultural do intervalo de recorte.

A coleta de dados foi planejada a partir da avaliação crítica de uma lista de livros publicados no período entre 1903 e 1930, registrados pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro, sob responsabilidade do bibliotecário Ademir Massayoshi Takara e disponibilizada via e-mail. Dessa forma, viu-se a necessidade de realizar visitas à instituição, localizada no Museu do Futebol, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho – ou simplesmente “Pacaembu” –, em São Paulo.

Segundo o endereço eletrônico oficial do Museu, o CRFB, inaugurado em 2013, é o “setor responsável por pesquisar e documentar diferentes expressões do futebol no Brasil” para compor o acervo museológico.⁴ Ele dispõe de equipe de pesquisa, documentação e gestão de uma biblioteca e midiateca, que possui um dos maiores acervos de livros e periódicos e coleção de filmes, documentários, catálogos e obras de referência sobre futebol. Ademais, “o CRFB desenvolve pesquisas, estabelece parcerias com museus, memoriais, centros e grupos de pesquisas em universidades” e também “promove palestras, seminários e encontros com o objetivo de contribuir com a troca, ampliação e divulgação de conhecimentos sobre futebol”.⁵

Grande parte dos livros de futebol publicados entre 1903 e 1930 não estão disponíveis para consulta direta nas estantes da biblioteca do CRFB, pois ainda não receberam o tratamento necessário. No manuseio, com luvas, é preciso muito cuidado devido à fragilidade do material. Para ter acesso a eles, foi preciso solicitar a reserva com antecedência, por correio eletrônico.

Durante o desenvolvimento do estudo, foi preciso visitar presencialmente a biblioteca em dois momentos: no dia 7 de abril de 2017, para avaliar os livros entre 1903 e 1950; e no dia 16 de novembro de 2017, para aprofundar no conteúdo paratextual dos livros publicados entre 1903 e 1930, filtrados da primeira visita. O motivo pelo qual a primeira visita abrangeu um período após 1930 foi a busca por menções a alguma obra anterior, o que ocorre somente nos livros *O Brasil na Taça do Mundo* e *História do Futebol no Brasil – 1894-1950*, ambos de Thomaz Mazzoni, publicados em 1950. O primeiro destaca o sucesso da edição de 1938. O segundo ressalta a abordagem das obras como um todo, que, até então, objetivavam “apenas” a propagação das regras.

Todos os livros separados para consulta foram fotografados e organizados por ordem cronológica. Priorizou-se a fotografia de paratextos como capas – ainda que nem todas fossem originais, já que muitos livros foram reencadernados antes de chegarem ao Museu –, prefácios, posfácios, apresentações, índices, sumários, agradecimentos, dedicatórias e publicidades, para que então fosse possível a análise de alguns sob os preceitos de Gérard Genette (2009).

⁴ Grande parte do acervo está disponível no *site* dados.museudofutebol.org.br.

⁵ Informações disponíveis em: www.museudofutebol.org.br/pagina/conheca-o-crfb. Acesso em: 28 out. 2017.

A tabela a seguir elenca todas as obras datadas entre 1903 e 1930 até então registradas pelo CRFB.⁶ Aquelas que se encontram grifadas em itálico são as que puderam ser consultadas na biblioteca .

QUADRO 1 – Livros de futebol publicados no Brasil (1903-1930)

TÍTULO	AUTOR	LOCAL	EDITORA	ANO	ASSUNTO
Guia sportivo	Mário Cardim	São Paulo	Casa Vanorden	1903	REGRAS
<i>Guia de football - 4ª edição</i> ⁷	<i>Mário Cardim; Luiz Fonseca</i>	<i>São Paulo</i>	<i>Casa Vanorden</i>	<i>1906</i>	REFERÊNCIA
<i>Sports athleticos</i>	<i>E. Weber</i>	<i>Rio de Janeiro</i>	<i>Garnier</i>	<i>1907</i>	REGRAS
Guia de football	O.T. de Oliveira	Pelotas	Universal	1912	REGRAS
Guia sportivo - 3ª edição	Mário Cardim	São Paulo	Casa Vanorden	1913	REGRAS
Regras de football	Informação não disponível.	Rio de Janeiro	Rochfort	1915	REGRAS
Regras officiaes de todos os sports	Informação não disponível.	Rio de Janeiro	Casa do Sportman	1916	REGRAS
Guia brasileiro de football associação	Informação não disponível.	São Paulo	Casa Rosehain	1916	REGRAS
O futebol em São Paulo: notas crítico-biographicas dos principaes jogadores paulistas antigos e modernos	Leopoldo Sant'Anna	São Paulo	Typographia Piratininga	1918	HISTÓRIA
História do foot-ball em S. Paulo	Antônio Figueiredo	São Paulo	O Estado de S. Paulo	1918	HISTÓRIA
Resumo histórico do Club Atlético Paulistano	Antônio Figueiredo	São Paulo	O Estado de S. Paulo	1918	CLUBES
Association-football e como é jogado	John Cameron (Trad. Walter de Azevedo – Waldaz)	Rio de Janeiro	Papelaria Confiança	1919	REGRAS

⁶ A tabela inserida aqui foi atualizada em maio de 2018. Vale fazer algumas ressalvas: como não se trata de uma tabela “oficial”, ela foi adaptada para esta pesquisa, com a exclusão de colunas desnecessárias, como as numéricas e as de sigla dos estados, além de terem sido corrigidas informações que não batiam com os achados nos jornais e os paratextos dos livros (como ano de publicação, autoria e editora). É preciso informar, ainda, que Ademir Takara não inclui nessa listagem edições que na verdade se tratam apenas de reimpressões, pois em sua avaliação ele percebeu conteúdos idênticos. Portanto, os dados da tabela são utilizados como ponto de partida e são apenas uma estimativa.

⁷ Não houve contato com o original da quarta edição do *Guia de football*, de 1906. Ele se encontra digitalizado em sua totalidade no livro *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*, de Wilson Gambeta (2014), que a biblioteca disponibiliza para consulta. Também é possível acessá-lo por meio do link: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=livrossp&pagfis=4603>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

Plano para apostas em matches de football	Constantino Rodrigues	Rio de Janeiro	Typographia Mascate	1919	LOTERIA
Regras de football: Referee's Chart	Leopoldo Sant'Anna	São Paulo	Companhia do Brasil	1919	REGRAS
Rio Grande do Sul sportivo	Antenor Lemos e Eduardo Carvalho	Porto Alegre	Globo	1919	REFERÊNCIA
Cousas do football: conselhos, máximas e observações	Odilon Penteado do Amaral	São Paulo	O Estado de São Paulo	1920	TREINAMENTO
<i>O sport está deseducando a mocidade brasileira</i>	<i>Carlos Sussekind de Mendonça</i>	<i>Rio de Janeiro</i>	<i>Tipografia Mascate</i>	<i>1921</i>	SOCIOLOGIA
Diccionario de futebol	Guy-Gay	São Paulo	Monteiro Lobato & Cia.	1922	REFERÊNCIA
Guia brasileiro de football associação - 3ª edição	Informação não disponível.	São Paulo	Casa Fuchs	1922	REGRAS
O grande desportista	Pascoal Toti Filho	Uberaba	Typographia A Século XX	1922	FICÇÃO
Mano	Coelho Netto	Rio de Janeiro	Empreza Graphica	1924	POESIA
Veteranos e campeões	Leopoldo Sant'Anna	São Paulo	Typographia Idar	1924	BIOGRAFIA
Supremacia e decadência do futebol paulista	Leopoldo Sant'Anna	São Paulo	Instituto D'Anna Rosa	1925	HISTÓRIA
Almanach sportivo 1928	Thomaz Mazzoni [Olimpicus]	São Paulo	Agência Soave	1928	REFERÊNCIA
<i>Almanach sportivo 1929</i>	<i>Thomaz Mazzoni [Olimpicus]</i>	<i>São Paulo</i>	<i>Agência Soave</i>	<i>1929</i>	REFERÊNCIA
As regras do futebol ao alcance de toda gente	David Jack [Afonso Várzea]	Rio de Janeiro	Agência Soave	1929	REGRAS
Regras officiaes do futebol associação	Leopoldo Sant'Anna	São Paulo	Agência Soave	1929	REGRAS
<i>Almanach Esportivo de 1930</i>	<i>Thomaz Mazzoni [Olimpicus]</i>	<i>São Paulo</i>	<i>Agência Soave</i>	<i>1930</i>	REFERÊNCIA

Fonte: Centro de Referência do Futebol Brasileiro. Não publicado.

Esse levantamento é constantemente atualizado pela biblioteca do CRFB, sob responsabilidade de Ademir Massayoshi Takara. A tabela completa, que contempla os dias atuais, não pôde ser divulgada, pois compõe estudos bibliométricos que ainda estão reservados à instituição e que estão sendo feitos junto a Domingos Antônio D'Ângelo Junior, o maior colecionador de livros de futebol do Brasil, dono de mais de 1.800 títulos. Takara nos disponibilizou os dados referentes ao período de recorte desta pesquisa em uma planilha, via

e-mail, registrados até maio de 2018, quando foi feito um contato com ele para divulgar novos livros encontrados nos jornais da época, por meio da Hemeroteca Digital Brasileira. É válido ressaltar que a lista é passível de mudanças e trata-se de uma estimativa, mesmo porque ela possui muitas lacunas, e poucos livros puderam ser consultados de perto – apenas 5 (cinco) entre os 28 da tabela.

A lista apresenta a maioria das obras com o assunto “Regras”, o que também nos chamou atenção em relação ao período analisado e contribuiu para que pudesse ser estabelecido um “primeiro ciclo” de livros de futebol no Brasil: 12 (doze) livros são dessa temática, o que representa um percentual de 43% entre as 28 obras elencadas.

A tabela traz outros dados importantes, como os autores. Destacam-se os maiores entre eles: Leopoldo Sant’Anna, com 5 (cinco) livros publicados – o maior autor dentro do período de recorte da pesquisa –, e Thomaz Mazzoni e Mário Cardim, com 3 (três) livros cada um.⁸

Outra análise interessante a ser feita é sobre a distribuição de publicações por cidade e a prevalência de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, com 17 (dezesete) e 8 (oito) livros, cidades que dominavam o mercado editorial quase totalmente no início do século XX. As exceções são para Porto Alegre, Pelotas e Uberaba com 1 (uma) publicação cada.

Para alguns dos livros publicados, ainda, foi possível fazer algumas inferências sobre seu êxito, para os casos de obras reeditadas, por exemplo. Cada livro foi pesquisado separadamente, em especial na Hemeroteca Digital Brasileira, e foram coletados exemplos de anúncios das obras nos jornais da época, que auxiliaram a perceber um pouco da recepção dos livros, mas principalmente puderam enfatizar a contribuição de vários deles para a história do futebol brasileiro.⁹ Buscou-se também o histórico das editoras e traçou-se uma pequena biografia para cada um dos autores. A partir disso, iniciou-se a construção histórica, em

⁸ No terceiro capítulo, notar-se-á a contribuição e a importância de cada um desses jornalistas para o futebol brasileiro, pois nele constam dados biográficos de todos os autores da lista encontrados. Para se ter noção, Thomaz Mazzoni, mesmo após 47 anos de sua morte, ainda é o maior autor de livros de futebol de todos os tempos do país, com cerca de 30 livros publicados (TAKARA, 2014). A grande importância do jornalista para a história do futebol brasileiro e da imprensa esportiva, bem como a dúvida sobre a veracidade de informações a seu respeito, nos fez chegar à conclusão de que é necessário realizar um estudo à parte acerca do autor e de suas obras. Por esse motivo, na pesquisa ora apresentada, são mencionados apenas os primeiros almanaques publicados por ele, sem muitos detalhes, da mesma forma que sua biografia foi citada de forma básica, pois há poucos registros confiáveis sobre sua trajetória.

⁹ Os anúncios são apresentados no decorrer do terceiro capítulo.

tendência cronológica e descritiva, com base nas obras trabalhadas nesta pesquisa, conforme abordado no tópico a seguir.

1.3 Elenco: *corpus* e princípios teóricos

Para dar início à história dos livros de futebol, foi preciso retornar à época de criação das regras do esporte, em 1863, até sua chegada oficial ao Brasil, em 1894, ainda sem tradução. Como referências sobre esse histórico das regras, foram utilizados os endereços eletrônicos oficiais do IFAB, da FIFA e da CBF, e o primeiro capítulo do livro do professor Hilário Franco Jr., *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura* (2007). Como complemento à noção do caráter social do esporte trazida por Franco Jr. (2007), incluiu-se o primeiro capítulo de *Universo do futebol*, de Roberto DaMatta (1982), e o primeiro capítulo do livro *De Charles Miller à gorduchinha – A evolução tática do futebol em 150 anos de história (1863-2013)*, de Darcio Ricca (2014).

A seleção das referências e dos princípios teóricos para o ponto central desta pesquisa foi feita pelos macrotemas citados no decorrer desta introdução: história do futebol, história da imprensa esportiva, história da edição e história da leitura, no Brasil.

O principal critério definido foi o de utilizar fontes que abordam tais macrotemas de maneira completa e, ao mesmo tempo, segmentadas cronologicamente, até mesmo para facilitar a relação entre eles. É exatamente o que ocorre no livro de Hilário Franco Jr., *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura* (2007), e no livro do jornalista Marcos Guterman, *O futebol explica o Brasil* (2010), dos quais foram consultados os primeiros capítulos, com foco no recorte desta pesquisa, já que ambos definem muito bem os períodos em relação à história do futebol no Brasil. Da mesma forma, no que se refere à história da imprensa esportiva, optou-se pelo conteúdo inicial do livro do jornalista André Ribeiro, *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil* (2007). Como apoio, incluiu-se em alguns momentos a obra emblemática de Thomaz Mazzoni, *A história do futebol no Brasil – 1894-1950* (1950).

Já no contexto editorial, escolheu-se o panorama mais completo em relação à história do livro, das editoras e da edição no Brasil, de Laurence Hallewell, *O livro no Brasil: sua história*

(2012) – que, inclusive, apresenta o futebol em seu índice e nos levou a dois artigos sobre mercado editorial e futebol.¹⁰ Como complemento, utilizou-se a introdução de *Política, nação e edição*, de Eliana Dutra e Jean Yves Mollier (2006).

No que concerne à história da leitura, foram selecionadas as obras de Alessandra El Far, *O livro e a leitura no Brasil* (2006), cuja abordagem é concisa e leve, e de Marisa Lajolo & Regina Zilberman, *A leitura rarefeita – Leitura e livro no Brasil* (2002) e *A formação da leitura no Brasil* (2011), que traçam um panorama mais completo e detalhado sobre o percurso da leitura no país, desde o Brasil Colônia.

A fim de destacar a importância do livro de regras e das primeiras publicações sobre futebol, foi usado o livro de Wilson Gambeta, *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)* (2014), o primeiro capítulo do livro *No país do futebol*, de Luiz Henrique de Toledo (2002), além do primeiro livro oficial da *Football Association*, da Universidade de Oxford, *The Rules of Football Association – 1863: The First FA Rule Book* (2006).

Por fim, para o capítulo de análise deste trabalho, a publicação de Gérard Genette, *Paratextos editoriais* (2009), apresentou-se como opção para analisar a importância dos paratextos – títulos, nomes e pseudônimos, dedicatórias e introduções – nos livros de futebol avaliados nesta pesquisa, entre 1903 e 1930. Ressalta-se que a análise é restrita aos paratextos em seu contexto histórico, dentro do conceito de campo, trazido por Pierre Bourdieu (1996), e não é extrapolada para uma análise publicitária e/ou discursiva, como já dito anteriormente.

Dessa forma, então, buscou-se impulsionar um longo trabalho de rememoração do futebol, tomando o livro como objeto de expressividade histórica, e da edição em suas materialidades para colaborar com o processo de padronização e legitimação do esporte em solo brasileiro.

¹⁰ Trata-se dos artigos publicados em 1982 pela professora Maria das Graças Targino, da Universidade Federal do Piauí, conforme mencionado no início deste capítulo. Ainda no projeto desta pesquisa, afirmou-se não haver menção ao futebol na história da edição brasileira, mas Hallewell (2012) aborda, sim, esse nicho no contexto do Brasil, embora de maneira muito breve e fora do período de recorte deste estudo. O autor conclui que “a nação que mais joga futebol no mundo não lê livros sobre futebol” com base nos estudos de Targino (1982), destacando o fracasso de vendas de *Eu sou Pelé*, autobiografia de Edson Arantes do Nascimento publicada em 1961, pela editora Francisco Alves, e de *Jogando com Pelé*, de 1974, livro publicado pela José Olympio – ambos traduzidos, respectivamente, para o alemão e para o inglês e praticamente ignorados também internacionalmente.

2 ARBITRAGEM: BREVE HISTÓRICO DAS REGRAS DO FUTEBOL E DAS INSTITUIÇÕES RESPONSÁVEIS POR SUA APLICAÇÃO

Para contar a história dos livros de futebol no Brasil, é necessário retornar primeiramente à história das regras gerais do futebol de associação. Na medida em que esta pesquisa tem como foco a contribuição dos livros e de processos editoriais no desenvolvimento, na divulgação e na legitimação desse esporte, é preciso partir das primeiras letras até chegar à introdução das normas do jogo no país, ainda que de maneira breve.

Quando se lê sobre a história do futebol brasileiro, o livro de regras da *Football Association*, trazido na bagagem de Charles Miller, em 1894, é sempre um protagonista. E mesmo que apareça constantemente como um dos personagens principais nas narrativas sobre os primeiros passos do esporte no país, a relevância de tal livro tem sido praticamente ignorada pelos pesquisadores. Além de haver poucos estudos sobre os livros de futebol de um modo geral, como já ressaltado na introdução desta pesquisa, também não são encontrados muitos trabalhos acadêmicos cujo ponto central sejam as regras do jogo em um contexto histórico.¹¹

Até mesmo no livro de regras oficial da FIFA, disponibilizado em inglês no *site* da instituição e em português no *site* da CBF, há apenas alguns comentários sobre o surgimento das “leis do futebol”, mas a contextualização histórica é deixada de lado. Como o público-alvo é a arbitragem,¹² esse tipo de material é mais diretivo e tem maior objetividade em relação à apresentação das normas.

Adiante, nos próximos tópicos deste capítulo, estão reunidas, de forma breve, informações sobre a história das regras do jogo, encontradas em livros que abordam a história do futebol e em documentos oficiais disponibilizados nos *sites* oficiais da FIFA e do IFAB. Além disso, também são abordados os contextos de surgimento dessas instituições e a importância delas na aplicação e na difusão das regras.

¹¹ Essa afirmação pôde ser constatada por meio de pesquisas no *Google Scholar*, na plataforma *SciELO* e no portal de periódicos da CAPES, com a palavra-chave “regras de futebol” e variações. Um dos poucos trabalhos acadêmicos direcionado propriamente às regras é *Jogo livre: analogias em torno das 17 regras do futebol*, de Luiz Henrique de Toledo (2008), feito sob um viés antropológico e sociológico, como já comentado na introdução desta pesquisa.

¹² Todos os textos de apresentação do livro em questão, *Regras de Futebol*, iniciam-se com o vocativo “senhores árbitros”. Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201709/20170911114118_0.pdf>. Acesso em: 07 set. 2017.

2.1 Primeiro árbitro: a *Football Association* e as primeiras oficializações

A história das regras do futebol já tem mais de um século e meio. O surgimento e a prática do futebol em terras inglesas ocorreram junto à Revolução Industrial, e este é o grande cenário histórico do futebol no mundo – embora já houvesse registros sobre algumas atividades parecidas praticadas com chutes e objetos esféricos que se assemelhavam a uma bola, como no Egito; na China Antiga, onde se praticava o *tsuchu*, mais antigo jogo com os pés documentado, por volta de 2.600 a.C.; no Japão, onde era praticado o *kemari*; na Grécia Antiga, onde existiu o *epyskiros*; e na Roma Antiga, onde se praticou o *harpastum* (RICCA, 2014).

Na Inglaterra, o “processo civilizador” promovido pela industrialização contribuiu para que o estabelecimento de regras também fosse pensado para o futebol, pois se notou que este condizia com as regras comportamentais da vida em sociedade – especialmente em um processo de desenvolvimento em meados do século XIX, na medida em que “a época era de padronização, codificação e fixação em vários planos da vida inglesa” (FRANCO JR., 2007, p. 26).

Após a derrota do imperialismo napoleônico na batalha de Waterloo, em 1815, o desejo de tornar-se grande potência mundial também estava ligado ao desenvolvimento do caráter das elites inglesas, e a corrente do “cristianismo atlético”, entre 1820 e 1900, era representada por personagens que consideravam os esportes “fundamentais para dar vigor ao corpo, fibra ao espírito, rapidez ao raciocínio” (FRANCO JR., 2007, p. 27). Um deles era Thomas Arnold, diretor da Rugby School, introdutor em 1830 dos esportes no sistema educacional.

O *football* era assim chamado desde o século XIV, e foi a partir de 1859, com o lançamento de *Origem das espécies*, de Charles Darwin, que ele começou de fato a ser difundido, principalmente nas escolas privadas e nas universidades de Oxford e Cambridge, mas já era intensamente praticado por operários. A ideia biológica de “sobrevivência dos mais fortes” fez com que o futebol moderno nascesse como instrumento do darwinismo social, tanto que em 1864 o jornal *The Field*, de Londres, definiu esse esporte como “preparação para futuros governantes do país” (FRANCO JR., 2007, p. 27).

Em um período de liberdade externa e interna – o princípio do liberalismo –, era necessário definir regras na vida política e social e nos esportes, até mesmo para evitar novas tensões sociais. Dessa forma, em 1848, representantes de diversas escolas reuniram-se em Cambridge para tentar uniformizar as regras do futebol, pois já havia mais de setenta equipes praticando o esporte, mas cada qual a seu modo (FRANCO JR, 2007).

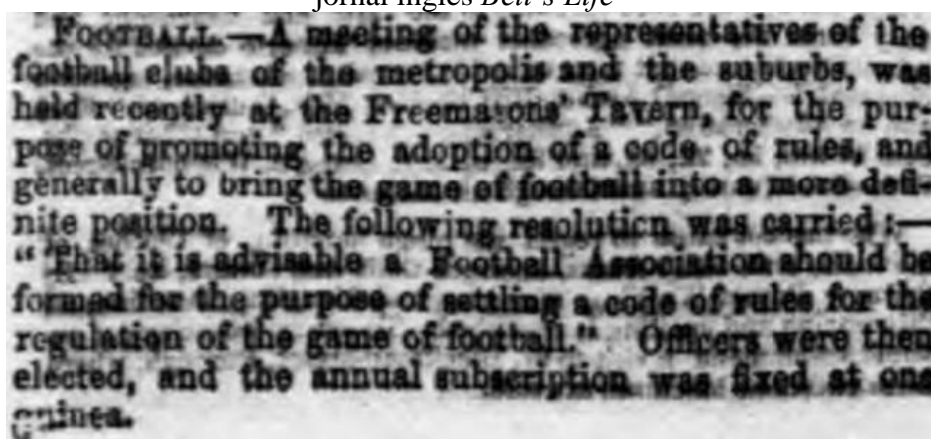
A princípio, não houve acordo, e a padronização continuou sendo discutida e revisada, até que em 1863, mais precisamente em 26 de outubro, representantes de clubes e de escolas tiveram uma reunião na Freemason's Tavern, no centro de Londres, onde criaram a *Football Association* e um comitê para padronizar as regras (RICCA, 2014).

O livro *The Rules of Association Football – 1863*, em edição de 2006, identifica os participantes do comitê responsável por redigir as normas:

Este foi um livro escrito por um comitê – homens que mais tarde se tornaram os Wanderers (uma mistura de homens de Oxford e Cambridge), N. N. Kilburn ('N. N.' para 'Sem Nomes'), Barnes, War Office, Crusaders, Furnival House Blackheath, Kingston School, Surbiton, Blackheath School e Charterhouse School. (THE RULES OF ASSOCIATION FOOTBALL, p. 17, tradução nossa)

Desse encontro, portanto, todas as diferentes maneiras de jogar futebol foram substituídas por um novo conjunto de regras. No fim da tarde de 26 de outubro de 1863, logo, os integrantes já se intitulavam como “The Football Association” e já encaminhavam o livro oficial que mudou a história do futebol no mundo todo.

FIGURA 1 – Nota sobre o encontro da *Football Association* para a divulgação das regras, no jornal inglês *Bell's Life*¹³



Fonte: *Bell's Life* (31/10/1863) – British Newspaper Archive.

Em 24 de novembro daquele mesmo ano, a codificação foi aprovada, e ocorreu uma das primeiras manifestações editoriais mercadológicas para oficializar as catorze regras estabelecidas: no dia 8 de dezembro de 1863, a existência delas foi divulgada no jornal esportivo *Bell's Life* – publicação que existiu entre os anos de 1822 e 1886, em Londres –,¹⁴ mas elas não foram publicadas, pois passaram por um processo de edição, e criou-se um livro de bolso para que fossem vendidas aos interessados. Em 26 de dezembro de 1863, o *Bell's Life* fez a seguinte nota em sua edição:

¹³ Tradução nossa: “FUTEBOL – Uma reunião dos representantes dos clubes de futebol da metrópole e dos subúrbios foi realizada recentemente na Freemasons’ Tavern, com o objetivo de promover a adoção de um código de regras, e em geral para trazer o jogo de futebol a uma posição mais definida. A seguinte resolução foi realizada: – ‘É aconselhável que uma Associação de Futebol seja formada com o propósito de estabelecer um código de regras para a regulamentação do jogo de futebol’. Os oficiais foram então eleitos, e a assinatura anual foi fixada em um guinéu.” A título de curiosidade, “guinéu” foi a primeira moeda de ouro britânica, equivalente a uma libra. A matéria do *Bell's Life* publicada no dia 26 de outubro de 1863, que apresenta mais detalhes da reunião, encontra-se no seguinte link: <<https://goo.gl/Ra1Qzs>>. Acesso em: 14 set. 2017.

¹⁴ É possível consultar as publicações do jornal integralmente digitalizadas no site British Newspaper Archive, por meio do link: <<https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/titles/bells-life-in-london-and-sporting-chronicle>>. Acesso em: 14 set. 2017. O acesso gratuito é limitado.

FIGURA 2 – Divulgação do livro de bolso editado e publicado por John Lillywhite¹⁵

THE FOOTBALL ASSOCIATION.—The
POCKET LAWS of the above are now ready, price 6d, per post 7d, and in a few days will be ready, the Laws on sheet varnished, with rollers for the Club Room, price 1s 6d, per post 1s 10d. Published only (by authority), by JOHN LILLYWHITE, cricket, football, and British sport warehouse, Seymour-street, Euston-square, N.W. Illustrated list of prices post free.

Fonte: *Bell's Life* (26/12/1863) – British Newspaper Archive.

Nela, é possível notar a intenção de propagar a novidade sobre a existência de um livro de regras de bolso, editado e impresso sob a autoridade do editor John Lillywhite (jogador de críquete e futebol e árbitro inglês), ainda com a divulgação dos preços para aquisição, inclusive de uma edição mais cara, em folha envernizada, também com os valores de postagem.

Apesar de não ser foco deste capítulo o processo editorial em si, vale complementar e comentar essa questão mercadológica do livro de regras com uma citação de Lajolo & Zilberman (2011, p. 76), que afirmam que:

O livro, suporte físico de um saber, mas também objeto industrializado submetido à compra e venda, vale dizer, mercadoria, é parte integrante, até essencial, dos mecanismos econômicos próprios do capitalismo. Assume marcas da sociedade burguesa ao se transformar em propriedade privada; neste caso, contratos de edição e impressão, meios de distribuição e venda, regras de tradução e condensação constituem operações que visibilizam a dimensão econômica do processo inteiro que se abre com um original e desemboca num livro.

Tais pontos são trazidos de maneira mais completa no terceiro capítulo, mas é interessante já enfatizar nesse primeiro momento como o produto *livro*, em sua materialidade, carrega a caracterização de uma sociedade capitalista. Em um instante de definições de condutas, normas, leis, também se instaurava a noção de consumo e a necessidade de qualificar aquilo que era vendável e podia ser de interesse ou não da população. Como o futebol já era “famoso”, criar e determinar regras tinha um custo e praticá-lo conforme essas normas oficiais também exigia, portanto, um “investimento” dos interessados.

¹⁵ Tradução nossa: “*FOOTBALL ASSOCIATION – As LEIS DE BOLSO da Associação já estão prontas, preço 6d, por postagem 7d, e em poucos dias estará pronto. As Leis em folha envernizada, com rolos para o Club Room, preço 6d, por postagem 1s10d. Publicado apenas (por autoridade) por JOHN LILLYWHITE, jogador de críquete e futebol e árbitro inglês, Seymour-street, Euston-square, N. W. Lista ilustrada de preços postagem grátis.*”. Disponível em: <<https://playupliverpool.com/1863/12/26/advertisement-the-football-association-the-pocket-laws/>>. Acesso em: 15 set. 2017.

No início, eram 13 (treze) as regras básicas estabelecidas, conforme o livro *The Rules of the Football Association – 1863* (2006, tradução nossa):

1. O comprimento máximo do solo será de 200 jardas (180 metros), a largura máxima será de 100 jardas (91 metros). O comprimento e a largura devem ser marcados com bandeiras. Os gols (traves) devem ser definidos por dois postes verticais, com 8 jardas de distância (7 metros), sem qualquer fita ou barra entre eles.
2. O vencedor do sorteio terá a escolha dos gols (lado do campo). O jogo será iniciado por um chute a partir do centro do solo pelo perdedor do sorteio. A outra equipe não deve se aproximar a menos de 10 jardas (9,1 metros) da bola até que seja chutada.
3. Depois de um gol ser feito, a equipe que o sofreu deve ter a posse de bola, e o lado do campo deve ser trocado.
4. Um gol será ganho quando a bola passar entre os postes do gol ou sobre o espaço entre esses postes (a qualquer altura), sem ser arremessada ou carregada com as mãos.
5. Quando a bola estiver fora do campo, o primeiro jogador que a tocar deverá lançá-la do ponto na linha de limite, onde a bola saiu do solo, em uma direção perpendicular à linha limítrofe.
6. Quando um jogador chuta a bola, qualquer um do mesmo lado que esteja mais perto da linha de gol do adversário está fora de jogo e não pode tocar a bola nem impedir que qualquer outro jogador faça isso até que a bola tenha sido jogado; mas nenhum jogador está fora de jogo quando a bola é chutada por trás da linha de meta.
7. No caso de a bola ficar atrás da linha de gol, se um jogador do lado a quem o gol pertence tocar a bola pela primeira vez, um de seus lados terá direito a um tiro livre da linha de gol no ponto oposto ao local onde a bola deve ser tocada. Se um jogador do lado oposto tocar a bola pela primeira vez, um de seus lados tocar a bola, um de seus lados terá direito a um tiro livre (mas apenas no potro) de um ponto a 15 jardas da linha de gol em frente ao local onde a bola é tocada. O lado oposto deve ficar atrás de sua linha de gol até que ele tenha seu chute.
8. Se um jogador fizer um fair catch, ele terá direito a um tiro livre, desde que ele o reivindique fazendo um sinal com o calcanhar imediatamente; e, para dar tal pontapé, ele pode ir tão longe quanto desejar, e nenhum jogador do lado oposto deve avançar além de sua marca até que ele tenha chutado.
9. Nenhum jogador deve carregar (correr com) a bola.
10. Nem rasteiras nem caneladas serão permitidos e nenhum jogador deverá usar as mãos para segurar ou empurrar seu adversário.
11. Um jogador não deve lançar a bola ou passá-la com as mãos.
12. Nenhum jogador deve tirar a bola do chão com as mãos enquanto estiver em jogo, sob qualquer circunstância.
13. Nenhum jogador deve usar pregos, placas de ferro ou agulhas nas solas ou nos saltos de suas botas.

Essas regras tiveram influência até mesmo do rúgbi, cujas normas foram criadas em 1846 (FRANCO JR., 2007). Com o passar do tempo, muitas modificações ocorreram,¹⁶ necessidades foram surgindo conforme o esporte era praticado e espalhado mundo afora. Atualmente, são 17 (dezessete) as regras existentes, mais organizadas e detalhadas. No livro de regras 2017-2018, elas se encontram assim dispostas:¹⁷

1. *O Campo de Jogo*, que se divide em 13 (treze) itens: superfície de jogo; marcação do campo; dimensões; dimensões para jogos internacionais; área de meta; área de pênalti; área de tiro de canto; postes de bandeiras; área técnica; metas; tecnologia de linha de meta (TLM); publicidade comercial; logotipos e emblemas.
2. *A Bola*, que se divide em 3 (três) itens: características e medidas; substituição de bola defeituosa; bolas adicionais.
3. *Os Jogadores*, que se divide em 10 (dez) itens: número de jogadores; número de substituições; procedimento de substituição; troca de goleiro; infrações e sanções; jogadores e substitutos expulsos; pessoas extras no campo de jogo; jogador fora do campo de jogo; gol marcado com pessoa extra no campo de jogo; capitão de equipe.
4. *O Equipamento dos Jogadores*, que se divide em 6 (seis) itens: segurança; equipamento obrigatório; cores; outro equipamento; slogans, declarações, imagens e publicidades; infrações e sanções.
5. *O Árbitro*, que se divide em 6 (seis) itens: a autoridade do árbitro; decisões do árbitro; poderes e deveres; equipamento do árbitro; sinais do árbitro; responsabilidade dos oficiais de arbitragem.
6. *Os Outros Oficiais de Arbitragem*, que se divide em 6 (seis) itens: árbitros assistentes; quarto árbitro; árbitros assistentes adicionais; árbitro assistente de reserva; sinais do árbitro assistente; sinais do árbitro assistente adicional
7. *A Duração do Jogo*, que se divide em 5 (cinco) itens: partes do jogo; intervalo; recuperação do tempo perdido; pênalti; suspensão definitiva do jogo.
8. *O Início e o Reinício do Jogo*, que se divide em 2 (dois) itens: tiro inicial (saída); procedimento de bola ao chão.

¹⁶ No documento da FIFA e do IFAB disponível no endereço eletrônico <<https://goo.gl/dLov9M>>, há uma linha do tempo com todas as modificações das regras desde 1863 até 2008. O documento não tem título. Não foi encontrada versão mais atual, mas é uma publicação historicamente interessante e recomendada para consulta. Acesso em: 17 set. 2017.

¹⁷ Não é possível reproduzir todos os detalhes das regras aqui nesta pesquisa, assim como foi feito com as de 1863, que eram mais simples. Sugere-se consultar o livro de regras atual (2017-2018) da FIFA ou da CBF: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201712/20171221124545_0.pdf>. Acesso em: 18 set. 2017.

9. *A Bola em Jogo e Fora de Jogo*, que se divide em 2 (dois) itens: bola fora de jogo; bola em jogo.
10. *Determinação do Resultado de um Jogo*, que se divide em 3 (três) itens: gol marcado; equipe vencedora; tiros desde a marca penal.
11. *Impedimento*, que se divide em 4 (quatro) itens: posição de impedimento; infração de impedimento; casos em que não há infração; infrações e sanções.
12. *Faltas e Incorreções*, que se divide em 4 (quatro) itens: tiro livre direto; tiro livre indireto; medidas disciplinares; reinício do jogo após faltas e incorreções.
13. *Tiros Livres*, que se divide em 2 (dois) itens: tipos de livres; infrações e sanções.
14. *Tiro Penal (Pênalti)*, que se divide em 3 (três) itens: procedimento; infrações e sanções; quadro resumo.
15. *O Arremesso Lateral*, que se divide em 2 (dois) itens: procedimento; infrações e sanções.
16. *O Tiro de Meta*, que se divide em 2 (dois) itens: procedimento; infrações e sanções.
17. *O Tiro de Canto*, que se divide em 2 (dois) itens: procedimento; infrações e sanções.

É claro que o processo de adesão às regras iniciais não ocorreu de imediato e nem de forma fácil e “mágica”. Houve conflitos na aplicação das normas nos anos seguintes à sua aprovação, na Inglaterra. O clube mais antigo do mundo, Sheffield FC, possuía seu próprio código de regras e resistiu em modificá-lo em conformidade com as regras londrinas decididas naquela reunião de 24 de novembro de 1863, e somente em 1878 que os dois códigos se unificaram (RICCA, 2014). O título de livro de regras de futebol mais antigo do mundo acaba por pertencer ao Sheffield FC, que havia definido e registrado suas próprias leis no papel em 1857, apesar de não ser um livro oficial, como é o caso do de Cambridge, utilizado para esta pesquisa.¹⁸

Fazer cumprir tantos detalhes de um jogo também não foi tarefa simples nem apenas da *Football Association*. O surgimento de outras entidades possibilitou que a disseminação das normas oficiais inglesas fosse feita por todo o mundo. No próximo tópico, são apresentadas brevemente as instituições de maior importância no futebol: o IFAB e a FIFA.

¹⁸ O livro de regras do Sheffield FC – primeiro clube de futebol segundo a FIFA – foi leiloadado e vendido por 881.250 libras em 2011, na Inglaterra, e o dinheiro arrecadado foi destinado à melhoria e à modernização das instalações do clube, que na época se encontrava na quarta divisão do campeonato inglês. Informações disponíveis em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/livro-de-regras-mais-antigo-do-mundo-e-vendido-na-inglesa/n1597081581600.html>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

2.2 Árbitros assistentes: o IFAB e a FIFA

O IFAB – *The International Football Association Board* – foi fundado em 1886, pelas associações britânicas de futebol *The FA*, da Inglaterra; *Scottish FA*; da Escócia; *FA of Wales*, do País de Gales; e *Irish FA*, da Irlanda do Norte, com o intuito de desenvolver e preservar as leis do esporte, sob responsabilidade exclusiva (IFAB, 2017).¹⁹ O órgão preza pela simplicidade do futebol e afirma que as leis têm como objetivo “ajudar a fazer o jogo atrativo e proveitoso para as pessoas, independentemente de idade, raça, religião, cultura, etnia, gênero, orientação sexual, deficiência, etc.” (IFAB, 2017)

De acordo com documento oficial do IFAB, historicamente, a princípio o IFAB permitiu que as associações de futebol integrantes tivessem maior flexibilidade na modificação das regras para categorias específicas de futebol. Mas o órgão tem como crença que as FAs nacionais precisam pensar melhores maneiras de organizar o futebol em seus países e beneficiar-se em outros aspectos. Dessa forma, é definido que o jogo é praticado e arbitrado exatamente da mesma maneira em todos os campos de futebol do mundo, seja qual for o nível da competição.²⁰

Até os dias de hoje, especialmente com a modernização do jogo e com o advento de tecnologias mais avançadas, as normas ainda são passíveis de sofrer alterações. Entretanto, mudanças ocorrem apenas se o IFAB convencer-se de que elas trarão benefício para o futebol – sem descaracterizar, é claro, o esporte – e após a ocorrência de um período de testes.

Por sua vez, a FIFA, *Fédération Internationale de Football Association*, ou simplesmente “Federação Internacional de Futebol”, surgiu em 21 de maio de 1904, e foi fundada por representantes de Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça. É uma associação com sede em Zurique, composta de 211 associações-membro.²¹

¹⁹ Informações disponíveis em: <http://static-3eb8.kxcdn.com/documents/350/124554_310517_LotG_17_18_Introduction.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

²⁰ Dados extraídos do documento *Notes on the Laws of the Game*, disponível em: <<https://goo.gl/yhvMAU>>. Acesso em: 15 set. 2017.

²¹ Informações retiradas do site oficial da instituição: <<https://www.fifa.com/about-fifa/videos/y=2014/m=11/video=the-story-of-fifa-2477121.html>>. Acesso em: 15 set. 2017.

O objetivo da FIFA é a constante melhoria do futebol. A princípio, confundiu-se sua fundação como sendo um órgão que veio para competir com o IFAB ou as associações britânicas de futebol existentes. Entretanto, a demanda de criação do órgão era o de ajudar a unificar as regras mundialmente e disseminar a cultura e o poder do futebol.

Havia alguma inquietação inicial no Reino Unido para a ideia de um órgão mundial que governa o esporte para o qual criou regras, mas essa incerteza logo foi descartada. O ex-membro do conselho da FA Daniel Burley Woolfall substituiu o francês Robert Guérin como presidente da FIFA em 1906 – ano em que a FA se juntou – e em 1913 a FIFA tornou-se membro do IFAB.²²

A FIFA, ao se integrar ao IFAB, recebeu os mesmos poderes de votação que as quatro associações britânicas possuíam, e essa intenção de promover o jogo e governar outros aspectos em torno dele que não fossem apenas as regras pode ter interessado ainda mais o IFAB.

Para a FIFA, considerada a “guardiã do jogo”,

as Leis do Jogo fornecem uma linguagem comum e simples para apoiar o poder único e unificador do futebol. A estrutura aberta e democrática da FIFA dá ao jogo global a base para o que precisa crescer e prosperar. Trabalhamos como parte do Conselho de Associação Internacional de Futebol para definir e alterar as Leis do Jogo em nome da comunidade global de futebol.²³

Vale ressaltar que esse trabalho de modificações e/ou adaptações das regras pode ser feito apenas junto ao IFAB, com quem a FIFA se uniu em 1913. A instituição busca proteger a integridade do futebol, inclusive tem como missão lutar contra a corrupção no esporte,²⁴ e trabalha junto com as associações e confederações para “melhorar e fortalecer os padrões de governança dentro da comunidade global de futebol para dar ao futebol a base sólida que precisa para prosperar em todos os lugares”.²⁵ As duas entidades, portanto, permitem a

²² Informações extraídas do site oficial da FIFA, em artigo que aborda a história das regras: <<https://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/the-laws/index.html>>. Acesso em: 15 set. 2017.

²³ Informações extraídas de texto e vídeo sobre a instituição: <<https://www.fifa.com/about-fifa/videos/y=2015/m=5/video=how-does-fifa-work-2602035.html>>. Acesso em: 15 set. 2017.

²⁴ Embora a instituição se defina com o encargo de combater a corrupção, infelizmente há muitos relatos sobre sua irresponsabilidade quanto a isso e sua própria contribuição para a corrupção no futebol, como é possível conferir no livro *Jogo sujo: o mundo secreto da FIFA* e *Um jogo cada vez mais sujo*, ambos de Andrew Jennings, jornalista escocês.

²⁵ Informações disponíveis em: <<https://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/>>. Acesso em: 15 set. 2017.

aplicação e a padronização das regras, registradas no papel e espalhadas no mundo em impressos oficiais.

O futebol, em grande medida, é um instrumento que permite, por meio de suas leis, a experimentação de uma igualdade universal, assim como quase todos os esportes globais. Como já comentado, as regras foram criadas no contexto da Revolução Industrial, sob a ideia de domínio dos corpos e de constituição de normas, refletida pelo liberalismo.²⁶ Logo, é interessante também percebê-las em um viés sociológico.

Por exemplo, a decisão do IFAB de manter a simplicidade do jogo e das regras e impedir que alterações profundas sejam realizadas pode ser analisada nesse âmbito. Não é que seja proibido haver adaptações nas leis existentes, mas sim que quanto mais simples e delimitado o futebol seja, mais facilmente os adeptos dele o compreendem e mais facilmente ele pode ser praticado e evoluir com o tempo, internacionalmente. Mais do que isso, as mudanças têm de ser aplicáveis e é preciso um consenso entre as entidades maiores do futebol para que essas mudanças sejam feitas igualmente para todos. Ademais, com isso, evitam-se – ou minimizam-se – possíveis conflitos.

Nesse contexto, para Roberto DaMatta (1982, p. 38), o esporte tem a capacidade de “possibilitar uma experiência com ‘estruturas permanentes’”. O sociólogo afirma que

ao contrário da política, onde após cada derrota (ou ao simples vislumbrar da derrota), os grupos dominantes buscam modificar as regras do jogo, o futebol, (esse humilde e aparente instrumento de mistificação das massas), proporciona uma experiência exemplar de legitimidade e de acatamento às leis. Aqui as regras não mudam, e isso faz com que todos sejam iguais no campo da disputa. Derrota ou vitória é o prêmio a ser efetivamente colhido por quem joga melhor. (DAMATTA, 1982, p. 38-39)

Uma estrutura clara e bem definida, dessa forma, estabelece uma espécie de adestramento dos sujeitos para regras estabelecidas em campo, bem como na sociedade. Assim, é menos arriscado que entidades, clubes, times, levem vantagens. A disputa é, portanto, justa, dentro de suas possibilidades. Além disso, as regras vão de acordo até mesmo com o contexto

²⁶ Essa discussão é trazida novamente no terceiro capítulo desta pesquisa; por isso, não é desenvolvida e estendida aqui.

tecnológico da época. Atualmente, a tentativa de implementar o uso da arbitragem de vídeo demonstra essa evolução.

Desde a criação da *Football Association*, as normas do próprio comitê já impunham limite à possibilidade de mudanças nas leis do futebol. A oitava regra da associação, em um total de 9 (nove),²⁷ define que:

Em caso de qualquer alteração ser considerada necessária nas regras ou leis estabelecidas pela Associação, a notificação deve ser enviada por escrito para o Secretário responsável pela alteração proposta no dia 1º de setembro de cada ano; e os termos da alteração proposta serão anunciados em jornais esportivos que o Comitê possa dirigir, pelo menos catorze dias antes da Reunião Anual. (THE RULES OF ASSOCIATION FOOTBALL – 1863, 2006, p. 63, tradução nossa)

Atualmente, o encontro anual ocorre em fevereiro ou março, segundo informações do site da FIFA. Além dessa intensa preocupação com o cumprimento das normas, vê-se a importância que é dada à manutenção da simplicidade do jogo enquanto “um instrumento que permite experimentar a igualdade” (DAMATTA, 1982, p. 39), de forma duplamente democrática: em campo, fundada no desempenho, e na administração, fundada na rigorosidade do respeito às leis – e isso em uma sociedade que muitas vezes percebe a desigualdade como algo natural.

Também na oitava regra da associação, pode-se destacar a importância da imprensa esportiva para a divulgação dos termos da FA. As regras só existem, portanto, quando escritas e registradas, em meios oficiais que permitam que se tornem públicas e sejam acessíveis, ainda que se deva pagar para obtê-las em sua integralidade, considerando o jornal e o livro como produtos. Os impressos são o meio pelo qual as regras circulam e devem circular, são locais de validação e normatização que intentam dirimir dúvidas e sustentar as definições do jogo. Dessa forma, a publicação de um livro de regras é colocada à prova, e fixá-las no papel permite que elas prevaleçam à posteridade.

A seguir, no próximo capítulo, a discussão sobre a essencialidade do livro de regras, bem como de suas características editoriais, será melhor abordada, especialmente a partir de 1894, ano em que ele chegou ao Brasil.

²⁷ Optou-se por não adicionar aqui as demais normas da *Football Association*, pois se tratam apenas de definições como o nome, o valor anual a ser pago à associação, as eleições dos membros, os encontros entre eles, entre outros elementos que não tratam das regras do jogo, foco deste capítulo.

3 BOLA EM CAMPO: DO MINUTO DE SILÊNCIO NA IMPRENSA ÀS PRIMEIRAS JOGADAS EDITORIAIS DE FUTEBOL NO BRASIL

A produção editorial sobre um assunto pode ser bastante sugestiva quando todo o seu histórico é resgatado e analisado minuciosamente. Por detrás de livros importantes, existem diferentes contextos e fatores de influência, sejam eles geográficos, econômicos, políticos, sociais ou educacionais.

Ter estudado o mercado atual de livros de futebol permitiu verificar a importância desses livros na propagação do esporte, conforme já destacado neste trabalho. A história das publicações sobre futebol, no entanto, não é uma só: ela está atrelada à história do próprio futebol e da imprensa esportiva e à história da edição, do livro e da leitura. É impossível isolá-la. Como bem ressalta Laurence Hallewell (2012, p. 31),

procurar conhecer uma nação por meio de sua produção editorial é, mais ou menos, o mesmo que julgar uma pessoa por sua caligrafia. Ambas constituem partes muito pequenas da atividade total de um país ou de uma pessoa, mas as duas podem ser muito reveladoras, pois nós somos como nos expressamos.

Para o autor, a publicação de livros envolve muitos aspectos da vida de uma nação como nenhuma outra atividade é capaz de fazer, na medida em que “o livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos”. Existe, portanto, um momento oportuno para cada obra, acompanhado de uma sucessão de acontecimentos que nelas se manifestam, direta ou indiretamente.

A título de exemplificação, é válido referenciar dois livros, ainda que estes ultrapassem o período de recorte da pesquisa. O primeiro é *Grandezas e misérias do nosso futebol*, escrito pelo futebolista Floriano Peixoto Correa, em 1933, que revelou diversos problemas na prática desportiva no Brasil, colaborando para acelerar a profissionalização da atividade, ocorrida ainda naquele ano, no governo de Getúlio Vargas. O segundo é *Problemas e aspectos do nosso futebol*, do jornalista Thomaz Mazzoni, de 1939, que foi publicação fundamental na luta pela regulamentação das atividades esportivas, culminando na criação do Conselho Nacional de Desportos, em 1942, na medida em que apresentava uma série de críticas à desorganização de competições e também à falta de profissionalismo da imprensa.

Nesse sentido, a perspectiva historiográfico-editorial que aqui se apresenta considera o papel ativo dos impressos na consolidação e na globalização do futebol, uma vez que eles têm efetiva participação, de acordo com Eliane de Freitas Dutra & Jean-Yves Mollier (2006, p. 10),

na constituição e ampliação de uma esfera pública; na sua condição de veículo de formação da opinião pública e divulgação das opiniões políticas, bem como de canal de mobilização política que se presta à convocação, ao engajamento e à confrontação de ideias; na sedimentação das solidariedades de grupo; na ligação decisiva com os processos históricos de edificação nacional e de construção das identidades culturais; na sua capacidade de difusão e transformação das culturas políticas.

Para o caso do futebol, não há como não destacar a ideia de construção de identidades culturais que os autores citam em relação aos impressos. O esporte tem, sem dúvidas, um caráter identitário indiscutível no Brasil, ao menos no século XX,²⁸ e por meio dos livros, dos jornais, das revistas, dos almanaques, entre outros materiais, além dos meios de comunicação, como o rádio e a televisão, pôde ser divulgado de forma que fosse construída uma imagem da brasilidade do futebol aqui praticado, de bonitos gingados e dribles.

A escolha dos livros como objeto de estudo não é casual, portanto. É, inclusive, necessária, visto que eles não são apenas portadores de textos, mas objetos materiais por meio dos quais a literatura existe, e que merecem atenção dos estudos literários, não apenas no Brasil (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011). No que concerne ao futebol, até mesmo na introdução do livro *The Rules of the Association Football – 1863*, Melvyn Bragg (2006, p. 10-11, tradução nossa) faz questão de ressaltar que “o jogo, jogado em todo o mundo, passou a existir apenas por causa de um pequeno livro, escrito em 1863. Sem esse livro de leis do futebol, o jogo nunca teria sido inventado e o mundo seria um lugar muito mais pobre”. Ainda diz que “sem esse livro, ‘o jogo bonito’, como o grande jogador de futebol brasileiro Pelé o chamou, não teria começado”. O reconhecimento, portanto, desse objeto como fundamental para o esporte no mundo reafirma a importância de explorar essa temática.

²⁸ A noção do futebol como símbolo identitário tem se perdido no século XXI, e o engajamento da torcida com a seleção brasileira hoje é muito menor do que há algumas décadas. Em entrevista ao portal acadêmico Ludopédio, o professor Dr. Elcio Cornelsen afirma que houve um “desgaste da imagem da própria seleção brasileira, anterior mesmo à Copa de 2014, de modo que a associação de um caráter nacional com um modo brasileiro de jogar ficou para trás e teve um último momento na década de 80”. Tal discussão é bastante interessante, principalmente após o “Mineirazo”, e pode desencadear uma série de análises sociológicas. A entrevista completa encontra-se no seguinte endereço eletrônico: <<https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/elcio-loureiro-cornelsen-parte-4/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

Nas seções seguintes deste capítulo, reúne-se o histórico dos livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930, revelado em bibliografias riquíssimas, mesclado ao cenário editorial da época e analisado em uma abordagem de tendência mais cronológica e descritiva. Não se pretende, é claro, generalizar os achados desta pesquisa, que enceta uma longa discussão, muito menos dar como encerrada a questão, mesmo porque é necessário realizar um estudo histórico mais detalhado, abrangente e documental sobre o assunto.

3.1 Campo de jogo: uma visão do mercado editorial brasileiro até a chegada do futebol

O mercado editorial brasileiro, em relação à Europa, teve um desenvolvimento tardio. No século XVIII, enquanto a Inglaterra passava pela Revolução Industrial, o Brasil ainda era colônia de Portugal, apontada como grande responsável por esse atraso.²⁹ Até 1808, praticamente inexistia a história da imprensa no país. Na época colonial, os brasileiros eram obrigados a procurar no exterior qualquer tipo de educação superior, por exemplo, e durante todo o período vice-real existiam apenas duas livrarias no Rio de Janeiro (HALLEWELL, 2012).

Em 1808, o país havia se tornado sede do governo português, e foi com a vinda de D. João VI naquele ano e com o amadurecimento do projeto de Independência que passou a haver condições favoráveis a uma nova maneira de produção cultural – até porque a administração real precisava publicar seus atos e proclamações. Mesmo com a Independência, em 1822, somente por volta de 1840 é que o Brasil, no Rio de Janeiro, onde o Império estava sediado, apresentou elementos mínimos para que a literatura pudesse ser produzida e circular em maior escala: o surgimento de tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização (cursos e políticas educacionais), apesar de ainda precária; e os primeiros passos do capitalismo com a expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos ingleses (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011).

Enquanto isso, a Inglaterra caminhava para o “fim” do seu processo civilizador. Em meados do século XVIII, os ingleses viviam um período de progresso em diversas instituições, e era um momento de constituir leis, decretos, códigos, regras, convenções, normas e costumes –

²⁹ Em *A elite do atraso – Da escravidão à Lava-Jato*, do sociólogo Jessé Souza, publicado em 2017 pela editora Leya, o autor aponta razões pelas quais ocorreu esse atraso desde a colonização. Para mais detalhes sobre esse assunto, recomenda-se consultar o livro, descrito em sua sinopse comercial como uma obra que “escancara o pacto dos donos do poder para perpetuar uma sociedade cruel forjada na escravidão”.

reflexo de uma ideologia liberalista, a fim de evitar desordens. Com o esporte, não foi diferente: nesse contexto de “padronização, codificação e fixação em vários planos da vida inglesa”, em 1750, foram estabelecidas regras para as corridas de cavalo; em 1751, para o golfe; em 1788, para o críquete; em 1846, para o rúgbi; em 1863, para o futebol; e em 1868, para o ciclismo (FRANCO JR., 2007, p. 26).

Nota-se, então, que a prática de tais modalidades esportivas era comum em terras inglesas e já apresentava a necessidade de unificação. Entre 1830 e 1860, existiam mais de setenta clubes de futebol na Inglaterra, e em cada local se jogava de uma forma diferente. Como abordado no capítulo 2, a primeira tentativa de unificar as normas do esporte ocorreu em 1848, e o primeiro livro de regras inglês foi publicado em 1863. A codificação foi oficializada por meio de publicação no jornal esportivo *Bell's Life* (FRANCO JR., 2007).

Nesse ínterim, no Brasil, a imprensa ainda caminhava a passos lentos. Livreiros portugueses controlavam grande parte do comércio de livros nas províncias, que era uma atividade autônoma em cada parte do Império, com vínculos comerciais diretos com a Europa e recursos próprios, na época de navios a vela. Quem dominava esse mercado, ao menos no Rio de Janeiro, entre 1840 e 1880, eram os franceses (HALLEWELL, 2012). Os ingleses, por sua vez, eram banqueiros, importadores e atacadistas. Estes transplantavam o futebol mundo afora por meio de trabalhadores ou estudantes, o que foi o caso de Charles Miller, paulistano descendente de escoceses e ingleses que se mudou para a Inglaterra em 1886 para estudar e, em 1894, voltou com o esporte na bagagem. Enquanto o futebol ainda nem havia chegado “oficialmente” ao Brasil, na Inglaterra ele havia sido até profissionalizado, em 1885 (FRANCO JR., 2007).

A navegação a vapor facilitou as relações comerciais com o Rio, bem como a construção das ferrovias após 1852. A “nata do talento literário e intelectual” do Brasil era atraída pela corte, o que fez a produção local quase extinguir-se em função do prestígio nacional dos produtos das editoras da capital imperial – o que, inclusive, aumentou o custo da produção e afetou o preço dos impressos (HALLEWELL, 2012, p. 133). Além de “dificuldades técnicas”, até o final do século XIX o Brasil enfrentava problemas também com a quantidade de analfabetos existente no país: mais de 70% da população. Ademais,

a permanência da escravidão negra, fator de violenta clivagem social entre os poucos brancos educados e o grande número de pretos analfabetos, era a marca mais ostensiva do atraso cultural, emblema de uma economia que a modernização escandalizava. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011, p. 81)

Nos vinte últimos anos do Império, o cenário educacional viveu intensa mudança, na medida em que o número de escolas existentes dobrou, de 3.561 para 7.500. Apenas quatro anos depois da Inglaterra, São Paulo tornou o ensino primário obrigatório. No último ano do regime, os políticos tomaram consciência do atraso da nação, e com a instalação da nova República, em novembro de 1889, a herança educacional elitista do Brasil buscou seguir o modelo dos Estados Unidos e foi transformada em um sistema moldado na escola pública ianque. Essa evolução nos métodos educacionais influenciou bastante e positivamente o mercado de livros didáticos da época (HALLEWELL, 2012).

A partir do ano de 1889, com a queda do Império, medidas promissoras como a criação do Estado dos Negócios da Instrução Pública, em 1890, junto com o Serviço de Correios e Telégrafos, a reforma da instrução pública e a reorganização do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II, anteriormente) e da Escola Normal do Distrito Federal, sob os princípios do positivismo, encheram a população de esperanças (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011).

No retorno de Charles Miller ao Brasil, em 1894, a República, que trouxe “novos ares” para a política, já havia sido instaurada. Aliás, foi também em 1894 que ocorrera a primeira eleição direta no Brasil. Miller desembarcou em São Paulo, onde sua família residia e o futebol era desconhecido – ao menos do modo como era praticado em solo inglês. Praticavam-se apenas atividades pouco semelhantes com bola em colégios jesuítas (RICCA, 2014). Na imprensa brasileira, não se noticiava sobre o esporte bretão. Existiam vários jornais esportivos, mas havia espaço apenas para esportes “nobres” como o críquete, o turfe, o remo e o ciclismo. Segundo Ribeiro (2007), o primeiro jornal esportivo foi criado em 1856. Intitulado *O Atleta*, continha receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio. *O Sport* e *O Sportsman* começaram a circular em 1885. Já em São Paulo, em 1891 foi criado um suplemento do jornal *A Platea*, de 1888, chamado *A Platea Sportiva*. Em 1898, criaram-se a revista *O Sport* e o jornal *A Gazeta Sportiva* – gratuito, que circulava aos domingos.³⁰

³⁰ Em um cenário mais global, os principais impressos que circulavam em São Paulo no período eram *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano* e *A Platea*. No Rio de Janeiro, *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. Muitas revistas também começaram a surgir: a *Revista da Semana*, criada em 1901 como suplemento do *Jornal do Brasil*, a revista *O Malho*, a revista *Kosmos*, ambas

Com a promoção de partidas entre funcionários de companhias – São Paulo Railway, onde trabalhava, Companhia de Gás e London Bank –, Charles Miller despertou curiosidade de jornalistas, até que conseguiu organizar um primeiro jogo oficial, em abril de 1894, entre São Paulo Railway e Gas Team Work. Na época, não houve adesão da imprensa, mas ele se sentiu otimista por perceber o grande interesse da elite pelo novo esporte (RIBEIRO, 2007).

Os jornais da época preocupavam-se muito mais com a política, dada a recente mudança de regime, e com o crescimento da cidade e da economia cafeeira. Mas talvez “o esforço constante – sempre, porém, inacabado – de integrar-se o mais completamente possível aos padrões e rumos do capitalismo internacional” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2002, p. 10) desde o século XVI, no Brasil, pudesse manifestar interesse no futebol, que era mais uma “metáfora da dinâmica social”, como bem definiu Robert Levine (apud FRANCO JR., 2007, p. 28).

No campo editorial, refletiram-se as mudanças políticas e econômicas. Os novos ricos fazendeiros de café “julgavam a riqueza (não importando sua origem) mais importante do que o berço, a educação ou a cultura” – esta última antes constituía uma marca forte de nobreza, de intelectualidade, e tornou-se mais acessível. A queda do Império transformou o clima social e trouxe estabilidade, e “certa simbiose entre os velhos e os novos elementos da sociedade brasileira começava a modificar a recente indiferença pela literatura e pelas artes” (HALLEWELL, 2012, p. 282-283).

Foi exatamente no final do século XIX que o texto impresso começou a fazer parte da vida de mais leitores no Brasil, devido a baixos preços e estratégias de divulgação. Apesar de ter sofrido uma depressão na década de 1890, o mercado livreiro, ainda pequeno, começou a se diversificar, e “pelas livrarias, quiosques e charutarias, ou pelas mãos de engraxates e mercadores ambulantes, livros, pequenas brochuras, folhetos, jornais, revistas e até mesmo cartões-postais” passaram a circular “em meio a uma camada difusa e heterogênea de leitores” (EL FAR, 2006, p. 36). No Rio, a revolução do mercado editorial veio principalmente com a ousadia das edições Quaresma, que produziam obras com materiais mais baratos, dirigindo-se

criadas em 1902, e a revista *Semana Sportiva*. Já a revista *A Vida Sportiva*, em São Paulo, sucedeu a revista *O Sportsman*. Nesse espaço dos impressos, não se falavam dos jogos de futebol. Quando havia alguma publicação sobre ele, a discussão era voltada aos benefícios e prejuízos que poderia trazer à sociedade brasileira.

ao caminho oposto de demais editoras, que buscavam sofisticação. Isso colocou títulos, autores e publicações clássicas, que ficavam restritos a pessoas ricas, à disposição de pessoas menos favorecidas. Dessa forma, o melhor livro passou a ser aquele que mais vendia, não o mais bonito. Enquanto isso, São Paulo ainda apresentava pouco interesse pela produção de livros na década de 1890. Para se ter ideia, a cidade possuía apenas oito livrarias, metade das que existiam no Rio de Janeiro em 1820, antes mesmo da Independência. E um dos motivos disso pode ter sido a rapidez de expansão da capital paulistana, ambiente de certa forma hostil para o desenvolvimento cultural (HALLEWELL, 2012).

Do início ao fim do século XIX, a evolução da leitura a partir da chegada de D. João VI em 1808 foi evidente. O público leitor, que antes era mais raro, pouco numeroso, começou a adquirir mais autonomia e personalidade. De acordo com Lajolo & Zilberman (2011, p. 77), “entre anônimos leitores de folhetim e os assíduos frequentadores de teatro”, circulavam “intelectuais, homens de letras, estudantes, jornalistas, algumas sinhás-moças e até velhotas capazes de leitura”. E assim, com essas pessoas, junto ao desenvolvimento da imprensa e do mercado editorial, o aparelho cultural brasileiro foi se definindo aos poucos, no decorrer do século.

A partir desse momento, em que o texto passou a chegar mais facilmente às mãos da população e ser manuseado em diferentes formatos e espalhado em diferentes gêneros, a literatura, que já estava consolidada em decorrência da qualidade da produção existente, poderia circular de forma melhor. O escritor, por sua vez, pôde socializar seu texto, especialmente porque, além de novos modos de levá-lo ao leitor, começou a existir possibilidades de seduzi-lo e convencê-lo, por meio da publicidade, por exemplo, da fotografia e também dos paratextos editoriais. Portanto, ao leitor, enquanto sujeito repleto de desejos e de reações, passou a ser mais acessível o texto de qualidade (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011).

No âmbito do futebol, o esporte passou a ser alvo editorial apenas no início do século XX, e os impressos tiveram grande contribuição para que ele fosse disseminado. Até então, não havia tradução do livro de regras da *Football Association*. No tópico a seguir, é ressaltada a presença deles junto aos personagens que contribuíram para a divulgação do futebol

brasileiro. Na sequência, nas demais seções, é iniciada a apresentação da história dos livros de futebol publicados no país, enfoque deste estudo.

3.2 Maestros da partida: pessoas e impressos como protagonistas da história do futebol brasileiro

É interessante perceber que, na história do futebol, especialmente na primeira década de 1900, existem alguns itens que acompanham os principais personagens disseminadores do esporte, e que, entre eles, estão os impressos. Tão importantes quanto as bolas, os uniformes, as chuteiras, são as regras e os estatutos, que, registrados no papel, contribuíram para reproduzir um modelo de jogo criado e definido em terras inglesas.

No princípio, nem todas as normas foram respeitadas em sua integridade, mas, com o passar do tempo, com o auxílio da FIFA, adquiriu-se um padrão global para a prática, como já dito no segundo capítulo deste estudo.

Na história do futebol brasileiro, Charles Miller é o nome mais lembrado e de grande importância. Ele foi de fato fundamental na propagação do futebol no país. A prática organizada por ele, porém, buscava conquistar a elite inglesa de São Paulo e a princípio tinha fins de recreação, especialmente no São Paulo Athletic Club, ao qual se afiliou assim que retornou ao Brasil, em 1894 (GUTERMAN, 2010).

Nesse entremeio, outros nomes figuraram entre os disseminadores do futebol, como Antônio Casemiro da Costa (Costinha), Hans Nobiling e Oscar Cox. O primeiro trouxe da Suíça, onde estudara, cópia dos estatutos da liga que lá havia disputado e se tornou sócio do Internacional, em São Paulo (RIBEIRO, 2007). O segundo, de acordo com o próprio Nobiling, alemão, por meio de carta, em 1897, trouxe de sua terra apetrechos para o jogo de futebol e dois exemplares de estatutos (um do S. C. Germania, de Hamburgo, e um da Liga Hamburgeza de Futebol), que serviram de base tanto para a fundação do Sport Club Germania – por ele mesmo, clube que foi desdobrado no Internacional, em São Paulo – quanto para a Liga de Futebol Paulista, criada em 1901 (GAMBETA, 2014). O terceiro, por sua vez, antes mesmo da chegada de Miller, em 1891, tentou que o Paissandu, clube de críquete do Rio, aderisse ao futebol – sem sucesso –, e mais tarde, já no século XX, convenceu clubes “de regatas” como

Flamengo, Botafogo e Vasco a adotarem o esporte, além de ter fundado o Fluminense em 1902 (GUTERMAN, 2010).

Não se pretende discutir aqui a “paternidade” do futebol, mas sim ressaltar que é perceptível como os principais nomes da história do futebol brasileiro contam com a contribuição e atuação dos impressos, tanto na padronização de regras quanto de estatutos de competições, na mesma época em que os livros e jornais estavam se popularizando e tornando-se mais baratos. Eles contaram com outros personagens que entraram em cena também para auxiliar na publicação desses documentos. Mário Cardim foi o principal deles.

Naquele momento, a imprensa pouco se importava com o futebol, e abrir caminhos para a divulgação dele não seria tarefa fácil para Miller, ou qualquer outro, sozinho. Fora do campo, Miller atuava como cartola, e quando viu que haviam surgido mais equipes além do SPAC, onde atuava, começou a sonhar com um campeonato. Foi então que conheceu, por volta de 1900, Mário Sérgio Cardim,³¹ jovem estudante de Direito, filho de juiz federal e amigo de Antônio Prado, filho do prefeito de São Paulo. Era um ótimo contato para ajudar na propaganda do esporte. Cardim havia atuado no Internacional e ajudou a fundar o Club Athletic Paulistano. Miller e ele conheceram, ainda, Costinha, René Vanorden, Hans Nobiling, entre outros, com quem sempre se reuniam para discutir sobre o futuro do futebol (RIBEIRO, 2007). Costinha mantinha contato ainda com o anglo-brasileiro Oscar Cox, no Rio, e tiveram a ideia de viabilizar uma partida interestadual, que ocorreria em outubro de 1901. Houve uma pequena nota sobre o jogo n’*O Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, e n’*O Estado de S. Paulo*, sob responsabilidade de Cardim.

Após esses personagens citados criarem, juntos, a Liga Paulista de Futebol, em 1901, e optarem pela cobrança de ingressos, precisavam da divulgação da imprensa. As regras e os

³¹ Mário Sérgio Cardim (1884-1953) nasceu na cidade do Rio de Janeiro e, ainda na infância, mudou-se para São Paulo com a família. Era filho do militar e juiz federal Coronel Antonio Saturnino Cardim e da descendente de fazendeiros do interior paulista Maria da Gloria Madeira Cardim. Cursou a Escola Modelo Caetano de Campos, o Gymnasio do Estado e a Escola Normal. Tinha gosto especial pela Educação Física. Foi um dos primeiros sócios do Sport Club Internacional, fundado em 1899, jogou a LPF em 1902 e se transferiu para o Club Athletic Paulistano em 1903. Também praticou tiro e tênis e foi árbitro de futebol. Aos 19 anos, tornou-se repórter e cronista esportivo do Estado de S. Paulo, quando publicou o *Guia*, tema do tópico seguinte. Formou-se em Direito em 1906, foi subdelegado de polícia e posteriormente abriu seu próprio escritório. Dividia-se entre a vida de advogado, jornalista e professor de inglês. Foi também professor de administração pública da Escola de Sociologia Política. Casou-se em 1911 com Lucia de Moraes Barros, filha do senador Manoel de Moraes Barros e sobrinha do presidente Prudente de Moraes Barros e do senador Adolpho da Silva Gordo. Essas informações são de Gambeta (2014; 2015) e Ribeiro (2007).

estatutos que eles tinham em mãos foram base para as definições da Liga, inclusive. Cardim noticiou a primeira partida do campeonato entre Mackenzie e Germânia no jornal *O Estado de S. Paulo*, em maio de 1902. Crescia, ainda, a crônica esportiva, criada pelo próprio Cardim, com total parcialidade – até porque cada um dos grandes nomes do futebol buscava destacar o clube que ajudara a fundar ou ao qual fosse associado. Em 1902, o futebol já fazia parte das notícias dos principais jornais paulistanos, pois gerou grande curiosidade e interesse da população, o que a imprensa não podia ignorar e precisava nutrir (RIBEIRO, 2007).

A união desses disseminadores do futebol, bem como de todos os documentos que eles possuíam, portanto, criaram condições para que o futebol se desenvolvesse coletivamente. A participação dos impressos é percebida desde a chegada “oficial” do esporte no Brasil, e o cenário editorial em expansão foi fundamental para facilitar a propagação dos livros, que começaram a ser publicados em 1903.

3.3 Saída de bola: o início da edição de livros de futebol no Brasil (1903-1910)

3.3.1 “Guia Esportivo”, de Mário Cardim (1903)

A curiosidade despertada pela imprensa esportiva nos leitores dos jornais precisava ser alimentada com mais conteúdo acerca do futebol. Saber sobre os jogos e os resultados já não bastava para que todos tivessem acesso a ele; era também preciso oferecer aos interessados informações mais ricas e precisas para que estes o compreendessem em sua essência e pudessem acompanhá-lo, jogá-lo ou noticiá-lo.³²

Mário Cardim, que havia assumido a função de cronista esportivo no jornal *O Estado de S. Paulo*, teve, então, a ideia de lançar um guia para orientar o público e divulgar, com características didáticas, o esporte amador, pois a Liga Paulista de Futebol – LPF tinha sido um sucesso (GAMBETA, 2014). Para isso, de acordo com Thomaz Mazzoni (1950), Charles Miller forneceu a ele novo exemplar inglês do livro de regras da *Football Association*, atualizado, de 1902, pois havia a preocupação de padronizar tudo de acordo com as normas mais atuais da Inglaterra. Aquele era um momento bastante propício para a publicação de

³² Isso pode ser associado ao que alguns canais de TV, como a ESPN, têm feito atualmente para que o interessado no Futebol Americano possa acompanhá-lo: por meio de conteúdo digital, “educam” os novos adeptos e repassam informações valiosas para que eles entendam o jogo e se tornem fãs/torcedores, espectadores assíduos e promotores do esporte.

livros, visto que “a prosperidade econômica da província de São Paulo nas primeiras décadas do século XX contribuiu visivelmente para o desenvolvimento de novos projetos editoriais” (EL FAR, 2006, p. 40). Ao mesmo tempo, havia o risco do fracasso do guia devido à alta taxa de analfabetismo da década de 1900: 65,3%, segundo dados do Censo Demográfico do IBGE.³³

Ainda assim, Cardim apostou no sucesso da obra e, em junho de 1903, publicou a primeira edição do *Guia Esportivo*,³⁴ pela Casa Vanorden. Nele, havia mais do que as regras do futebol: o jornalista apresentava “um apanhado de recomendações àqueles que se iniciavam na sociabilidade esportiva” (TOLEDO, 2002, p. 14) e buscava servir à “propaganda da educação física” (GAMBETA, 2014, p. 13), disponibilizando tabelas do campeonato; estatutos e regulamentos da LPF; fichas sobre os clubes; informações sobre como jogar e acompanhar; instruções para a arbitragem; explicações de jogadas; dados sobre medidas, dimensões e marcações do campo; e horários dos bondes que atendiam às proximidades dos campos. Além disso, buscava interação com o público por meio da publicidade voltada à elite – o guia continha muitas propagandas de charutos e bebidas – e também com espaços colocados nas tabelas para que o próprio leitor preenchesse resultados de partidas.³⁵

Thomaz Mazzoni (1950) afirma que ainda foram traduzidos e acrescentados ao guia: o *Resumo Histórico do Futebol*, da Inglaterra; *A Arte de Dar o Kick*, de Charles Burgess Fry, esportista inglês; a *Descrição Técnica de uma Partida de Futebol* e as *Instruções para os juízes e casos de impedimento*. É possível que Charles Miller tenha auxiliado nessas traduções, especialmente no que concerne às regras do *International Football Association*

³³ Informação extraída do Mapa do Analfabetismo no Brasil, do Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>>. Acesso em: 10 out. 2017.

³⁴ Há divergências sobre o título da obra e até mesmo da data de publicação. Em Mazzoni (1950), consta o nome *Guia Esportivo*. Nos registros do CRFB e no artigo de Takara (2014), o nome do livro é *Guia Sportivo*. Já em Gambeta (2014), a obra é intitulada *Guia de Football*. Em Ribeiro (2007), o título dado ao livro é *Guia de Football*. Em Santos Neto (2002), *Guia de Foot ball*. Nesses dois últimos, a data de publicação referida é o primeiro semestre de 1904, enquanto nos demais, consta a data de 1903 citada. Nesta pesquisa, optou-se por priorizar a informação do livro de Thomaz Mazzoni, pois *História do Futebol no Brasil – 1894 a 1950* é a primeira grande publicação sobre a história do futebol brasileiro e é possível que Mazzoni tenha tido contato com a primeira edição do guia, o que os pesquisadores mais atuais não conseguiram, por não existirem mais vestígios do livro. Para as demais edições, com exceção da de 1913, considerou-se o nome *Guia de Football*, que consta na capa das obras, como é possível ver mais adiante.

³⁵ Na atualidade, os campeonatos de “mata-mata”, como a Copa do Mundo, por exemplo, ainda incentivam a produção de diversos folhetos e pequenos manuais explicativos e orientadores do torneio, com locais de preenchimento de resultados disponibilizados para o leitor/torcedor, além de álbuns de figurinhas com conteúdo histórico, como os famosos da editora Panini.

Board (IFAB) inglês. Alguns historiadores consideram Miller como co-tradutor por ele ter trazido o primeiro exemplar do livro de regras em 1894, mas ele não é citado no guia, segundo Wilson Gambeta (2014).³⁶

Os anúncios de publicidade, muito comuns na época, também serviam para baratear os custos da impressão e diminuir o valor pelo qual o guia era vendido. E, em um ritmo crescente do mercado editorial no período, as tipografias desempenhavam papel importante em todo o país, pois “para os escritores que não conseguiam convencer editores do caráter artístico ou comercial de sua obra, havia sempre a opção de pagar pela impressão do manuscrito” (EL FAR, 2006, p. 34). Esse pode não ter sido necessariamente o caso de Mário Cardim, porque a extinta indústria gráfica Casa Vanorden, uma das mais importantes tipografias da cidade de São Paulo, no bairro da Mooca, era dirigida pelos irmãos futebolistas René e Henrique Vanorden. Inclusive, era comum que editoras ou tipografias fossem formadas por um indivíduo ou por pequenas sociedades entre duas ou três pessoas, especialmente da mesma família (HALLEWELL, 2012). Assim, com a impressão da obra, os irmãos puderam contribuir para a divulgação do esporte.

O ano de 1903 foi, então, um marco para o mercado editorial de livros de futebol no Brasil, porque a aposta de Cardim foi assertiva, e o *Guia Esportivo*, além de sucesso absoluto de vendas, “tornou-se obra obrigatória e de referência para os amantes do futebol” (RIBEIRO, 2007, p. 31). Até aquele ano, portanto, ainda não haviam sido traduzidas para o português as regras do jogo, as instruções para a arbitragem e os casos de impedimento, informações que existiam em língua inglesa e já circulavam mundo afora. De fato, então, não foi somente no Brasil que os impressos tiveram sua importância na difusão do futebol.

As tiragens anuais – o guia foi publicado em quatro edições consecutivas até 1906³⁷ – chegavam a milhares de exemplares. De acordo com Gambeta (2014), os livros eram

³⁶ É válido retomar uma discussão encetada em Piazzzi (2015) e praticamente refutar a hipótese de que pudesse haver outro livro de futebol publicado antes do *Guia Esportivo* no Brasil: na obra de Milton Pedrosa (1967, p. 26), consta em nota de rodapé de que a primeira obra teria sido *Regras de Football Association*, editada pelo S. C. Internacional em 1900, e de que essa informação teria vindo de Thomaz Mazzoni. Esse dado foi comentado em Piazzzi (2015) também em nota; porém, para a atual pesquisa, consultou-se minuciosamente a obra original de Mazzoni, de 1950, e nela o autor destaca em um tópico específico, intitulado “A primeira edição das Regras de Futebol, no Brasil”, no capítulo inicial, que “a primeira publicação desse gênero impressa no Brasil” foi de fato o *Guia Esportivo*, de Mário Cardim, lançado em 1903.

vendidos em lojas do centro comercial paulistano – como a Casa Clark, que tinha filiais no Rio, em Petrópolis e em Salvador –, junto a materiais esportivos, por não existirem bancas de jornal na cidade. O exemplar também poderia sair gratuitamente para quem comprasse um valor mínimo de outros produtos nesse tipo de loja, o que também facilitava a divulgação do impresso junto aos demais apetrechos necessários para praticar o futebol, como é possível ver na figura a seguir.

FIGURA 3 – Anúncio promocional do *Guia* em jornal carioca



Fonte: *Rio Sportivo*, RJ (1909) – Hemeroteca Digital Brasileira

A questão da distribuição e da falta de pontos de venda era o maior problema enfrentado pelos livros na época, e somente em 1917, quando existiam só trinta livrarias em todo o país, é que Monteiro Lobato³⁸ iniciou uma revolução na indústria editorial brasileira para mudar esse cenário (HALLEWELL, 2012). A raiz da produção e do mercado editorial brasileiro estava no eixo Rio-São Paulo, “onde se congregaram uma população consumidora de elevado poder aquisitivo e o maior número de instituições de educação e ensino superior” (EL FAR, 2006, p. 44), mas os livros eram distribuídos e enviados para a imprensa de outros estados, como é possível notar pelos anúncios deles nos jornais brasileiros da época – apresentados ao longo desta pesquisa.

Nesse contexto, é perceptível o engajamento de várias pessoas e instâncias na produção e distribuição da obra, o que ressalta o interesse de difundir o jogo no país e vai ao encontro do que Luiz Henrique de Toledo (2000, p. 14-15) afirma:

³⁷ Há, ainda, uma edição do *Guia Esportivo* de 1913, que apresenta regras de futebol e de tênis, de acordo com anúncios em jornais da época. Não se sabe se de fato se trata de uma 3ª edição, como sinalizado na lista de registros do CRFB, especialmente por causa da dúvida sobre os verdadeiros títulos das primeiras obras.

³⁸ Em Hilário Franco Jr. (2007, p. 64), o autor cita que Lobato, em 1905, destacava e louvava as “características educativas” do futebol, que contribuíram para a “superioridade das nações anglo-saxônicas”. A disseminação do esporte teve o auxílio de editores, escritores, tipógrafos, jornalistas, entre outros. Mais adiante, também é abordada a crítica de intelectuais, que acabavam divulgando o novo jogo ainda que indiretamente, e é retomada essa discussão sobre a grande contribuição de Lobato para o mercado editorial brasileiro.

No que se referia à interpretação, internalização e esclarecimento das regras e conhecimento das formas de jogar, coube a tais publicações o papel pioneiro de mediadoras na mobilização de um público interessado, antecipando-se aos próprios jornais – iniciativas que partiram de jogadores amadores, jornalistas ou comerciantes de artigos esportivos.

O autor, nesse excerto, destaca os primeiros livros como grandes mediadores da promoção do futebol no Brasil. O registro por escrito foi fundamental para a oficialização global e para a asserção de um esporte uno.

A publicação do *Guia Esportivo* repercutiu inclusive na então capital da República, o Rio de Janeiro, que, apesar de ter sido o ponto de partida do mercado editorial brasileiro – já que recebera a corte portuguesa e, mais tarde, se tornara a capital do país – e transformado o livro em um produto acessível e lucrativo (EL FAR, 2006), não teve uma grande referência como Cardim na imprensa nos primeiros anos da década de 1900. No Rio, o esporte dominante era a capoeira – que veio a se tornar marginal após a Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, o que permitiu que o futebol se propagasse entre os pobres (GUTERMAN, 2010).

A atitude de Cardim, primeiro autor de um livro de futebol brasileiro, perdurou por anos. Ele constantemente atualizava as edições do guia, e essa ideia de “educar” o espectador para conhecer, compreender e, além disso, promover o esporte, vigorou até o final da década de 1930. Durante esse tempo, muitos foram os jornalistas e esportistas que também publicaram conteúdo similar, mesmo porque as regras do jogo frequentemente passavam por modificações e precisavam ser incorporadas no mundo todo.

Ademais, ainda em 1903, a várzea paulistana passou a ser notícia. Até mesmo a produção de duas mil bolas naquele ano não deixou de aparecer nos impressos (RIBEIRO, 2007). Já era impossível, portanto, para a imprensa, ignorar a popularização do esporte, principalmente entre as classes mais baixas, e excluí-lo das redações. Operários ingleses, naquele mesmo ano, embora a elite não gostasse da ideia, começaram a praticá-lo, e o que havia ocorrido na Inglaterra em meados do século XIX passou a ocorrer também no Brasil: nos primeiros movimentos de organização operária, o esporte estava sendo usado como apaziguador social (GUTERMAN, 2010).

Os jornais, a princípio, mal noticiavam os jogos propriamente ditos: discutiam os benefícios ou prejuízos do novo esporte para a população e o utilizavam para que cronistas pudessem impor sua visão ideal de sociedade, na medida em que lhes interessava muito mais quem assistia às partidas do que a realização delas. Os jornalistas enfrentavam grande dificuldade para descrever as partidas propriamente ditas. No jornal *Correio Paulistano*, de 1903, por exemplo, um repórter chegou a escrever vinte parágrafos sobre uma partida, um texto longo e confuso (RIBEIRO, 2007). A chegada do *Guia Esportivo*, dessa forma, pôde auxiliar os redatores nessa tarefa. Cardim não só trouxe informações bem explicativas sobre o futebol para conhecimento de todos como também criou um estilo que se tornou modelo por muitos anos, facilitando a vida dos jornalistas e economizando espaço nos impressos. O padrão era mais ou menos assim, segundo Ribeiro (2007, p. 31):

Perante numerosa assistência, realizou-se no campo X mais um jogo do campeonato entre elevens dos clubes A e B. O tempo estava ótimo, vendo-se nas arquibancadas muitas senhoras, senhoritas e inúmeros sportsmen. A saída coube ao clube A. O jogo foi bem disputado com o team B praticando belíssimos dribblings até a linha de 12 jardas. Ahi o sr. X shootou com força para o goal, provocando aplausos das senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade e hurrahs dos senhores.

É interessante notar, ainda, nesse modelo, o aportuguesamento das palavras advindas do inglês. O vocabulário específico do esporte também rendeu livros para ajudar a fixar o conhecimento sobre ele – *Diccionario de futebol*, de Guy Gay, publicado em duas edições (1922 e 1933), e *Vocabulário futeboleiro*, de Max Valentim, Antenor Nascentes³⁹ e Jacques Raimundo (1938), são bons exemplos disso.

3.3.2 As atualizações do Guia (1904, 1905 e 1906)

Em 1904, o êxito da LPF fez com que o *Guia* fosse publicado em uma segunda edição, com informações atualizadas sobre a Liga, os clubes, entre outras (GAMBETA, 2014). Nesse início de século, o jornalismo era o principal meio de escritores divulgarem seus textos, publicando-os nos próprios jornais ou utilizando estes para fazer propaganda. Tiragens de livros esgotadas geralmente ganhavam destaque e, na grande imprensa, era comum salientar

³⁹ Antenor Nascentes era, inclusive, dialetólogo e lexicógrafo. Isso revela o envolvimento de profissionais de outras áreas também para estabelecer os padrões do futebol e registrá-los em livros. Não são trazidos mais detalhes sobre essa obra na pesquisa porque ultrapassa o período de recorte definido. Informações sobre o autor disponíveis em: <<http://lexikon.com.br/antenor-nascentes>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

quando uma única obra tinha milhares de exemplares vendidos, pois como o mercado era vasto e não havia editoras especializadas – publicava-se de tudo, de diferentes escritores e gêneros, para diversos públicos (EL FAR, 2006). O *Guia* foi um exemplo disso: a curiosidade e o interesse pelo esporte recém-chegado fizeram com que o livro obtivesse sucesso a ponto de ser reeditado, atualizado e, posteriormente, complementado, mesmo porque ele era referido como essencial para os redatores que quisessem aprender e escrever sobre futebol.

O *Guia* foi reeditado em um momento de pleno desenvolvimento da capital paulista, que já somava 300 mil habitantes no ano de 1904, enquanto a população brasileira ultrapassava os 18 milhões. O contato entre jornalistas de estados diferentes e a estratégia de vender o livro em casas especializadas em artigos esportivos, com filiais também em outros estados, na medida em que não existiam muitas livrarias ou bancas de jornal, contribuíram para espalhar a obra de maior referência Brasil afora, a única até então, para os adeptos do novo esporte.

No ano seguinte, novamente Cardim procurou atualizar o *Guia* e editá-lo pela terceira vez consecutiva, atitude fundamental para valorizar e registrar a memória do futebol brasileiro já no princípio de sua história. Apesar de também não haver vestígios da edição de 1905, consta uma imagem de sua capa no livro *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*, de José Moraes dos Santos Neto, publicado em 2002 pela editora Cosac Naify, um dos quatro títulos da coleção “Zona do Agrião”, conforme figura a seguir.⁴⁰

⁴⁰ Não se sabe se a figura é apenas uma representação ou é a capa original do livro, mas foi a única imagem da terceira edição do *Guia* encontrada durante a pesquisa.

FIGURA 4 – Capa da terceira edição do *Guia de Football* (1905)

Fonte: Santos Neto (2002, p. 88).

Ainda em 1905, enquanto em São Paulo a LPF parecia ter se popularizado e vindo para ficar, o futebol carioca ainda estava iniciando. Naquele ano, foi criada a Liga Metropolitana de Futebol na capital da República. Com isso, *A Gazeta de Notícias* tornou-se “porta-voz” do esporte na cidade, e, por ser um grande e forte jornal, colaborou bastante para promovê-lo, com duas colunas diárias batizadas de *Gazeta dos Sports*. Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, autor de *A alma encantadora das ruas*, era redator ilustre do jornal e escrevia sobre o cotidiano carioca. Era homem culto, que percebeu o futebol como um elemento que enriqueceria seus textos, pois o esporte crescia assustadoramente e fez com que ele se apaixonasse. Assim, começou a inseri-lo em seus artigos e, sob o pseudônimo “JOE”, ajudou a divulgar o futebol – glorificando-o – em uma coluna do impresso (RIBEIRO, 2007).

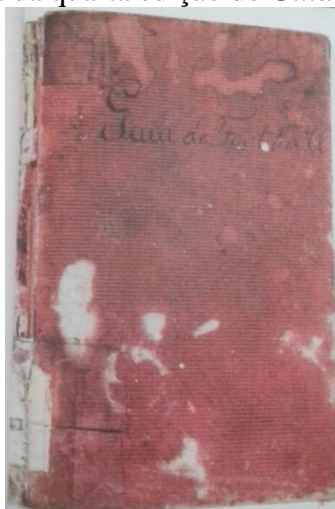
O sucesso do *Guia* de Cardim na capital paulista atravessou a fronteira e foi destacado na imprensa carioca, que percebeu a essencialidade da obra para o desenvolvimento do esporte e aproveitou a ascensão do futebol no Rio, com a criação da LMF, para mostrar interesse na confecção de um livro próprio, como apresentado na imagem a seguir.⁴¹

⁴¹ Não foi encontrado, porém, registro de que uma edição carioca do *Guia* tenha sido de fato publicada.

FIGURA 5 – Nota sobre o *Guia de Foot-ball* do Rio de Janeiro

Fonte: *Jornal do Brasil*, RJ (13/01/1906) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Em 1906, publicou-se a quarta edição consecutiva do *Guia de Football* em São Paulo, a única a ter sobrevivido até os dias atuais, com informações também do futebol carioca.

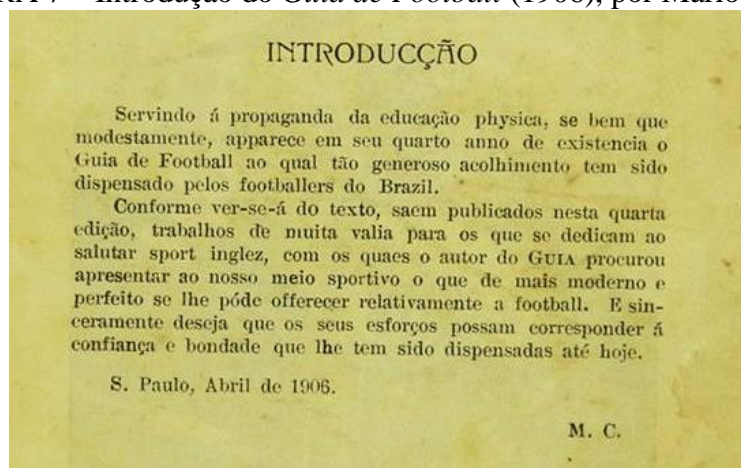
FIGURA 6 – Capa da quarta edição do *Guia de Football* (1906)

Fonte: Gambeta (2014, p. 49).

Além das regras do jogo e das instruções para os juízes, mantidas e atualizadas por Mário Cardim, a quarta edição teve a contribuição de Luiz Fonseca, que adicionou informações importantes a ele: estatutos da Liga Paulista de Futebol; um texto traduzido do francês sobre as características físicas e morais que cada jogador deveria ter em sua posição de jogo, de autoria de N. J. Tunner e Egène Fraysse, estudo baseado no trabalho de E. Weber; dados sobre a Liga Paulista de Futebol (SP) e Liga Metropolitana de Futebol (RJ), bem como dos clubes participantes; datas dos jogos e tabelas para preenchimento pelo leitor; informações

históricas sobre clubes formados nas escolas; e, por último, os horários dos bondes que atendiam às regiões dos campos.⁴²

FIGURA 7 – Introdução do *Guia de Football* (1906), por Mário Cardim



Fonte: Gambeta (2014, p. 51).

A ideia da publicação, segundo Mário Cardim, na introdução da obra (terceira página do livro original), era servir além da “propaganda da educação física”, pois o *Guia* já havia se tornado indispensável para os adeptos do futebol desde a primeira edição. Ademais, ele busca destacar no texto introdutório o acréscimo de “trabalhos de muita valia” para quem se dedicava ao “salutar esporte inglês”, com o propósito de oferecer aos leitores o que havia de “mais moderno e perfeito” em relação ao futebol.

O que se percebe, ainda, nessa edição do *Guia*, é a presença de imagens de diferentes tipos (ilustrações, figuras e fotos). É válido ressaltar que os livros de futebol começaram a ser produzidos em uma época em que a fotografia já estava consolidada no Brasil, e, dada a necessidade de inserir informações lúdicas – desenhos de marcação do campo de jogo, imagens para publicidade de produtos e locais, entre outros –, o processo de divulgação do esporte foi facilitado, na medida em que a inserção de figuras nos impressos não era mais tão cara. El Far (2006, p. 36-37) destaca que “nas primeiras décadas do XX, os desenhos e gravuras ilustravam os volumes de baixo custo” e que “os jornais também aproveitaram as novas tecnologias de impressão para aumentar a circulação de seus cadernos”. Dessa forma, houve a intensificação da popularização do livro e da leitura no Brasil: os jornais, os livros e

⁴² Nos registros do CRFB, essa nova edição do *Guia* é denominada como livro de “referência”, enquanto a primeira é considerada apenas como um livro de “regras”, exatamente por essa complementação de conteúdo, que busca apresentar além das normas do jogo. Entretanto, como Thomaz Mazzoni (1950) afirma que a primeira edição também continha além das regras, acredita-se que ambas podem ser consideradas livros de “referência”.

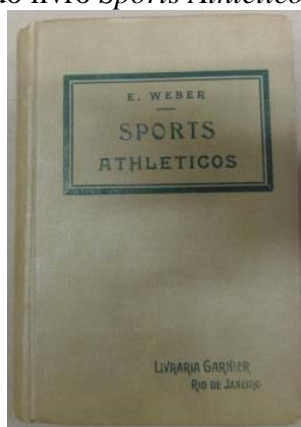
as revistas ilustradas podiam propagar informações de diferentes formas e por setores diversos da sociedade, de uma forma mais atrativa. Nesse sentido, de acordo com El Far (2006, p. 38), por mais que o texto impresso apresentasse variedade, ele já não era mais raro e “ainda requisitava a imaginação dos livreiros e editores, que a toda hora procuravam fazer do livro um produto constantemente desejado, seja por seu conteúdo, seja por sua aparência atraente e lúdica”.

Outro elemento interessante para analisar é o perfil biográfico do coautor, o que permite visualizar um pouco de sua contribuição para o *Guia* e o envolvimento dele com o mercado editorial e o esporte, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Segundo Gambeta (2014), Luiz Antônio Pereira da Fonseca (1870-1938) nasceu em Niterói, no Rio de Janeiro. Ainda jovem, organizou uma empresa de taquigrafia no Rio, para atender ao Congresso Nacional, e transferiu-se para São Paulo quando passou a prestar serviços para o legislativo estadual, junto a seus sócios Numa de Oliveira e Horácio Sabino, com quem frequentava o Club Athletico Paulistano. Foi major do exército e praticante de tiro. Fonseca colaborou com a coluna esportiva d’*O Estado de S. Paulo* e representou o Club Athletico Paulistano na diretoria da LPF. Dedicou-se, ainda, à política e foi eleito vereador de São Paulo em seis mandatos a partir de 1913, tempo em que a câmara paulistana era um reduto de dirigentes esportivos.

Apesar de sua intensa participação no universo do esporte, não há registros de outros livros de futebol que Fonseca tenha escrito ou de que tenha participado em coautoria, mas é possível dizer que os dados que ele acrescentou ao *Guia* foram fundamentais para traçar um panorama geral das ligas e dos clubes e também contribuir para registrar dados históricos e relevantes do futebol nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses dados puderam ser utilizados posteriormente para a produção de outros livros, como os dos próprios clubes, por exemplo.

3.3.3 “*Sports Athletics*”, de E. Weber (1907)

Ainda nessa primeira década do século XX, outro livro técnico, originalmente publicado na França, em 1905, também foi traduzido para o português: *Sports Athletics*, de E. Weber, lançado no Brasil pela editora Garnier em 1907.

FIGURA 8 – Capa do livro *Sports Athleticos*, em edição de 1910

Fonte: Fotografia da autora.

O nome já sugere que não se trata de um livro inteiramente voltado ao futebol, mas as mais de 100 (cem) páginas dedicadas ao esporte bretão fizeram com que ele entrasse na lista. Segundo Torrebadella-Flix & Nomdedeu-Rull (2015), o autor, Ernest Weber, era futebolista e jornalista, redator do já extinto periódico *L'Auto*, de Paris. A obra teve pelo menos nove edições pelo mundo. Curiosamente, o autor havia sido citado na quarta edição do *Guia de Football*, de 1906, como dito no tópico anterior, pois nela havia um texto sobre características físicas e morais de jogadores baseado no trabalho dele.

Na introdução, afirma-se que o livro, que apresentava vários outros esportes, como ginástica, corridas e natação, buscava incentivar o “aperfeiçoamento do corpo humano”. Em seu lançamento no Brasil, era tratado como “o livro mais completo em português” recomendado à atlética.

FIGURA 9 – Anúncio do livro *Sports Athleticos* em jornal carioca (1907)

Fonte: *Jornal do Brasil*, RJ (27/05/1907) – Hemeroteca Digital Brasileira

No anúncio apresentado, o nome do livreiro-editor Hippolyte Garnier vem em destaque. Ele foi um importante nome para a história da edição nesse início do século XX. Na década de 1890, o mercado de livros havia sofrido um declínio, época em que o seu irmão Baptiste Louis Garnier, fundador da editora e referência em livros escolares, faleceu. Também havia ocorrido a morte dos irmãos fundadores da editora Laemmert – esta publicava livros práticos, técnicos, médicos, didáticos e literários, além de traduções –, que tomou da Garnier a proeminência do mercado de livros. Como até 1912 não havia proteção internacional de direitos autorais, muitas editoras nacionais como a própria Laemmert e a Garnier sobreviveram e cresceram com as traduções. Logo quando Hippolyte assumiu a firma deixada por Baptiste, tornou-a especializada em livros importados, especialmente franceses, alemães e ingleses (HALLEWELL, 2012), além de traduzir para o francês e o espanhol (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011).

Segundo Hallewell (2012), a Garnier localizava-se na Rua do Ouvidor, nº 71 (renumerado para 109 em 1910, quando a segunda edição de *Sports Athleticos* foi publicada), endereço famoso e tradicional do centro do Rio. Antes em um local miserável, ela teve novo prédio planejado e construído por arquitetos franceses, o qual foi inaugurado em 1901. Com uma loja elegante e, a partir disso, editora de referência, passou a publicar somente grandes nomes, de venda certa, como Machado de Assis, Olavo Bilac e Aluísio de Azevedo, apesar de ainda lançar novos escritores. Por volta de 1904, tornou-se menos ousada e mais conservadora e

parou de publicar jovens autores, com a exceção da pronta aceitação de Paulo Barreto (1872-1921), o João do Rio, “o mais conhecido jornalista e frequentador da vida social da cidade de 1906 até sua morte prematura” (HALLEWELL, 2012, p. 287). *Religiões do Rio*, de 1904, teve oito edições, e *A alma encantadora das ruas*, de 1908, teve três edições. Talvez até o envolvimento de João do Rio com o futebol em seus textos, como já comentado anteriormente neste capítulo, tenha sido um motivo a mais para que a Garnier publicasse um título expressivo sobre esportes, que parece ter tido êxito, já que foi reeditado três anos depois da primeira publicação.

Outra curiosidade a se avaliar para a época é o preço do exemplar: 3 mil réis, e mais 500 réis caso fosse postado pelo correio, o que corresponde a 1/6 (um sexto) do preço do livro. Não se sabe a média “salarial” do período,⁴³ visto que só se estabeleceu salário mínimo em 1940 no Brasil, mas é possível dizer que nessa proporção o preço de postagem de um exemplar parecia bem mais barato do que nos dias atuais, em que os fretes podem chegar a quase o valor do preço de capa de um livro. Já os livros propriamente ditos eram “caros ou porque eram importados, ou porque a produção editorial era pequena” (LAJOLO & ZILBERMAN, p. 81).

Segundo Lajolo & Zilberman (2011), a Garnier imprimia tudo em Paris, para baratear os custos, e importava para comercializar no Brasil. Para se ter ideia do preço de importação do período, Hallewell (2012) disponibiliza uma tabela em que informa a existência da tarifa “Murtinho”, em 1900, que cobrava 5 mil réis por quilo e mais 50%, no caso de importação de livros em encadernação de luxo. Logo, é possível perceber que o preço de um único exemplar aproximava-se do valor do quilo para importação.⁴⁴

A editora ainda criou um tradicional anuário, publicado entre os anos de 1903 e 1914, chamado *Almanaque Brasileiro Garnier*, com a lista de todas as obras disponíveis na livraria, conforme exemplo a seguir, em que se encontra o *Sports Athleticos*.

⁴³ Em Ribeiro (2007), há a informação de que um árbitro recebia em média 30 mil réis, por volta da década de 1910, e de que um cronista, para fazer cobertura dos jogos na cidade litorânea de Santos, partindo de São Paulo, naquela mesma época, recebia cerca de 20 mil réis só para esse trabalho, e bancava a passagem (ida e volta) a um custo de 6 mil réis. Um livro, naquela época, portanto, valia o mesmo que uma passagem entre São Paulo e Santos. Em uma busca rápida na web, encontram-se hoje passagens de ônibus entre as duas cidades com preços entre R\$ 20,00 e R\$ 30,00, em média. Pode-se concluir que a média do preço de um livro comum é praticamente a mesma da atualidade, relativamente acessível, a um valor variável entre 2% e 3% do salário mínimo atual, de R\$ 954,00.

⁴⁴ A edição do livro *Sports Athleticos* de 1910, manuseada no CRFB pela autora do trabalho, trata-se de uma edição de luxo da época, em capa dura, de couro e costurada.

FIGURA 10 – Parte de listagem do *Almanaque Brasileiro Garnier* de 1909

440 ALMANAQUE BRASILEIRO	
Pinheiro Bittencourt. — « Elementos de Historia do Brasil ».	Sylvio Romero. — « A Patria Portuguesa ».
Almirante Arthur Jacaguay. — « De Aspirante a Almirante », novo tomo.	Coelho Netto. — « As Sete Dóres de Nossa Senhora ».
Teixeira Brandão. — « A Educação Nacional no Regimen Republicano ».	João Lourenço de Souza. — « Criação de Aves ».
Félix Ribeiro. — « Litanias Pagan », versos.	Agrippino Nazareth. — « Pylilampus », versos.
« As Festas Cardinalicias », collectanea.	Luigi Palomba. — « Vita di Giuseppe Garibaldi ».
« Estatistica Agricola e Zootechnica de Matão », pelo Secretario da Agricultura de S. Paulo.	Dr. Octavio de Oliveira Pinto. — « A Luta anti-paludica no Brasil », these.
Coelho Netto. — « Theatro ».	Dr. Pedro Nacarato. — « Contribuição ao estudo da etiologia e tratamento da inserção anormal da placenta », these.
João Laso. — « Historias da Vida », contos.	Hilario Ribeiro. — « Grammatica Elementar », nova edição.
Castro Rebello. — « Ardentias », versos.	P. Commelin. — « Nova Mythologia Grega e Romana », traducção.
Eduardo Nazareno. — « Horizontes », versos.	Medeiros e Albuquerque. — « Contos Escolhidos ».
E. Vandervelle. — « O Socialismo e a Evolução Industrial », traducção.	Padre Faber. — « Tudo por Jesus », traducção.
Henrique Ferri. — « Socialismo e Ciencia Positiva », traducção.	Petrucelli della Gattina. — « As Memorias de Judas », traducção.
Luis Pistorini. — « Sombrias e Positivas ».	Dr. José Tavares Bastos. — « As Atribuições do Promotor Publico na Republica ».
G. B. Cecchi. — « I Progressi di S. Paulo », « Guia Mercantil », publicado em Porto Alegre.	E. Weber. — « Sports Athleticos », edição brasileira.
Varnhagen. — « Historia Geral do Brasil », primeiro tomo, organizada por Capistrano de Abreu.	Dr. Zepherino Meirelles. — « Febre Amarella ».
Dr. Edilberto Freire. — « Os Portuguezes no Brasil », estudo historico e critico.	Sir Andrew Carnegie. — « Conciliação International pela Arbitragem », traducção.
Modesto de Carvalho. — « Escripção Mercantil ».	J. M. de Macedo. — « Lições de Historia do Brasil », nova edição.
Arindo Costa. — « Lyrios do Valle », versos.	« Aventuras de Roberto Crusoe », traducção.
Dr. E. Moscoso. — « Dois Casos de Esophagotomia Externa ».	Conejo Fernandes Pinheiro. — Grammatica Theorica e Practica », 3.ª edição.
Padre Antonio Vieira. — « Sermões », nova edição.	Padre Saint-Omer. — « Novena Efficacissima a N. S. do Perpetuo Soccorro », traducção.
José Avelino. — « Escriptos de um Impressionista ».	Hilario Ribeiro. — « Primeiro Livro », Segundo Livro », e « Terceiro Livro de Leitura », nova edição.
Argêlo Silva. — « Perolas », versos, 2.ª edição.	Paulo Tavares. — « Mário », equivalente ao 4.º livro de leitura.
Macheldey. — « Elementos de Direito Romano », traducção do Dr. Bento de Faria.	Eduardo Carlos Pereira. — « Grammatica Expositiva ».
Moreno Brandão. — « O Baixo S. Francisco ».	

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

O cenário do futebol nesse período era bem semelhante tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. A Liga do Rio proibia atletas negros, e em 1907 criou-se a Liga Suburbana de Futebol para que os times dos pobres pudessem jogar. Em São Paulo, times amadores compostos por operários passaram a se juntar em Várzea do Carmo, que havia sido o mesmo local em que clubes da elite começaram. Por isso, o nome “várzea” estendeu-se ao futebol amador (GUTERMAN, 2010).

Em relação à imprensa, São Paulo já era considerada o maior parque industrial da América Latina. Nesse momento, *O Estado de S. Paulo* tornou-se o grande órgão político da cidade, com tiragens diárias de 35 mil exemplares, e Mário Cardim deixou de ser apenas repórter para chefiar a edição de esportes do jornal, o que foi vantajoso para continuar propagando o futebol (RIBEIRO, 2007). Em 1918, por exemplo, o jornal foi responsável pela edição e publicação de importantes livros para a história do futebol, como *História do foot-ball em S. Paulo* e *Resumo histórico do Club Athlético Paulistano*, ambos de Antônio Figueiredo. Em

1922, publicou o livro *Cousas do football: conselhos, máximas e observações*, de Odilon Penteadó do Amaral.

Cardim deixou o jornal em 1909, para se dedicar à política esportiva, e passou a bola para o jornalista Américo Netto. Nesse mesmo ano, Oscar Cox estava promovendo a vinda do clube inglês Corinthians ao Brasil, em excursão, para amistosos com os clubes da cidade carioca e da capital paulista, o que causou verdadeiro frenesi e mudou por completo a imprensa esportiva. O Sport Club Corinthians Paulista surgira naquele ano, com a ajuda de Cardim, que a partir da década seguinte começou a viajar por outras cidades e capitais brasileiras para tentar criar e organizar mais ligas de futebol (RIBEIRO, 2007).

Assim, a primeira década de 1900 contou basicamente com o *Guia*, em suas quatro edições, e o *Sports Athleticos*, como auxílio na divulgação do futebol e também de outros esportes. Essa década, de acordo com Guterman (2010, p. 37), ficou marcada para o futebol como “dividida entre o amadorismo e o profissionalismo, entre o caráter elitista e popular do futebol e entre a alvura dos seus jogadores e a introdução do elemento negro”, dualidades que de certa forma trouxeram uma “crise de identidade” para o país. A introdução do negro, ainda segundo o autor, mudou drasticamente o cenário esportivo brasileiro.

A seguir, é apresentada a edição brasileira futebolística entre os anos de 1911 e 1919, década de importantes livros publicados, de revolução no mercado editorial, da internacionalização das competições e principalmente do surgimento de um grande nome nos campos: o negro Arthur Friedenrich.

3.4 Troca de passes: a triangulação entre imprensa, editores e autores (1911-1919)

A saída de Mário Cardim d’*O Estado* tinha o propósito de espalhar ainda mais o futebol Brasil afora, pelas cidades interioranas e pelas capitais brasileiras, e para tanto ele viajou a vários lugares e promoveu a criação de novas ligas. Embora envolvido com a política esportiva, continuou escrevendo – mas agora, além de São Paulo, também publicava seus textos em jornais do Rio de Janeiro. Os jogos interestaduais começaram a ocorrer com maior frequência, com a contribuição dessas ações, e grandes clubes nasceram, como Palestra Itália (Palmeiras), Santos e Flamengo. Cardim tentou, inclusive, criar a Federação Brasileira de

Futebol, barrada pela FIFA, e depois apoiou a fundação da Confederação Brasileira de Desportos, em 1914, a fim de fomentar ainda mais a prática esportiva (RIBEIRO, 2007).

Apesar de o clima social não ser dos melhores, dado o momento de intensificação das relações capitalistas, do “esquecimento” das demandas sociais e de manifestações políticas e culturais das camadas médias, proletárias e subalternas, o futebol tornou-se representativo da incorporação das classes mais baixas “numa sociedade caracterizada pela cidadania restritiva marcada por diferenças sociais” (FRANCO JR., 2007, p. 66).

Nesse cenário de mudanças, a atividade editorial também começou a avançar fronteiras e ir além do eixo Rio-São Paulo. Foi então que um livro de futebol fora publicado no Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, em 1912: trata-se do livro *Guia de football*, de O. T. de Oliveira, editado pela Universal. Infelizmente, não foram encontradas informações sobre o autor e nem vestígios sobre a obra, apenas uma menção a ela em um trabalho acadêmico, em que consta uma listagem de livros vendidos pela Livraria Universal entre 1887 e 1934.⁴⁵

No período da República Velha (1889-1930) a atividade editorial desenvolveu-se bastante no Rio Grande do Sul, bem mais tarde que em São Paulo e Rio de Janeiro, e a principal editora existente por lá era a Livraria Americana, também estabelecida em Pelotas, desde a década de 1880. Não se têm informações sobre a Universal em Hallewell (2012), mas segundo Segovia (2014), ela foi um grande centro difusor de leitura e oferecia amplo espaço e sortimento de livros na época. O mercado editorial, na região, crescia muito mais por causa do desrespeito aos direitos autorais, pois os editores sulistas imprimiam várias obras de editoras de outros estados sem autorização, “protegidos por uma constituição positivista” (HALLEWELL, 2012, p. 433). É válido destacar que já existiam no estado gaúcho vários clubes surgidos na primeira década, em especial o Grêmio (1903) e o Internacional (1909).

Nessa nova década, outros nomes importantes na imprensa esportiva, incluindo futuros autores de livros de futebol, foram aparecendo, como Antônio Figueiredo, Paulo Várzea e Leopoldo Sant’Anna. Como Cardim já havia aberto o caminho para o futebol nos jornais, a vida de outros redatores foi facilitada dali em diante. A imprensa já estava mudando a forma

⁴⁵ Trata-se do trabalho “O papel desempenhado pela Livraria Universal na cidade de Pelotas no período de 1887 a 1934”, de Gigliane Ferreira Segovia, dissertação do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas, publicada em 2014. Essa pesquisa não foca a Universal como editora.

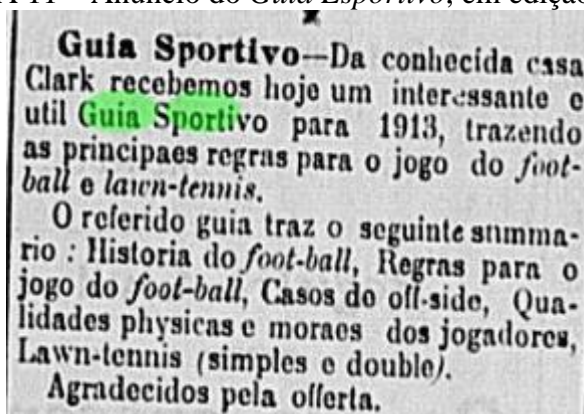
de construir as notícias e começou a reverenciar não só o futebol, mas também os jogadores de destaque. Os jornalistas passaram a trabalhar em período integral para conseguir cobrir os jogos, e notícias de futebol nas capas dos jornais já não causava estranheza ao público. Em 1912, por exemplo, o *Jornal do Brasil*, o mais vendido do Rio, implementou uma coluna exclusiva para esportes. Já o *Correio da Manhã*, em 1913, patrocinou uma disputa entre times paulistas e cariocas, além de sugerir a montagem de uma seleção composta por jogadores dos dois estados para disputa da Copa Júlio Roca, em 1914, na Argentina – um “embrião” da seleção brasileira. Surgiram, ainda, vários jornais: *Brasil Esportivo*, *São Paulo Esportivo*, *Semanário Ilustrado Sport* e *A Chronica Sportiva* (RIBEIRO, 2007).

A produção editorial esportiva, portanto, estava a todo vapor. A imprensa intensificava seu envolvimento com o futebol, novos jornalistas integravam-se a esse cenário e o mercado de livros também teve um desenvolvimento significativo nessa década, a começar pelas taxas de importação, que foram diminuídas para livros comuns, de encadernação normal. Em 1912, o custo era de 150 réis por quilo, mais 10%, segundo o que consta nas tabelas disponibilizadas por Hallewell (2012).

3.4.1 “*Guia Sportivo*”, de Mário Cardim (1913)

Nesse contexto de desenvolvimento da imprensa esportiva, Mário Cardim publicou nova edição do *Guia Esportivo*, em 1913, que, dessa vez, não retratava somente as regras do futebol, mas também as de *Lawn-tennis* (simples e double), como é possível ver em um anúncio da época.

FIGURA 11 – Anúncio do *Guia Esportivo*, em edição de 1913



Fonte: *A República*, PR (01/03/1913) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Diferentemente dos primeiros guias, que não traziam a história do futebol, no anúncio é possível ver que essa nova edição apresentava um capítulo só para isso. Ademais, a Casa Clark, loja de artigos esportivos, novamente entra em cena auxiliando na propaganda do livro pelo Brasil, tanto que enviou o exemplar indicado no anúncio para o jornal *A República*, do estado do Paraná. Registra-se, na lista do CRFB, que o novo *Guia* também tenha sido publicado pela Casa Vanorden. Não foram encontradas mais informações sobre ele nem fotografias da edição.

O foco desses primeiros livros nas regras e, em menor medida, na história inicial do futebol no Brasil enfatizava o desejo de educar o público sobre como se jogava o esporte e mostrava a importância de condensar as informações em um material diferente dos jornais. O produto *livro*, dessa forma, aparecia como uma formação discursiva literária diferente da imprensa – embora integrantes do mesmo sistema de escrita, não se confundem, e o público e o alcance se distinguem (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011). Anunciar a publicação de um livro nos jornais demonstra não só a intercomunicabilidade entre imprensa e literatura – apesar de os livros de futebol não terem caráter literário naquela época –, mas também o “compromisso” dos jornais em financiar, de certa forma, essas publicações (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011), ainda que apenas por meio da propaganda e do aviso de recebimento de um título importante.

Essa relação de coexistência entre a literatura e a imprensa, é claro, colaborou bastante para que o mercado editorial se desenvolvesse. No ano seguinte à publicação dessa nova edição do *Guia Esportivo*, de Cardim, iniciou-se a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que afetou a indústria brasileira e atingiu a produção de livros e jornais, devido à dificuldade ou à impossibilidade de importar papel e outros materiais necessários. Mas isso, ao mesmo tempo, deu gás para o desenvolvimento interno, “na medida em que produtos locais foram substituindo cada vez mais produtos importados não disponíveis” (HALLEWELL, 2012, p. 347). Nesse período da Guerra, e até um pouco depois, em 1920, a indústria manufatureira de São Paulo havia crescido em média 25% ao ano, o que certamente beneficiaria a atividade editorial do país, mas até 1917, devido à morte do importante editor de livros didáticos, Francisco Alves, nenhum benefício apareceu. A linha editorial de livros didáticos mostrava-se segura e permanente, assim como a de livros de Direito e legislação, e fazia com que editores nacionais levassem vantagem sobre os concorrentes estrangeiros, porque os livros eram

adaptados ao contexto local (HALLEWELL, 2012). Alves ainda abrangia a escola primária, então o domínio do mercado livreiro e o desenvolvimento editorial de certa forma concentravam-se nas mãos dele e de outros editores como Garnier e Laemmert, já mencionados, profissionais que não se aventuravam além desses campos mais seguros, apenas casualmente e de forma secundária. Ademais, a pouca bibliografia brasileira compreensiva tratava-se, em sua maior parte, de livros de poesia. Nesse momento, segundo Hallewell (2012, p. 347)

a situação do comércio de livros era extremamente desalentadora. Eram poucos os pontos de venda de varejo e praticamente limitados aos bairros mais ricos do Rio e de São Paulo; a maior parte dos negócios estava baseada na importação, principalmente de Portugal e da França.

Foi então que um grande nome apareceu para mudar esse contexto: José Bento de Monteiro Lobato, fazendeiro e cafeicultor paulista, que em 1917 “deu os primeiros passos para o renascimento da atividade editorial brasileira e que iriam revolucionar as perspectivas do autor brasileiro” (HALLEWELL, 2012, p. 349). Escritor já experiente, mas ainda desconhecido, fez sucesso com seu tom literário de escrita no jornal *O Estado de S. Paulo*, com uma carta de crítica à derrubada e às queimadas de árvores, em 1914. Mas foi em 1917 que, após vender sua fazenda no interior e ir morar na capital paulista, usou parte do dinheiro adquirido para financiar a publicação de seu livro *Saci-Pererê: Resultado de um Inquérito* e de uma coletânea de doze contos, ambos impressos na própria gráfica do jornal. Livro de trezentas páginas e repleto de ilustrações, publicado sob pseudônimo Demonólogo Amador, fez muito sucesso e teve suas edições esgotadas em 1918. Já a coletânea de contos, em seu próprio nome, vendeu mil exemplares em um mês, e até 1923 vendera 30 mil exemplares, número impensável para a época (HALLEWELL, 2012).

Surpreendido com o sucesso, Lobato começou a revolucionar todos os aspectos da indústria. A falta de pontos de vendas era o maior problema enfrentado pelos livros, mas a propaganda boca a boca e a natureza revolucionária de seus livros, como *Urupês*, de mensagem nacionalista e de grande significado para a história cultural brasileira, deu novos rumos ao mercado. Naquele momento, em que existiam apenas 30 (trinta) livrarias em todo o país, ele começou a resolver a questão da distribuição, aumentando para 200 (duzentos) o número de ponto de vendas dos livros. Fez isso com a ajuda da rede de distribuição da *Revista do Brasil*, que ele comprou, em 1918 – revista de boa reputação, mas que não fazia sucesso comercial. A partir daí, escreveu a todos os agentes postais do Brasil, cerca de 1.300, solicitando nome e

endereço de bancas de jornal, papelarias, farmácias ou armazéns. Quase todos eles o responderam, o que gerou uma lista de 2 mil distribuidores no país. Em sua atuação como editor, Lobato lançava novos autores e ainda pagava direitos autorais antecipadamente. Durante os sete anos da primeira aventura editorial, Lobato, portanto, revolucionou todos os aspectos da indústria, transformando a literatura em mercadoria, “satisfazendo ou criando a demanda de um contingente de consumidores” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2002, p. 11). Ele foi o responsável por lançar até Lima Barreto, o qual era contra o futebol.

Apesar, então, de a Guerra ter afetado a indústria e o comércio brasileiros, incluindo os de livros, a produção não parou, e as ações de Lobato só facilitavam cada vez mais a chegada do livro e da leitura pelo Brasil. Nos anos de 1915 e 1916, publicaram-se mais três livros de regras de futebol, dos quais não foram encontradas informações mais precisas, nem mesmo sobre sua autoria: *Regras de football*, pela Rochfort (1915), que não se sabe se era tipografia ou editora; *Regras officiaes de todos os sports*, editado pela Casa do Sportman; e *Guia Brasileiro de Foot-ball Associação*, pela casa Fuchs (1916), conforme anúncio a seguir.

FIGURA 12 – Anúncio do *Guia Brasileiro de Foot-Ball Associação*, de 1916



Fonte: *Correio Paulistano*, SP (10/03/1916) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Nesse informativo, é possível ver que iniciava uma nova fase em relação aos livros de regras. Os guias e manuais já estavam preocupados em traduzir cada vez mais os termos técnicos utilizados no futebol e aportuguesar alguns, tendência que no final da década ficou ainda mais forte.

Em 1917, a necessidade de criar melhores condições para quem trabalhava com a redação esportiva e de estabelecer um padrão para o trabalho dos jornalistas, já que estavam surgindo muitas publicações sobre o assunto, foi percebida também por Mário Cardim. Ele então criou a Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo, mesmo ano em que foram criadas também as revistas *Cigarra Esportiva*, em São Paulo, e *Vida Esportiva*, no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2007).

Também com a crescente imigração em São Paulo, principalmente de italianos, surgiu o jornal *Fanfulla*, para noticiar sobre tantos estrangeiros, incluindo os fundadores do Palestra Itália, futuro Palmeiras. Ele posteriormente se tornaria o maior de circulação da década de 1920. Nesse momento, ainda, o jornal *A Noite*, do Rio, já rodava em quatro edições diárias, o que permitia que os torcedores soubessem dos resultados das partidas em apenas quatro horas (RIBEIRO, 2007).

Cardim continuava envolvido intensamente com a disseminação do futebol e em intenso contato com os jornais cariocas. Tornou-se representante do Fluminense, do Rio, em São Paulo, e tinha contato muito próximo com Coelho Neto, jornalista, poeta e romancista muito respeitado na imprensa e que foi tão importante para o futebol carioca quanto Cardim para o paulista. O intelectual era apaixonado pelo Fluminense e teve uma relação intensa com o futebol: perdeu o irmão mais velho, Mano, em 1922, após uma grave contusão em campo – o que originou o livro de poesia *Mano*, lançado em 1924, abordado mais adiante, nesta pesquisa –, e depois teve a alegria de ver o irmão Preguinho se tornar ídolo do futebol fluminense e marcar o primeiro gol da Seleção Brasileira em 1930 (RIBEIRO, 2007).

O grande problema do envolvimento de Coelho Neto com o futebol nesse início é que ele tinha a convicção de que não podia haver analfabetos nos times para não desmoralizar o esporte e não aceitava os mais pobres jogando as ligas esportivas. Nos jornais, disseminava essas ideias entre a população, apesar do grande apoio ao futebol em si. Seus textos, publicados em jornais cariocas, começaram a ser debatidos por Lima Barreto,⁴⁶ intelectual à sua altura, mas que era contra o futebol e responsável por criar a Liga Brasileira contra o Futebol – que originou o livro *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, de 1921,

⁴⁶ Para compreender melhor essa “briga” entre os escritores, “o cartola e o anticartola”, sugere-se a leitura de *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*, de Mauro Rosso, publicado em 2010 pela Difel.

escrito por Carlos Sussekind de Mendonça, seu apoiador – também abordado mais adiante, nesta pesquisa.

A imprensa esportiva apresentava ainda grande evolução. O jornal carioca *O Paiz*, por exemplo, em 1917, inovou colocando em sua fachada um painel informativo sobre partidas de futebol, o que reunia um grande número de torcedores na porta da redação e propagava de forma ainda mais rápida as notícias do que o jornal *A Noite*, mencionado anteriormente. No mesmo ano, surgiram, ainda, mais duas publicações: *A Época Sportiva* e *O Diário Desportivo*. Em São Paulo, por sua vez, Américo Netto, substituto de Cardim n’*O Estado*, criou a revista *Sports* (RIBEIRO, 2007). Vê-se, então, que a profusão de jornais e revistas estava ficando cada vez mais intensa e que, de fato, a criação, por Cardim, da Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo foi assertiva.

3.4.2 “O futebol em S. Paulo”, de Leopoldo Sant’Anna (1918)

Em 1918, o papel para jornal estava livre de impostos de importação. Com o crescimento da imprensa e o surgimento de muitos periódicos, essa era uma boa notícia. Apesar disso, os impostos sobre o papel para livros foram aumentados (HALLEWELL, 2012).⁴⁷ Naquele ano, então, houve uma grande renovação no mercado editorial comandada pelo audacioso Cásper Líbero,⁴⁸ diretor e proprietário do jornal *A Gazeta*, de São Paulo, tornando-o forte concorrente d’*O Estado de S. Paulo* e um dos maiores órgãos de imprensa da época: para a modernização do jornal, importou rotativas da Alemanha, substituiu o telégrafo pelo teletipo e estabeleceu o uso de novas técnicas de gravura, composição e impressão gráfica, a primeira em cores no país. Além disso, desenvolveu uma nova dinâmica para o transporte e a distribuição do jornal, o que permitiu que os exemplares chegassem aos leitores em tempo recorde (RIBEIRO, 2007).

⁴⁷ Segundo informações nas tabelas de Hallewell (2012), o preço, em 1918, de importação de polpa era de \$010 por quilo, mais 10%; de outros papéis de impressão, era de \$300 por quilo, mais 25%; de papel para encadernação, \$500 por quilo, mais 50%; e de papel para escrever, \$200 por quilo, mais 25%.

⁴⁸ Casper Líbero (1889-1943) nasceu em Bragança Paulista. Formou-se aos 19 anos pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, mas atuou apenas dois anos na profissão. Trabalhou em uma filial d’*O Estado de S. Paulo* no Rio e, posteriormente, fundou o jornal *Última Hora*, de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro. Aos 23 anos, criou a primeira agência de notícias do estado de São Paulo, a Americana, de notícias 100% nacionais. Em 1918, comprou o jornal *A Gazeta*, fundado em 1906, e realizou sua modernização. Apaixonado por futebol, ele sonhava em criar um jornal sobre esportes, o que não demorou a ocorrer, com a implementação da coluna *A Gazeta Esportiva*, que se transformou em jornal e circulou de 1947 a 2001 e se tornou, na época, o mais importante sobre esportes da América Latina (RIBEIRO, 2007).

Essa visão de mercado de Líbero contribuiu para que novos nomes na imprensa esportiva obtivessem sucesso, e um deles foi Leopoldo Sant'Anna. Amigo de Mário Cardim, Leopoldo Sant'Anna nasceu em Niterói, no Rio de Janeiro. Mudou-se cedo para a capital paulista, onde exerceu o magistério no Colégio São Paulo e na Escola Padre Anchieta. Como era apaixonado por futebol, procurou emprego em jornais da capital paulistana no intuito de escrever sobre o tema. Em 1915, começou a escrever no jornal *A Gazeta*. A repercussão de seu trabalho, porém, só veio com o sucesso do jornal promovido por Cásper Líbero, três anos depois, e Sant'Anna ganhou bastante notoriedade na imprensa quando publicou o livro *O futebol em S. Paulo: notas crítico-biographicas dos principais jogadores paulistas antigos e modernos* (RIBEIRO, 2007), impresso pela Typographia Piratininga, o primeiro com o assunto “História” até então registrado nos dados do CRFB.

FIGURA 13 – Nota sobre o livro *O football em S. Paulo*, de 1918

UM LIVRO UTIL E CURIOSO —
O "FOOTBALL EM S. PAULO",
POR LEOPOLDO SANT'ANNA

Do "Correio da Manhã":
"Recbemos o interessante livro in-
titulado "O football em S. Paulo",
que acaba de ser publicado no vizi-
ho Estado. A obra, que consta de
pletas notas crítico-biographicas
dos principaes jogadores paulistas,
antigos e modernos, tem como autor
sr. Leopoldo Sant'Anna, nosso pre-
do collega da imprensa paulista.
O trabalho é interessante e util,
visto que, preenchendo perfeitamente
os fins visados pelo autor, constitue
um guia excellent e commodo, sob
o molde de dictionario biographico
dos mais notaveis jogadores de foot-
ball da cidade campeã.
Está confeccionado com apuro e
criterio e, pelo seu mérito incontestavel,
destina-se a um grande successo.
Representa relevante serviço prestado
não só ao football de S. Paulo, mas
ao do Brasil.
Agradecemos o exemplar que at-
tenciosamente nos foi enviado pelo
sr. Leopoldo Sant'Anna."
— Esta obra está á venda na
"Gazeta" e nas nossas principaes li-
vrarias, a 2\$300 o volume.

Fonte: *A Gazeta*, coluna "Sport", SP (03/05/1918).

Vendido a 2\$300, na sede d'*A Gazeta* e nas “principais livrarias”, o livro de Sant'Anna era definido como um “dicionário biográfico dos jogadores mais notáveis da cidade”. A nota, publicada n'*O Correio da Manhã*, foi replicada pelo jornal e destacava o trabalho de Sant'Anna como um “relevante serviço prestado ao futebol” de São Paulo e do Brasil. Não foram encontradas fotografias da obra.

Mesmo com a grande importância e contribuição de Leopoldo Sant’Anna para o futebol e para o esporte de um modo geral, não há notas biográficas mais completas sobre o autor. Nem mesmo suas datas de nascimento e de morte foram encontradas no decorrer desta pesquisa. O que se diz a seu respeito é que, em 1922, ele publicou também o regulamento brasileiro de basquete e, ainda, regras do pingue-pongue. Publicou mais livros adiante, como *Regras de football: referee’s chart*, em 1919, do qual não foram encontradas informações; *Veteranos e Campeões*, em 1924; *Supremacia e decadência do nosso futebol*, em 1925; e *Regras officiaes do futebol associação*, em 1929 – abordados mais à frente, neste estudo. Tendo se consagrado na crônica esportiva, deu lugar, posteriormente, a Thomaz Mazzoni, que viria a ser a maior referência em jornalismo esportivo, junto a Mário Filho, e o maior autor de livros de futebol de todos os tempos.⁴⁹

Na imprensa paulista, no mesmo ano de publicação do primeiro livro de Leopoldo Sant’Anna, também havia aparecido outro nome que contribuiu para registrar a memória do futebol: Antônio Figueiredo, também amigo de Mário Cardim.

3.4.3 “História do foot-ball em S. Paulo” (1918) e “Resumo histórico do Club Athletico Paulistano” (1918), de Antônio Figueiredo

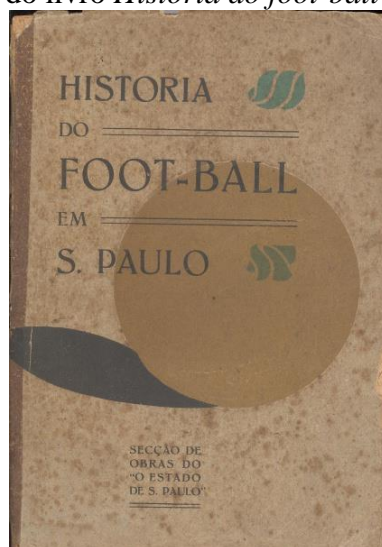
N’*O Estado de S. Paulo*, concorrente d’*A Gazeta*, surgira Antônio dos Santos Figueiredo (1892-1942), nascido em São Paulo, no bairro da Consolação. Ao que consta em Gambeta (2014), ele não era da elite paulista, mas sim de família de trabalhadores portugueses, filho de Ricardo dos Santos Figueiredo, operário-marceneiro, que morreu quando ele tinha sete anos de idade, e de Maria dos Santos Figueiredo. Ele morava em um local sem calçamento e habitado por descendentes de escravos.

Figueiredo estudou no externato da Escola Americana, oferecida por presbiterianos a pessoas pobres. Não recebia aulas de educação física como os alunos internos, que podiam almejar fazer parte da Associação Athletica Mackenzie College. Mas, com grande desejo de jogar bola, inscreveu-se na seção infantil do Sport Club Internacional, cujos treinos ocorriam na rua

⁴⁹ Parte das informações desse parágrafo está contida no blog *Literatura na Arquibancada*: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/04/thomaz-mazzoni-o-jornalista-esportivo.html>>. Acesso em: 12 jan. 2018. Também foi possível confirmar essas informações por meio da Hemeroteca Digital Brasileira.

da Consolação, naquela época. Aos 15 anos, em 1907, foi trabalhar como revisor na redação d’*O Estado de S. Paulo*, onde seu irmão, Ricardo, cinco anos mais velho, o chefiou. Ricardo inclusive chegou à direção do jornal. Em melhores condições financeiras, Antônio pôde formar-se em Direito, em 1916 (GAMBETA, 2014). Dois anos mais tarde, publicou *História do foot-ball em S. Paulo* e *Resumo histórico do Club Atlético Paulistano*, respectivamente, o segundo livro com o assunto “História” e o primeiro de “Clubes”, até então registrado pelo CRFB.

FIGURA 14 – Capa do livro *História do foot-ball em S. Paulo*, de 1918



Fonte: Babel Leilões.⁵⁰

Em relação ao livro *Resumo histórico do Club Atlético Paulistano*, ele se encontra integralmente transcrito em Gambeta (2014). Não há fotos da obra; apenas é destacado que ela se encontrava muito fragilizada e não pôde ser digitalizada assim como ocorreu com a quarta edição do *Guia de football*, de 1906.

Ainda no ano de 1918, no cenário histórico brasileiro, e até mundial, com a chegada do navio Demerara, ocorreu uma epidemia devastadora. Trouxeram, por meio dele, a gripe espanhola, que matou 20 milhões de pessoas no mundo todo em apenas quatro meses. No Brasil, foram 300 mil, incluindo o Presidente da República, recém-eleito, Rodrigues Alves. Por esse motivo, o país ficou devastado, as redações ficaram vazias, os campeonatos foram paralisados, inclusive o Sul-Americano, adiado para 1919. A economia corria risco de um colapso, e com essa crise instaurada ficou difícil cobrir jogos. Mas a união da Associação dos

⁵⁰ Disponível em: <<http://babelleiloes.com.br/peca.asp?ID=61662&ctd=428&tot=&tipo=10>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

Cronistas Esportivos mobilizou o resgate do interesse pelo futebol e do seu retorno às capas de todos os jornais, após a epidemia (RIBEIRO, 2007).

Nesse tempo, surgiu o primeiro grande astro do futebol brasileiro, filho de alemão e de uma negra brasileira: Arthur Friedenreich. Ele começou atuando no Germânia, em 1910; em 1912, foi para o Mackenzie, onde se tornou artilheiro; em seguida, jogou no Ypiranga e na seleção de cariocas e paulistas que enfrentaram o Exeter City, em 1914, início da internacionalização dos jogos e princípio da criação da seleção brasileira. Segundo Ribeiro (2007, p. 52),

Fried (...) começou a brilhar no futebol brasileiro exatamente no momento em que os principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo discutiam a participação no futebol dos negros, proibidos até 1917 pela Federação Brasileira de Sports, de participar de qualquer competição esportiva.

De olhos verdes, ele até tentava alisar seus cabelos para disfarçar sua negritude, conforme informações de Guterman (2010), mas ninguém podia negar seu bom futebol e sua raça em campo, que viria a dar a vitória ao Brasil no campeonato Sul-Americano, em 1919, o primeiro internacionalmente vencido pelos brasileiros. A inclusão de negros no esporte, amplamente discutida, estava atrelada à inclusão dos pobres na prática do futebol. E a imprensa colaborava bastante para acirrar essa discussão, principalmente porque buscava destacar apenas times da elite cafeeira. O jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, enfatizava em demasia o Paulistano, que ganhara todos os títulos até 1919. Apresentava-se, portanto, pouco espaço para os outros times, em especial os da várzea (RIBEIRO, 2007).

A competição do Sul-Americano trouxe uma primeira ideia de união nacional, produzida pela disputa internacional, além de ter dado uma noção do que viria a ser a identidade brasileira sob a figura do negro, a partir de Friedenreich, e também evidenciou o interesse e a conquista de cada vez mais torcedores para o esporte. Após o campeonato, as disputas locais continuaram ocorrendo, e novas ações dos jornais, que estavam sendo vendidos “como água”, ajudavam a lotar os campos e as ruas das cidades. Com a contribuição da Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo, por exemplo, começaram a ser promovidas caravanas para levar ao campeonato paulista torcedores, jornalistas e dirigentes. No Rio, o jornal *O Paiz*, inovou colocando em sua fachada um painel informativo sobre partidas de futebol, o que reunia um grande número de torcedores na porta da redação e propagava de forma ainda mais rápida as notícias (RIBEIRO, 2007).

Nessa época, em que a população de São Paulo já passava dos 600 mil habitantes, ainda nasceram mais publicações esportivas: *A Época Sportiva* e *O Diário Desportivo*. Em São Paulo, por sua vez, Américo Netto, substituto de Cardim n’*O Estado*, criou a revista *Sports* (RIBEIRO, 2007). Vê-se, então, que a profusão de jornais e revistas estava ficando cada vez mais intensa e que, de fato, a criação, por Cardim, da Associação dos Cronistas Esportivos foi assertiva.

Em 1919, ainda foi publicado um livro chamado *Plano para apostas em matches de football*, de Constantino Rodrigues. Não foram encontradas informações sobre esse livro para além dos dados de registro do CRFB, nem sobre o autor, mas é possível dizer que o futebol, tanto editorial quanto mercadologicamente em um sentido mais amplo, passou a ser explorado até mesmo em apostas lotéricas. Esse é o único livro da lista do CRFB, até 1930, com o assunto “Loteria”, e pode ser que tenha obtido sucesso porque os olhos estavam cada vez mais voltados ao esporte no Brasil, e a imprensa faturava alto após o Sul-Americano (RIBEIRO, 2007).

Com o surgimento de tantas revistas e jornais, a Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo estava se fortalecendo, e começaram a ver a necessidade de padronizar o vocabulário do futebol. Para isso, a associação se reuniu a fim de publicar um dicionário, até mesmo para conquistar mais leitores entre a minoria de brasileiros alfabetizados (RIBEIRO, 2007), que, segundo o Censo Demográfico do IBGE, em 1920, ainda era de apenas 35% da população – o número de analfabetos teve uma redução de apenas 0,3% em relação à década anterior.⁵¹ Esse dicionário fora publicado apenas em 1922 e trata-se do *Diccionario do futebol*, de Guy Gay, pela editora Monteiro Lobato & Cia., considerado, nos dados do CRFB, como livro de “Referência”.

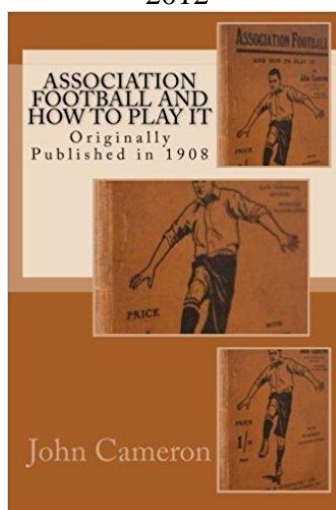
⁵¹ Informação extraída do Mapa do Analfabetismo no Brasil, do Ministério da Educação. Disponível em: <<https://goo.gl/8JBkGv>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

3.4.4 “Association football e como é jogado”, de John Cameron (1919)

Antes do campeonato Sul-Americano, que ocorrera em maio de 1919, uma tradução de um livro foi publicada por Walter de Azevedo,⁵² o “Waldaz”: trata-se da obra *Association football and how to play it*, de John Cameron (1872-1935), originalmente de 1908.

Cameron foi um futebolista e jornalista escocês, funcionário de uma linha de expedição e que jogou futebol como amador no Queen’s Park Football Club, em Glasgow, na Escócia. Em 1895, juntou-se ao Everton Football Club, em Liverpool, na Inglaterra. Em 1898, no mesmo ano em que ingressou no Tottenham Hotspur, em Londres, ajudou a fundar o sindicato Association Footballers’ Union (AFU), do qual se tornou secretário da união, com o intuito de lutar por melhores salários para os jogadores de futebol. Já em 1899, foi nomeado jogador-gerente do Tottenham, levando a equipe ao título da Southern League em 1900. Enquanto também jornalista, escrevia para vários periódicos da época. Em 1907, foi para a Alemanha atuar como técnico e quando a Primeira Guerra Mundial começou, em 1914, viu-se internado no Campo de Detenção de Ruhleben. Após o Armistício, Cameron voltou para a Escócia e, em 1919, tornou-se gerente do Ayr United. Depois de um ano, renunciou ao cargo para se tornar um jornalista profissional em tempo integral.⁵³

FIGURA 15 – Capa do livro *Association football and how to play it* (1908), em edição de 2012



Fonte: Amazon.co.uk.

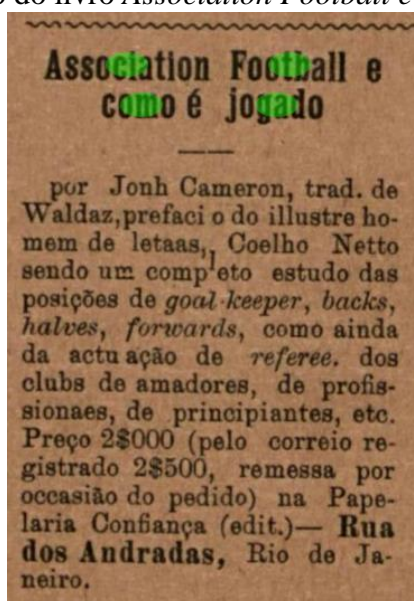
⁵² Não foram localizadas informações sobre Walter de Azevedo. O apelido “Waldaz” foi encontrado em um anúncio do livro, na Hemeroteca Digital Brasileira.

⁵³ As informações sobre o autor foram encontradas no site: <<http://spartacus-educational.com/EVERTONcameron.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

Apesar de não haver fotografias da capa do livro original inglês e nem da publicação no Brasil, em 1919, ele foi bastante divulgado e parece ter sido sucesso – tanto que fora reproduzido em 2012 pela CreateSpace Independent Publishing Platform, uma “self publishing”, companhia da Amazon. A editora ressalta que esse trabalho de reedição é “culturalmente importante” e que optou por imprimi-lo novamente “como parte do compromisso contínuo com a preservação de obras impressas em todo o mundo”, ainda que com as muitas imperfeições que se encontravam nas páginas da obra.⁵⁴

No Brasil, o livro, editado pela Papelaria Confiança, teve grande destaque na revista *Vida Sportiva*, no Rio de Janeiro, em 1919. Em maio, a revista publicou o seguinte anúncio:

FIGURA 16 – Anúncio do livro *Association Football e como é jogado*, de 1919



Fonte: Revista *Vida Esportiva*, RJ (05/1919) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Constam vários desse mesmo anúncio na *Vida Sportiva*, em diferentes datas, localizados na Hemeroteca Digital. Portanto, sua divulgação foi intensa, tendo sido considerado como um “estudo completo” das posições de jogadores e da atuação do árbitro. Era vendido a 2 mil réis – e mais 500 réis para postagem pelo correio. Ademais, uma informação impossível de ignorar sobre esse livro é com relação ao prefácio de Coelho Neto, “ilustre homem de letras” e grande cartola do futebol carioca.

⁵⁴ As informações foram extraídas de: <<https://www.amazon.co.uk/Association-Football-Play-John-Cameron/dp/1478106735>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

Em um anúncio d'*O Paiz*, um mês antes do lançamento do livro, o jornal carioca destaca que o “interessante” e “útil” livro seria proporcionado aos leitores por Walter de Azevedo no mês de abril e ainda indica todo o conteúdo da obra.

FIGURA 17 – Anúncio da futura publicação de *Association Football e como é jogado*, de 1919

Um novo livro sobre Foot-ball — Walter de Azevedo proporcionará brevemente aos nossos leitores um interessante livro sobre o “Foot-ball Association”, como se o deve jogar.

Este livro compor-se-ha de duas partes, sendo a primeira sobre “O foot-ball association e como jogai-o”, tradução do livro inglês, de igual título, de John Cameron, captain do Fottenham Hotspurs (várias vezes campeão da Inglaterra), e secretario da União dos jogadores :

Historia, goal-keeper, backs, halves, forwards, referee, amadores profissionaes, infantis, Progresso do foot-ball no Continente europeu, etc.

2. O foot-ball brasileiro, por Waldaz.

1. O foot-ball em S. Paulo.
2. O foot-ball no Rio.
3. Biographica-critica dos maiores jogadores brasileiros, Francisco Bueno Netto, Joaquim Ferreira, Emmanuel Nery, Rubens Salles, Amílcar Balbuy, Arthur Friedenreich, Orlando Pereira, Sergio Pereira, Carlitos Aranha, Dionysio dos Santos, Heitor Domingues, Caetano Izzo, Picagli, Arnaldo Patusca, Manoel Nunes (Néco), Ary Patusca, Ophrodísio Xavier (Formiga), Sylvio Lagreca, Luiz Palamone, Osny, Werner, Octavio, Bicuão, Marcos Mendonça, Armando de Almeida (Gallo), Luiz Menezes, Zézé, Luis de Moraes Castro, Oswaldo Gomes, Carlos Martins Rocha, Petiot, Benjamin Soré (Mimi), Hugo de Moraes, Guilherme Witte e outros.
4. Miscellanea.

A primeira parte já se acha impressa e a segunda no prelo.

Este interessante e util livro será posto em circulação no mez, de abril proximo.

Fonte: *O Paiz*, RJ (23/03/1919) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Além da tradução do original de John Cameron, como é possível ver, Waldaz também adicionou informações sobre a história do futebol no Rio, em São Paulo e notas biográficas sobre diversos jogadores. Dada a ótima divulgação, pode ter tido grande êxito, pois, de fato, trata-se de uma obra completa, ainda mais que se relaciona a um célebre esportista escocês, ali indicado como “várias vezes campeão da Inglaterra” e “secretário da União dos jogadores”, o que dava maior credibilidade ao livro.

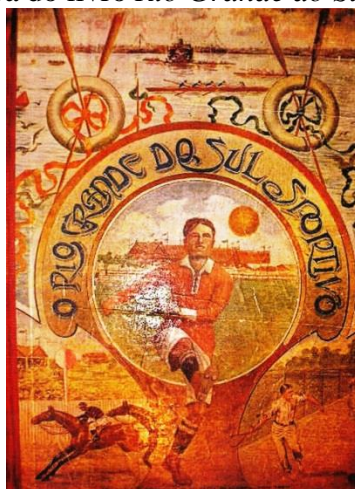
3.4.5 “Rio Grande do Sul sportivo”, de Antenor Lemos (1919)

O último livro da década, de acordo com os registros do CRFB, *Rio Grande do Sul Sportivo*, foge do eixo Rio-São Paulo e retorna ao mercado editorial sulista. Com conteúdo além do futebol, ele fora publicado pela Globo, importante livraria de Porto Alegre, que editava de

maneira esporádica e deu início a um programa editorial regular apenas em 1928 (HALLEWELL, 2012).

O estado do Rio Grande do Sul continuava a ser uma exceção em relação à atividade editorial e, ao longo de todo o século XX, “foi o único que conseguiu repercutir suas publicações em âmbito nacional, em razão de empreendimentos planejados da editora Globo e da L&PM” (EL FAR, 2006, p. 44)

FIGURA 18 – Capa do livro *Rio Grande do Sul sportivo*, de 1919



Fonte: Blog *Museu Virtual do Futebol*.⁵⁵

Segundo informações do blog *Museu Virtual do Futebol* (ou “Relíquias do Futebol”, conforme seu endereço de acesso), encabeçado pelo repórter e pesquisador Nilo Dias Tavares, parecem existir apenas 6 (seis) exemplares desse livro. Tavares afirma ter recebido de Sandra Frank um exemplar fotocopiado do livro, cuja parte relacionada ao futebol ele disponibilizou integralmente em seu blog. Ela é filha de um goleiro chamado Frank, que atuou pelo Grêmio Esportivo Brasil e foi campeão gaúcho de 1919.⁵⁶

Um dos autores do livro, Antenor Ribeiro Lemos, foi um *sportsman* (jogador) conhecido, de nome ligado à história da implantação do futebol na região Sul, segundo informações do jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre, em 1918. Ele também colaborou para a coluna esportiva do jornal e sua opinião em assuntos sobre a educação física era bastante respeitada.⁵⁷

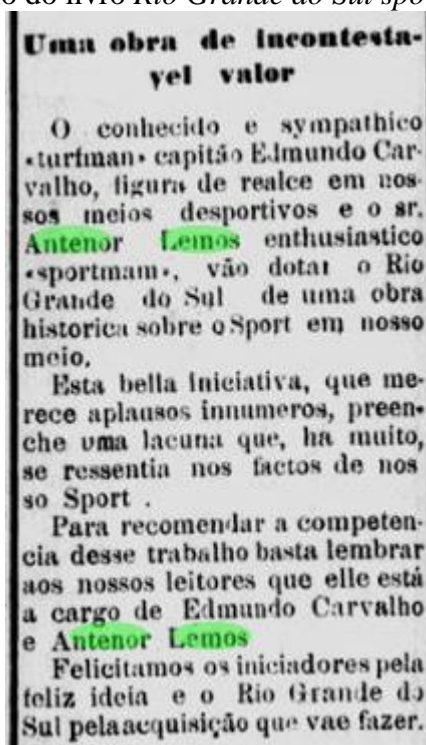
⁵⁵ Imagem extraída do link: <<http://reliquiasdofutebol.blogspot.com/2013/06/livro-rio-grande-do-sul-sportivo-i.html>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

⁵⁶ Informações extraídas do mesmo link.

⁵⁷ Informações encontradas na Hemeroteca Digital Brasileira, mas que não serão colocadas como figura na pesquisa. Para acesso direto, o link é: <<https://goo.gl/niwYie>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

Informações mais detalhadas sobre ele não foram encontradas. O livro teve ainda a contribuição de Edmundo Carvalho, conforme anúncio a seguir. Este era jogador de turfe, e não foram obtidos mais dados sobre ele.

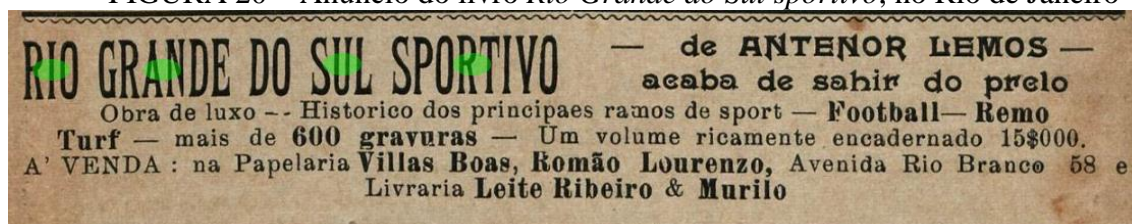
FIGURA 19 – Anúncio do livro *Rio Grande do Sul sportivo*, em jornal gaúcho



Fonte: Jornal *O Exemplo*, RS (1918) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Importante referência, o livro foi considerado pelo jornal como uma “bela iniciativa”, que vinha “preencher uma lacuna” que se encontrava nos registros sobre o esporte. A nota fora feita antes de sua publicação. Como prova da repercussão nacional que a edição no Sul possuía, a revista *Vida Sportiva*, do Rio de Janeiro, chegou a publicar um anúncio sobre o livro, mas apenas em 1920.

FIGURA 20 – Anúncio do livro *Rio Grande do Sul sportivo*, no Rio de Janeiro



Fonte: Revista *Vida Sportiva*, RJ (1920) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Tratava-se de uma edição de luxo, caríssima para a época (15\$000), em volume “ricamente encadernado”. Como também é possível ver no anúncio, a obra possuía informações

históricas de futebol, remo e de turfe e reunia mais de 600 imagens. Acredita-se que o livro tenha tido êxito, até mesmo por ter sido publicado em edição luxuosa e ter um conteúdo completo, em cores, como se percebe pela qualidade da capa, na figura apresentada acima.

No ano de 1919, como foi possível perceber, o futebol começou a fazer mais sucesso em todo o Brasil e a envolver mais a imprensa, os jornalistas e os editores na disseminação da palavra esportiva. Alguns intelectuais, por sua vez, incomodavam-se com a repercussão do jogo. Graciliano Ramos, por exemplo, apesar de não ser contra o futebol, afirmava que ele era “um efêmero modismo estrangeiro”. Rui Barbosa, por sua vez, intitulava os jogadores como “uma corja de malandros e vagabundos” (FRANCO JR., 2007, p. 69). Curiosamente, é deste o parecer do principal livro sobre atividades esportivas editado no Brasil no fim do século XIX, *O manual de ginástica escolar*, de 1882 (SANTOS NETO, 2002). No entanto, o futebol provava cada vez mais a que veio, e a partir da década de 1920, ainda mais jornais, revistas e livros foram disseminando sua cultura e tornando-o popular.

Ainda assim, com o foco da imprensa na elite, ainda era preciso lutar contra a ideia de que o futebol não era popular, visto que, como comentado anteriormente, a República acabava por esconder demandas sociais. De acordo com Guterman (2010, p. 50),

a ruptura do futebol, de esporte de elite para esporte de massa, de esporte amador para esporte profissional, se daria mais concretamente na década seguinte, nos anos 1920, quando a Primeira República já dava sinais de desgaste em razão de seu desprezo atávico por tudo o que cheirasse a povo.

Até mesmo a preocupação de “abrasileirar” os termos do futebol, pela Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo, dava maior acesso à leitura e ao entendimento sobre o esporte. A seguir, é apresentado o histórico dos livros de futebol entre os anos de 1920 e 1930, importante década editorial e que, ao final, pôde contar com a aparição de um dos maiores jornalistas esportivos do Brasil, de toda a história, Thomaz Mazzoni.

3.5 Do meio de campo ao ataque: tabelinha de visionários (pré-)modernistas, jornalistas e grandes autores (1920-1930)

A Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 1914 e 1918, ampliou a crise econômica da República. Entre 1917 e 1920, eclodiram muitas greves no país, especialmente por causa do trabalho excessivo, inclusive infantil, o que lembrava a pior fase da Revolução Industrial inglesa no século XVIII. Naquele momento, “as classes baixas começaram a se materializar na vida nacional” (GUTERMAN, 2010, p. 57). A partir da década de 1920, ficou muito claro o momento de instabilidade política e, não só no futebol, agravou-se a rivalidade entre paulistas e cariocas, com duras críticas à política café-com-leite – alternância de poder entre mineiros e paulistas (FRANCO JR., 2007).

Monteiro Lobato, “líder” da transformação editorial durante esse período, passou a discutir sobre essa crise política em seus textos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, em especial após uma exposição impressionista de Anita Malfatti, no fim de 1917. Nela, a artista apresentava pinturas modernas que se desligavam do academicismo, desafiavam o realismo e se distanciavam de métodos clássicos (GUTERMAN, 2010). Esse foi um marco pré-modernista, que possibilitou que “homens e ideias” desestabilizassem antigas estruturas. Lobato, nesse ínterim, considerado um pré-modernista, enfatizava ainda a popularização do futebol, que, segundo ele, havia se aclimatado ao Brasil “como o café” e se transformado em “uma praga”. O esporte de fato se tornara um símbolo da modernidade brasileira na década de 1920, e por meio dele a intelectualidade brasileira passou a discutir sobre identidade nacional. Assim como na Inglaterra, ele era considerado uma forma de controle e apaziguamento social (GUTERMAN, 2010).

No âmbito do futebol, a década foi marcada pela crescente pressão pela sua profissionalização, o que viria a ocorrer só no governo de Getúlio Vargas, em 1933. Ao mesmo tempo, a elite defendia a manutenção do amadorismo a fim de evitar a integração dos mais pobres ao esporte. O esporte sofreu diversas críticas até mesmo do movimento operário, que o classificava como “esporte burguês a serviço da dominação de classe e da desarticulação do proletariado” e, dessa forma, “mais um produto da sociedade capitalista a ser combatido” (FRANCO JR., 2007, p. 70). No entanto, tais críticas mostravam o quanto ele

estava se tornando popular, e o fato de ele ser tão discutido pela sociedade em diferentes camadas o difundia ainda mais.

No início dessa década, ficou mais evidente a questão racial no campo esportivo. A exclusão do negro no futebol brasileiro teve até mesmo uma “desculpa” do então presidente Epitácio Pessoa, que, na convocação da Seleção Brasileira para o Sul-Americano de 1921, na Argentina, justificou que a preterição de atletas negros era para evitar que eles e a população brasileira fossem humilhados pelos argentinos com os gritos de “macaquitos”. Isso teve de ser aceito pela CBD porque havia pressão financeira, pois o governo ofertara 50 mil réis para ajudar na viagem da equipe. Infelizmente, essa decisão tirou o goleador Friedenreich do campeonato (RIBEIRO, 2007).

Muitos dos problemas políticos que estavam sendo enfrentados, especialmente devido às eleições presidenciais, foram intensificados com a aproximação do centenário da Independência, em 1922, o que dividia a elite brasileira e trazia à tona a questão da nacionalidade. As oligarquias regionais criavam cada vez mais divergências e rivalidades entre si e as colônias de imigrantes no Centro-Sul só cresciam (FRANCO JR., 2007).

Nesse período, a imprensa aproveitava-se do grande interesse do povo pelo futebol para destacar notícias nos jornais, as quais passaram até a ocupar páginas inteiras, como no *O Imparcial*, um dos primeiros a divulgar fotos enormes dos jogos. Mais revistas começaram a surgir ou serem ampliadas, como a *Revista Sport Ilustrado* e a *Revista do Esporte*. Naquele momento, o futebol transformou-se no assunto “da moda” até para os mais intelectuais (RIBEIRO, 2007), tanto que a utilização de pseudônimos para que um mesmo redator falasse sobre tudo nos jornais era bastante usual, como foi o caso de JOE, no início do século XX, pseudônimo de João do Rio. Nesse sentido, Ribeiro (2007, p. 58) comenta que “para os que pretendiam se projetar na literatura e no jornalismo, o começo sempre passaria por textos, críticas ou ensaios escritos para os grandes jornais, nos quais era comum um cronista escrever para várias editoriais”.

A década também transmitiu, na literatura, com o Modernismo, a “emancipação do leitor”, que encenava o “processo de libertação” do qual a sociedade moderna se originou (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011, p. 12). Nesse tempo, várias parcerias podiam ser percebidas no

âmbito do futebol para desenvolver livros, imprimi-los e divulgá-los. As obras sobre o esporte começaram a ter outra “cara”, não somente para apresentar as regras do jogo e atualizá-las, mas também para discuti-las, explicá-las e torná-las de mais fácil compreensão a todos, como veremos adiante.

3.5.1 “*Cousas do football: conselhos, máximas e observações*”, de Odilon Penteado do Amaral (1920)

O primeiro livro publicado na década de 1920, até então registrado, já começou a demonstrar as mudanças pelas quais os livros técnicos sobre futebol passariam em relação à abordagem. *Cousas do football: conselhos, máximas e observações*, de Odilon Penteado do Amaral, lançado por volta de agosto de 1920, trazia explicações sobre o esporte, mas de forma aplicável, por meio de conselhos.

Guterman (2010, p. 26) reproduz uma parte do texto de Amaral, em que fica clara a preocupação de manter a boa educação na prática do esporte, asseverando o verdadeiro “sportsman” como um sujeito de etiqueta – o que enfatiza, de certa forma, a tentativa de exclusão de classes mais pobres dos campos, posto que havia o lado dos que defendiam a profissionalização e o lado dos que preferiam manter o amadorismo elitista, que era o caso de Odilon.

Também de acordo com Guterman (2010) e com informações de jornais da época,⁵⁸ Amaral era árbitro, mas não há perfil biográfico do autor traçado para ser aqui exposto. Quanto ao livro em si, não foi localizada imagem de sua capa. Vários anúncios indicam que se tratava de uma obra importante para o futebol, como no jornal *A Manhã (Diário de Notícias)*, da Bahia:

⁵⁸ Na tentativa de buscar mais informações sobre o autor na Hemeroteca Digital Brasileira, a pesquisa retornou apenas escalões de Odilon Penteado do Amaral para apitar alguma partida. Esse tipo de dado apenas certificou o que Guterman (2010) trouxe sobre ele, de que era árbitro amador, e, por isso, não serão adicionados a este estudo os anúncios encontrados.

FIGURA 21 – Anúncio do livro *Cousas do football*, em jornal baiano

**Um esplendido
livro**

• Acaba de apparacer, na capital paulista, um esplendido livro de Odilon Penteado, intitulado «Cousas de Foot-ball».

Nelle encontramos conselhos, maximas e observações, tactica, technica e trucs, regulamentos, criterio e applicação das regras de «Foot-ball».

O nome de seu auctor é o bastante para avaliarmos o valor da grande obra, indispensavel a todo aquelle que se dedica á causa esportiva.

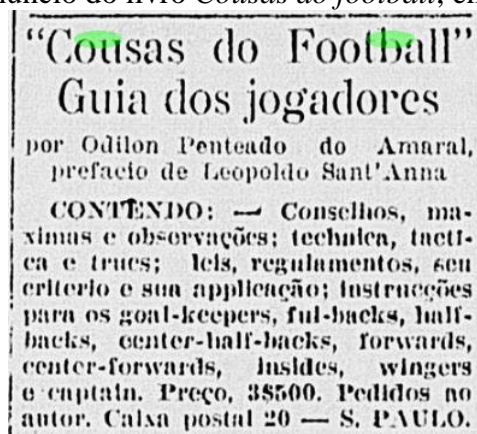
Competente demazeadamente, uma das mais acatadas entidades das «Regras do Association», Odilon Penteado é verdadeiramente o que bem diz Leopoldo de Sant'Anna no prefacio.

Aqui, já alguém possui esta grande obra que amanhã transcreveremos alguns trechos.

Parabens ao dr. Odilon Penteado do Amaral pela grande obra editada que extraordinarios serviços vem prestar ao mundo esportivo.

Fonte: *A Manhã*, BA (12/08/1920) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Duas coisas importantes de notar nessa publicação é que Odilon era bem conhecido e referência, ali tratado como “uma das mais acatadas entidades das ‘Regras do Association’”, e que seu livro foi prefaciado por Leopoldo Sant’Anna, importante jornalista de *A Gazeta*. Nos registros do CRFB, consta que a obra foi publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, concorrente d’*A Gazeta*, o que ressalta o envolvimento de diversos personagens dentro do campo esportivo por um bem comum. Em anúncio do ano seguinte à publicação, no *Correio Paulistano*, ainda é possível ver o preço de comercialização do livro (3\$500).

FIGURA 22 – Anúncio do livro *Cousas do football*, em jornal paulistano

Fonte: *Correio Paulistano*, SP (25/06/1921) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Muito embora houvesse um grande jornal por detrás da publicação, vê-se que o anúncio sugere o pedido do livro diretamente para o autor, já incluindo a caixa postal para o leitor realizar a solicitação. O mais provável é que o jornal tenha apenas auxiliado na impressão da obra, na medida em que o autor não se tratava de um repórter ou redator, mas sim de um árbitro de referência, e que, na década de 1920, com o Modernismo, era comum que os próprios escritores financiassem seus livros (EL FAR, 2006) – até porque a figura do editor em sentido mais amplo ainda seguia em construção, em especial por Lobato.

3.5.2 “*O sport está deseducando a mocidade brasileira*”, de Carlos Süssekind de Mendonça (1921)

Ainda nesse processo de transformação da abordagem dos livros de futebol, no fim do ano de 1921, outra obra dotada de opinião em torno do esporte bretão foi publicada: *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, do biógrafo, jurista e ensaísta Carlos Süssekind de Mendonça (1899-1968). No entanto, diferentemente de *Cousas do football*, esse livro expressava uma opinião ainda mais ríspida sobre o esporte e o condenava de modo geral, independentemente de amadorismo ou profissionalização.

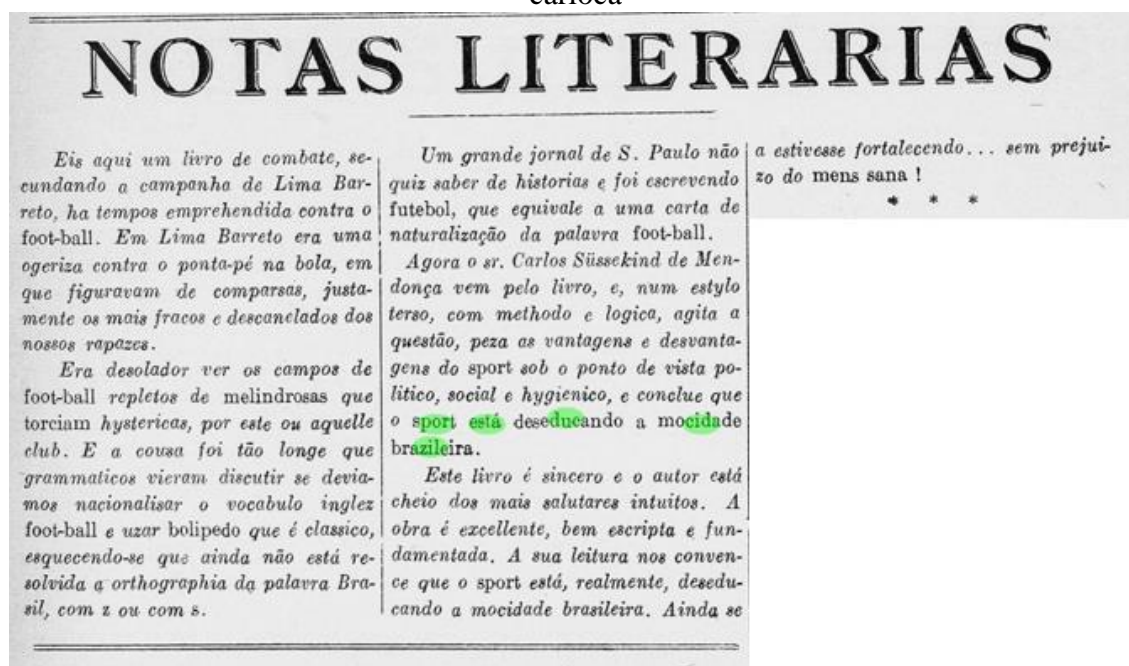
Carlos era filho de Lúcio Mendonça, escritor e co-fundador da Academia Brasileira de Letras. Em 1919, tornou-se diretor da revista *A Época*, tradicional dos alunos da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Era partidário de Lima Barreto e integrante da Liga Brasileira Contra o Football, liderada por este. O livro tratava-se de uma carta aberta a

Barreto.⁵⁹ As informações localizadas sobre o autor são muito restritas e, em geral, são encontradas por meio de descrições biográficas sobre seu filho Carlos Sússekind de Mendonça Filho, escritor e tradutor famoso, nascido em 1933.

Ao que consta em jornais da época, Mendonça utilizou argumentos com base na Pedagogia, tanto que dedica a obra a Francisco Venâncio Filho, professor e fundador da Associação Brasileira de Educação. Não se sabe sobre o sucesso de vendas da obra, mas ela repercutiu por muito tempo nos periódicos.

Em uma nota da revista carioca *ABC*, por exemplo, é possível perceber que havia quem concordasse sobre a “deseducação” da sociedade por meio do novo esporte.

FIGURA 23 – Nota sobre o livro *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, em revista carioca



Fonte: Revista *ABC: Políticas, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes*, RJ (1921) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Nessa nota, a revista ajuda a condenar o futebol e recupera as crenças de Lima Barreto para corroborar a opinião trazida por Mendonça, que, “sob o ponto de vista político, social e higiênico”, conclui que o esporte estava deseducando a população. Para a revista, “era desolador ver os campos de futebol repletos de melindrosas que torciam históricas, por este ou

⁵⁹ Algumas das informações são da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa519622/carlos-sussekind>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

aquele clube”. Isso, ainda de acordo com a nota, era prejuízo à *mens sana* – o que remete até às introduções dos primeiros livros de futebol, especialmente o *Sports Athleticos* (1910), que traz a máxima *mens sana in corpore sano* já na abertura do prefácio.⁶⁰

O livro teve grande repercussão, tanto que poucos meses após seu lançamento foi alvo de uma conferência pública, feita pelo professor Ulysses Reymar, em Belo Horizonte, que buscava propagar o esporte e defender seu caráter salutar.

FIGURA 24 – Anúncio sobre conferência pública de Ulysses Reymar, abordando o livro de Sussekind de Mendonça

**O PROFESSOR ULYSSES REYMAR
SEGUE HOJE PARA BELLO
HORIZONTE.**

Afim de continuar na sua propaganda pelo desenvolvimento physico de nossa mocidade, encetada nos Estados do norte, segue hoje para a cidade de Bello Horizonte o professor Ulysses Reymar.

Nessa cidade, o alludido professor fará uma conferencia publica, cujo thema é: “O elogio do athleta”.

O professor, na sua palestra, fará commentarios a respeito do livro ha pouco publicado, do Dr. Sussekind de Mendonça, cujo titulo é: “O sport está deseducando a mocidade”.

Muito embora essa conferencia não tenha o character official, na capital mineira ella é esperada com muita anciedade.

Fonte: *O Paiz*, RJ (28/03/1922) – Hemeroteca Digital Brasileira.

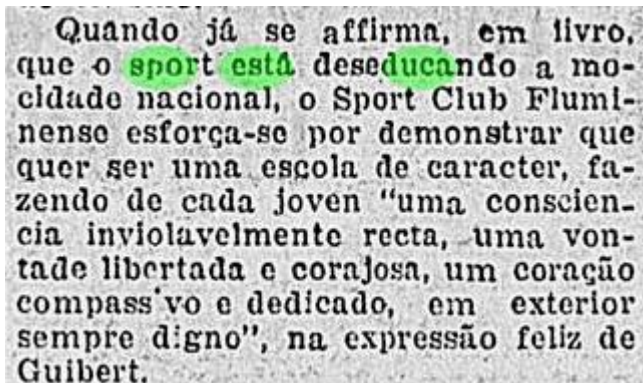
Reymar era também atleta e presidente do Brasil Football Club, uma agremiação de Manaus, no Amazonas, fundada por ele em 1909.⁶¹

Outro tipo de repercussão do livro e sobre a afirmação de Mendonça de que o esporte deseducava o povo foi uma nota pública do Sport Club Fluminense veiculada no jornal carioca *O Paiz*:

⁶⁰ Mais detalhes no capítulo 4.

⁶¹ Informações extraídas do jornal *A Crítica*, de Manaus (AM). Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/esportes/news/o-primeiro-grande-classico>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

FIGURA 25 – Nota do Fluminense sobre o livro de Mendonça



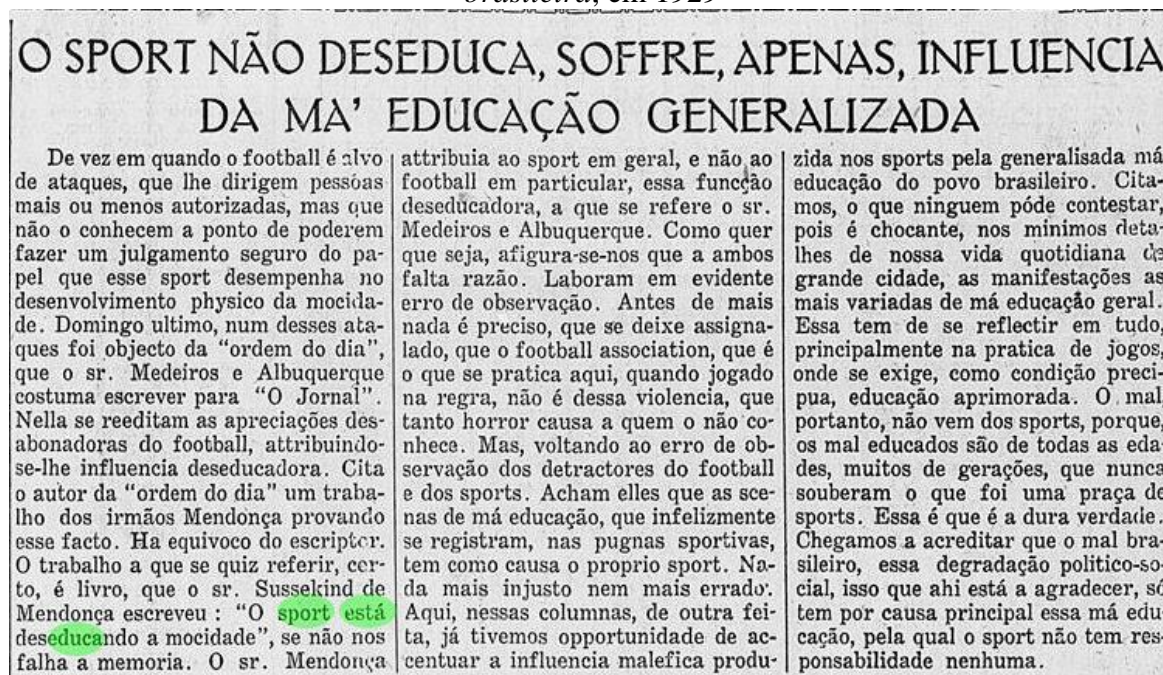
Quando já se afirma, em livro, que o sport está deseducando a mocidade nacional, o Sport Club Fluminense esforça-se por demonstrar que quer ser uma escola de character, fazendo de cada joven "uma consciencia inviolavelmente recta, uma vontade libertada e corajosa, um coração compassivo e dedicado, em exterior sempre digno", na expressão feliz de Guibert.

Fonte: O Paiz, RJ (30/07/1922) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Nela, o clube deixa claro que o seu esforço, enquanto escola de futebol “de caráter”, era transformar os jovens por meio da educação física. Dessa forma, percebe-se que o livro incomodou bastante os clubes, que, em geral, promoviam o cunho educativo e consciente não somente do futebol, na medida em que este nasceu em um contexto de uma sociedade em modernização.

Por muito tempo, como já dito, o livro esteve nas discussões dos jornais, e lá em 1929, oito anos após seu lançamento, ele ainda era alvo de críticas. No *Diário Carioca*, publicou-se nota sobre o fato de que o esporte nada tinha a ver com a má educação geral do brasileiro e que não era certo atribuí-la a ele.

FIGURA 26 – Nota crítica sobre a afirmação do livro *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, em 1929



Fonte: *Diário Carioca*, RJ (16/10/1929) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Nessa nota, fica bem claro que a forma com que os integrantes da Liga Brasileira Contra o Football lidavam com o esporte era exagerada. Realmente, de acordo com o jornal, responsabilizá-lo por algo bem mais amplo não fazia sentido. Em uma década de crises, é muito provocadora a conclusão do periódico ao dizer que “o mal brasileiro, essa degradação político-social (...) só tem por causa principal essa má educação, pela qual o sport não tem responsabilidade nenhuma”.

Assim, vemos o quanto um livro pôde suscitar novas polêmicas em torno do futebol, em um contexto sócio-histórico decisivo para a história do esporte. Da mesma forma, os livros esportivos são hoje utilizados como território de debates (PIAZZI, 2015), seja por abordarem a corrupção ou até mesmo problemas pessoais de jogadores, por exemplo.

3.5.3 “Diccionario do futebol”, de Guy Gay (1922)

O ano de 1922 é histórico para a literatura brasileira e para as artes, pois nele é que ocorreu a Semana de Arte Moderna. Mas vários outros acontecimentos tornaram aquele ano marcante também no futebol e na área editorial, tanto para os livros quanto para a imprensa, e na história do Brasil, com as comemorações do centenário da Independência.

Naquele período, um grande feito ocorreu no futebol carioca: o Vasco, com um time formado essencialmente por negros, operários e analfabetos, conseguiu o direito de disputar a primeira divisão do campeonato do Rio no ano seguinte, em 1923, do qual foi campeão. Além de bom preparo físico e um espaço para a concentração dos jogadores, o clube pagava salários aos atletas, bancados por estabelecimentos da colônia portuguesa, o que era proibido – o chamado “amadorismo marrom”. Mas somente assim é que foi possível construir melhores times para disputa de campeonatos tomados pela elite. Em 1927, o Vasco ainda viria a construir São Januário, com ajuda de seus torcedores, o maior estádio particular do Rio de Janeiro até os dias atuais (GUTERMAN, 2010; RIBEIRO, 2007).

Nesse ínterim, “a intelectualidade (...) se propôs a elaborar um novo modelo de país, de sociedade e de cultura”, e foi por meio do movimento modernista, surgido com “força inaudita e influência notável” (GUTERMAN, 2010, p. 57), que a literatura e as artes se transformaram. Isso “trouxe para a arena editorial um grupo de intelectuais firmemente dispostos a colocar em circulação seus escritos e ideais artísticos”, pois os escritores e artistas passaram a arcar com os custos de produção para ver suas obras sendo exibidas ao público (EL FAR, 2006, p. 41).

O Modernismo também conseguiu trazer a paixão pelo futebol de intelectuais, como Mário de Andrade, que tinha até poema dedicado ao seu time do coração, o Paulistano (RIBEIRO, 2007).⁶² E grandes reviravoltas no cenário editorial continuavam ocorrendo. A publicação do *Dicionário do futebol*, em 1922, escrito por Guy Gay, trouxe uma nova perspectiva em relação ao mercado. No mesmo tom de *Cousas do football*, tal livro tinha cunho explicativo, dessa vez em relação a termos relacionados ao esporte bretão, cuja necessidade, como comentado anteriormente, surgiu após a criação da ACE paulista, já que os cronistas esportivos precisavam padronizar o vocabulário utilizado nos jornais.

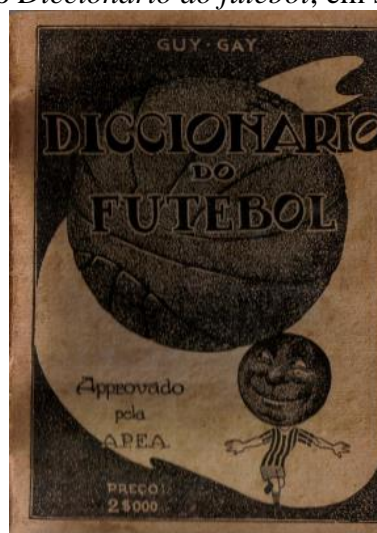
⁶² O poema chama-se *Domingo*:

“Hoje quem joga? O Paulistano
Para o Jardim América das rosas e dos pontapés!
Friedenreich fez goal!
Corner! Que juiz!
Gostar do Bianco? Adoro. Qual Bartô...
E o meu xará maravilhoso...”

Mário de Andrade também viria a envolver o futebol em seu célebre romance *Macunaíma*, publicado em 1928.

O livro foi publicado pela editora Monteiro Lobato & Cia., criada em 1920, que, sob o comando de Lobato, transformara de vez a figura do editor de livros, especialmente após a compra d'A *Revista do Brasil*, como já abordado aqui. Ele não somente percebeu a imprescindibilidade da intermediação de um editor como aderiu a ela de forma diferenciada, posto que “passa à posição de quem banca a produção do livro, ótica, sem dúvida, diferente da do escritor” que ele era. Assim, “do produtor de textos a produtor de livros muda a condição do sujeito e muda o objeto com que lida, por consequência, alteram-se os pontos de vista” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2011, p. 142-143). Lobato, que recebia bem o futebol no Brasil e chegou a abordá-lo de forma positiva em seus textos, agora pôde contribuir para a divulgação dele e, mais do que isso, para a padronização da linguagem usada nos veículos que o propagavam. O interessante de tudo isso, então, é que pela primeira vez um editor brasileiro bancou a produção de um livro tão importante para o futebol e acreditou em seu êxito da mesma maneira que acreditava no sucesso nacional do esporte. Ademais, já não era simplesmente imprimir a obra do autor, como há muito tempo as tipografias vinham fazendo, mas sim tornar-se responsável por ela.

FIGURA 27 – Capa do livro *Diccionario do futebol*, em sua primeira edição, em 1922



Fonte: Laércio Pereira.⁶³

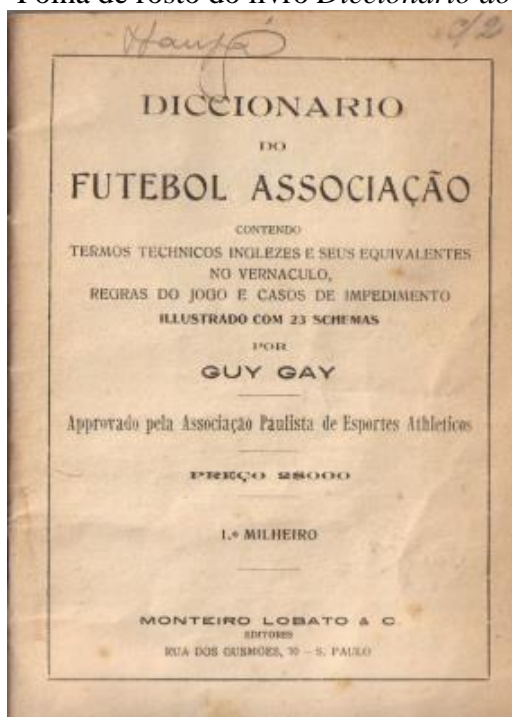
Na capa, vê-se a importância de ressaltar que o conteúdo do livro fora aprovado pela APEA, o que oficializa no meio esportivo o que está ali registrado. Também na capa já é informado o preço da obra – 2\$000.

⁶³ Disponibilizado por meio da plataforma Issuu: <<https://goo.gl/sbRgVW>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

Não se têm muitas informações a respeito do autor, mas nas buscas na Hemeroteca Digital Brasileira confirmou-se que Guy Gay se trata de um pseudônimo de um esportista de nacionalidade francesa da época, que inclusive traduzia alguns documentos e era tratadista de pôquer em jornais.⁶⁴

Na folha de rosto do livro, é informado também o seu conteúdo:

FIGURA 28 – Folha de rosto do livro *Diccionario do futebol* (1922)



Fonte: Laércio Pereira.⁶⁵

O livro trazia “termos técnicos ingleses e seus equivalentes no vernáculo, regras do jogo e casos de impedimento” e era “ilustrado com 23 esquemas”. Outro dado importante é que logo no primeiro momento foi impresso um milheiro, ou seja, mil exemplares da obra. E de fato o que consta na folha de rosto sobre ser o “primeiro milheiro” é que aquele era mesmo apenas o primeiro, pois na segunda edição do *Diccionario*, publicada em 1932 pela Civilização Brasileira, existe a informação de que a tiragem total dessa primeira edição fora de 10 mil exemplares, um número bastante significativo para a época – e com o qual Monteiro Lobato

⁶⁴ Os recortes de jornais com essas informações não serão publicados aqui, mas é possível localizar esses dados por meio da busca pelo nome do autor na Hemeroteca, no período entre 1920 e 1929. Os jornais *O Combate: Independência, Verdade, Justiça* (SP), de 1922, e *A Noite* (RJ), de 4 de março de 1925, são as nossas referências.

⁶⁵ Disponibilizado por meio da plataforma Issuu: <<https://goo.gl/sbRgVW>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

havia se acostumado em suas apostas editoriais, ainda mais que fazia propaganda como nenhum outro antes fizera.

Na verdade, a publicação se tratava de um “livreto” ou “livrinho”, como trata o próprio autor no prólogo da obra e como a imprensa se referia a ele. Era pequenino, mas de conteúdo fundamental para o futebol.

FIGURA 29 – Anúncio de recebimento do *Diccionario do futebol* por jornal paulista

O novo trabalho com que é enriquecido a nossa tão pobre bibliographia esportiva, contém todos os termos technicos do Futebol Associação em seu original inglez e as respectivas traducções para o portuguez. Além disso, expõe detalhadamente as regras do jogo, explicando-as minuciosamente com 23 schemas de clareza incontestes.

O livrinho de “Guy Gay” foi approvedo pela Associação Paulista de Esportes Athleticos para attestar o seu valor. De formato portatil, o “Diccionario do futebol” deve acompanhar todos os nossos “torcedores”, que em seu texto encontrarão solução para as mais intrincadas questões a respeito do esporte bretão.

Gratos pelo exemplar que recebemos.

Fonte: *O Combate*, SP (1922) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Nessa nota, chama atenção a opinião do jornal sobre o livro poder acompanhar os torcedores, por seu conteúdo capaz de trazer “solução para as mais intrincadas questões a respeito do esporte bretão”, mas também pelo “formato portátil”.

3.5.4 “O grande desportista”, de Paschoal Toti Filho (1922)

Muito mais coisas aconteceram em 1922, e a principal delas para a imprensa esportiva, sem dúvidas, foi o surgimento do rádio, que viria a se tornar o mais importante veículo de comunicação para o futebol. Sua implementação estava atrelada à comemoração do

centenário da Independência do Brasil. Dada a rapidez com que as informações poderiam chegar aos ouvintes, era um forte concorrente dos jornais impressos (RIBEIRO, 2007).

A primeira irradiação foi feita por Leopoldo Sant'Anna, que inclusive foi convocado por Cásper Líbero para também irradiar um Brasil *versus* Argentina naquele mesmo ano. A princípio, não se tratava de transmissões ao vivo na íntegra, apenas de boletins de notícias recebidas por telefone e reproduzidas por alto-falantes em comércios da cidade de São Paulo. Um mês depois desse “teste”, o rádio saiu do ar e retornou apenas em 1923. Outro acontecimento em caráter experimental no ano de 1922, no governo do mineiro Arthur Bernardes, foi a criação do campeonato brasileiro de seleções, ainda não reconhecido pela CBD, o que ocorreria apenas no ano seguinte. Nessa disputa, ficou ainda mais nítida a rivalidade entre paulistas e cariocas, o que a CBD já não conseguia controlar (RIBEIRO, 2007).

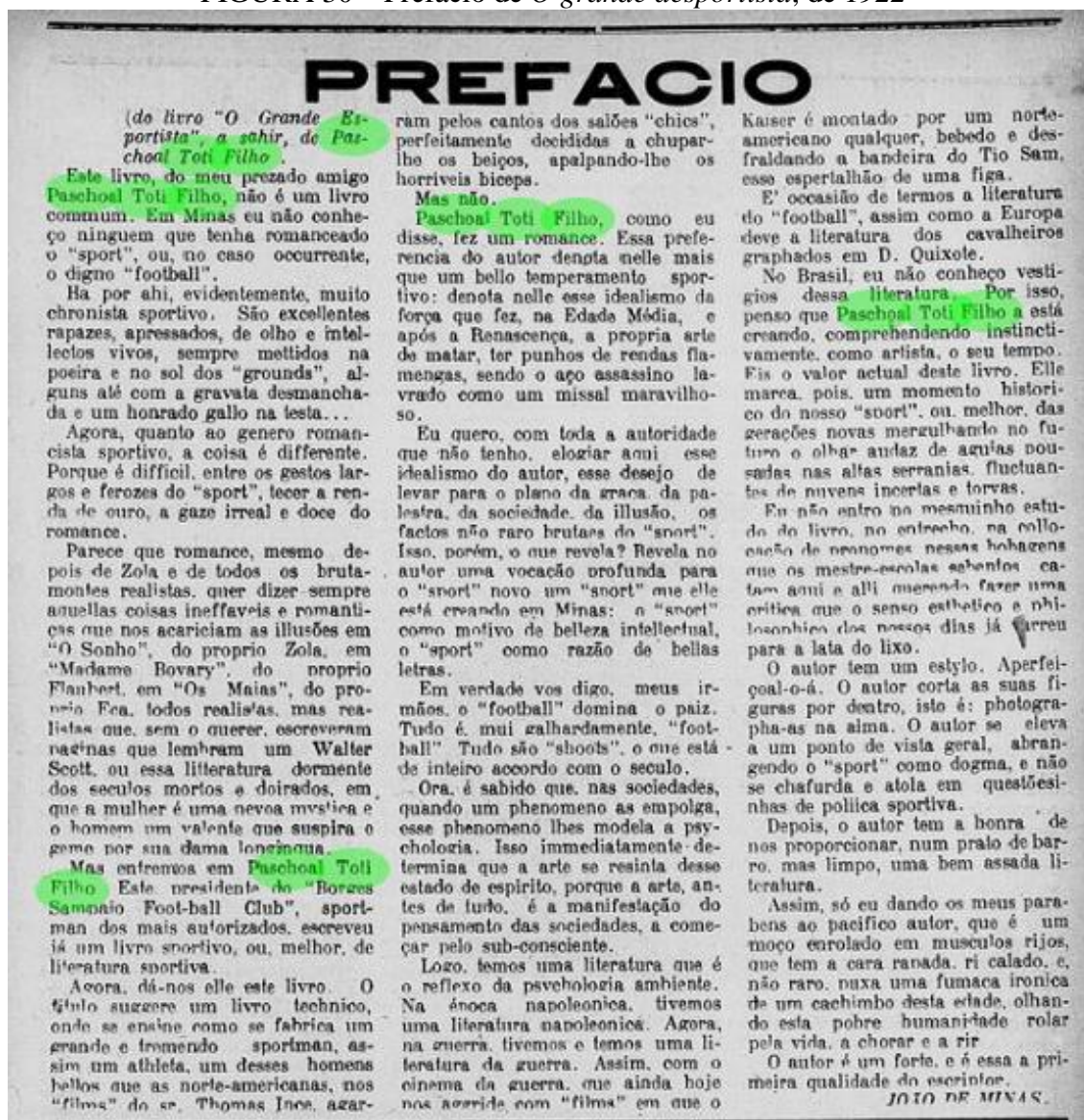
Fora do eixo Rio-São Paulo, notava-se o crescimento do futebol por todo o canto do Brasil e também da modernização. No momento em que um mineiro governava o país, fora publicado *O grande desportista*, escrito por Pascoal Toti Filho e publicado na cidade de Uberaba, Minas Gerais. Esse livro foi descoberto recentemente por um pesquisador da UFMG, Cleber Dias, e “tirou” o título de primeiro romance do futebol brasileiro de *Flô, o goleiro melhor do mundo*, de Thomaz Mazzoni, publicado em 1941.

No livro de Mazzoni, ele afirma sua obra como a primeira do gênero, o que denota um desconhecimento sobre o romance de Pascoal.⁶⁶ Este era filho do imigrante italiano Pascoal Toti, um dos pioneiros da industrialização da cidade de Uberaba, dono de fábricas de refrigerantes, macarrão e cerâmica. Toti Filho era esportista, presidente do Borges Sampaio

⁶⁶ Nesse sentido, é válido ressaltar o cuidado que se deve ter ao falar de “pioneirismos”, especialmente no que concerne a documentos históricos do futebol brasileiro. Como muitos deles foram perdidos e também como o foco dos estudos de futebol em geral está no eixo Rio-São Paulo, é perigoso afirmar o que de fato foi primeiramente lançado e ignorar o território continental que temos. Durante esta pesquisa, por exemplo, usou-se bastante a expressão “até então registrado” ao dizer que algum livro era o “primeiro” de uma época, a fim de minimizar essas situações. Ainda durante o estudo, muitos equívocos foram encontrados nos registros do CRFB e várias informações foram refutadas, principalmente na consulta direta aos paratextos originais das obras. Novamente, portanto, destaca-se a necessidade e a importância de uma futura pesquisa documental mais aprofundada sobre a temática dos livros de futebol.

Foot-ball Club e, segundo relatos de João de Minas,⁶⁷ autor do prefácio do romance *O grande desportista*, ele também era escritor e autor de outros livros de literatura esportiva.⁶⁸

FIGURA 30 – Prefácio de *O grande desportista*, de 1922



Fonte: *Hoje: Periódico de Ação Social*, RJ (1919 a 1923) – Hemeroteca Digital Brasileira.

O prefácio do romance, como é possível notar no recorte apresentado, foi publicado por um jornal carioca. Nele, João de Minas tece muitos elogios a Toti Filho, que, de acordo com ele, "se eleva a um posto de vista geral, abrangendo o esporte como dogma, e não se chafurda e atola em questões de política esportiva". Isso demonstra uma crítica às publicações que

⁶⁷ Não se têm informações sobre quem foi João de Minas.

⁶⁸ As informações deste parágrafo são do artigo de Cleber Dias, publicado pela Revista Aletria, em 2016, "Literatura, esportes e regionalismo no Brasil: *O grande desportista*, de Paschoal Toti Filho", e da Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Disponível em: <<http://academiadeletrasm.com.br/gabrieltoti.php>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

vinham sendo feitas em relação ao futebol, além de reafirmar a mudança de abordagem dos livros de futebol nessa década de 1920. João de Minas afirma desconhecer outra obra desse tipo na literatura nacional e destaca que é hora de haver a “literatura do football”, posto que o Brasil estava sendo tomado pelo esporte bretão e respirando chutes e gols.

Cleber Dias (2016) relata ter encontrado por acidente o romance na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde há um exemplar completo, e, posteriormente, encontrou uma parte da obra na Biblioteca Pública Luiz de Bessa, em Belo Horizonte. Em seu artigo, o pesquisador procurou tratar sobre regionalismos e trazer relações de gênero e geopolíticas entre a capital de São Paulo e o interior de Minas Gerais, percebidas até os dias atuais. No entanto, ele não anexa nenhuma imagem do livro no texto, apesar de ter analisado alguns de seus paratextos. A obra foi impressa pela Typographia A Século XX, da cidade de Uberaba.⁶⁹

Outro livro de 1922 a que apenas faremos menção, pois não foram localizadas informações sobre ele, é a terceira edição de *Guia brasileiro de football associação*, publicado pela Casa Fuchs, tradicional loja localizada na Rua São Bento, 83, no Centro de São Paulo. Nos registros do CRFB, ele não é atribuído a nenhum autor. Na Hemeroteca Digital Brasileira, não houve nenhuma ocorrência na busca pelo nome e suas variações, apenas esse dado sobre a loja.

3.5.5 “Veteranos e campeões”, de Leopoldo Sant’Anna (1924)

Cada vez mais fortes, as divergências entre paulistas e cariocas começaram a tomar maiores proporções: na disputa do Sul-Americano no Uruguai, em 1923, o Brasil perdeu porque havia sido proibida a escalação de jogadores paulistas, o que fez com que a seleção chegasse para jogar o campeonato com um time enfraquecido, visto que os esportes de São Paulo, em geral, eram muito superiores na época (GUTERMAN, 2010; RIBEIRO, 2007).

O futebol carioca, por sua vez, dividiu-se entre a Liga Metropolitana, já existente, e a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), composta por Flamengo, Botafogo, Fluminense, América e Bangu, a qual demonstrava claramente a intenção de manter o caráter

⁶⁹ Em Hallewell (2012), o autor não discorre de maneira muito detalhada sobre o mercado de livros de Minas Gerais da época, apenas cita a potência de Belo Horizonte para se tornar um centro editorial brasileiro.

elitista do futebol e excluía atletas negros e analfabetos. Em suas regras, estava a obrigatoriedade para os jogadores de saberem ler e escrever (RIBEIRO, 2007).

Naquele momento, a imprensa esportiva apresentava mais novidades. Além da criação de mais jornais, como *O Rio Esportivo*, em 1923, o rádio ganhou “nova chance”, e jogos voltaram a ter boletins em alto-falantes instalados em estabelecimentos comerciais paulistanos.⁷⁰ O Rio, para não ficar para trás, no ano seguinte também passou a utilizar os receptores. Nessa época, o acesso rápido à informação se dava de duas formas, basicamente: ou as pessoas iam aos campos ou adquiriam os receptores de rádio, que eram extremamente caros, isso quando não iam presencialmente às redações dos jornais para saber notícias. Caso contrário, os jornais só trariam as novidades no dia seguinte às partidas (RIBEIRO, 2007).

Enquanto a publicação impressa estava ficando mais barata, visto que houve, em 1923, uma redução parcial para o papel de imprensa – a polpa e o papel para jornal passaram a custar \$010 por quilo, mais 10% (HALLEWELL, 2012) –, o rádio começou a ganhar espaço. Mesmo ainda caro, era promissor e, ao menos em São Paulo, com a credibilidade de Leopoldo Sant’Anna fazendo as transmissões, jornalista de notoriedade indiscutível, o novo veículo de comunicação apresentava todas as condições para obter sucesso em pouco tempo.

Aproveitando-se dessa notoriedade, Leopoldo Sant’Anna lançou o livro *Veteranos e Campeões*, em 1924, impresso pela Typographia Idar, uma coletânea de entrevistas e fatos inéditos do futebol paulista. De acordo com Ribeiro (2007, p. 62), o livro foi um “sucesso editorial”, o que o anúncio a seguir confirma.

⁷⁰ Transmissões, de fato, na íntegra e ao vivo, mais completas, ocorreriam apenas na década de 1930.

FIGURA 31 – Anúncio do livro *Veteranos e Campeões*, de 1924

**“VETERANOS
E CAMPEÕES”**

Nossos estimados collegas da “Platéea”, assim se manifestam acerca do apparecimento do esperado livro de Leopoldo Sant’Anna, nosso companheiro de trabalho, que se intitula “Veteranos e Campeões”.

“Veteranos e Campeões” — O interessante livro do nosso prezado collega de imprensa, sr. Leopoldo Sant’Anna — “Veteranos e Campeões”, como era de esperar, vem sendo avidamente procurado pelos nossos esportistas, estando, por isso, apesar de ter sido dado á publicidade ha menos de uma quinzena, com a edição de sua 1.ª série quasi esgotada. Como, brevemente sahirá a 2.ª série desse bem feito trabalho do nosso distincto confrade d’“A Gazeta”, não devem perder tempo os adeptos do futebol que pretendam colleccionar as cinco séries em que se dividirá “Veteranos e Campeões”, livro que, sem favor, pode ser considerado o mais interessante que se tem editado no Brasil, sobre assumptos esportivos.

Com effeito, essa obra não é uma compilação fastidiosa de datas ou factos do esporte, como tantas outras que em S. Paulo têm surgido, mas um trabalho veramente interessante, em que o A., com habilidade e intelligencia, sabe prender a attenção do leitor, não só pela originalidade do assumpto que escolheu, como tambem — e principalmente — pela maneira attrahente por que os tratou.

Ao Leopoldo, que, como acima dissemos, vem recebendo o merecido pago do seu esforço, dada a procura que o seu livro tem tido, consignamos aqui os nossos parabens, pelo verdadeiro successo que constituiu a publicação do “Veteranos e Campeões”.
Somos gratos pelas gentilezas.

Esse interessante trabalho é encontrado á venda na Agencia de Jornaes e Revistas Scafuto, á rua Quinze n.º 27, e rua da Boa Vista n.º 8, sobre-loja; na livraria Teixeira, na Casa Lebre e na administração desta folha. Cada exemplar 4\$000.

Fonte: *A Gazeta* – Seção “Todos os esportes”, SP (24/05/1924) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Segundo o anúncio do jornal *A Gazeta*, o livro estava sendo “avidamente procurado pelos esportistas”, e em menos de quinze dias a sua primeira série já estava quase esgotada. Tratava-se de uma obra dividida em cinco séries, e o jornal tentava convencer o leitor a adquirir também para fins de coleção. Ao final, além de divulgar os endereços onde o livro podia ser comprado, chama atenção o preço de cada exemplar, no valor de 4\$000, mais alto para a média da época, com base nos livros aqui anteriormente apresentados. Não foram encontradas imagens da capa do livro para ser divulgada aqui.

3.5.6 “*Mano*”, de Coelho Neto (1924)

No Rio de Janeiro, a produção editorial também não parava. Como já comentado neste capítulo, o intelectual Coelho Neto, grande referência para o futebol e muito respeitado na imprensa, viria a publicar *Mano*, em 1924. Trata-se de um livro de poesia, de acordo com os registros do CRFB, cujos textos eram publicados no jornal carioca *A Noite* pelo escritor, em homenagem ao seu irmão que morreu devido a uma grave contusão em campo de jogo, em 1922. Até então, trata-se do primeiro livro de futebol do gênero. Ficou conhecido como “o livro da saudade”.

FIGURA 32 – Capa do livro *Mano*, de 1924



Fonte: Blog *Literatura na Arquibancada*.⁷¹

Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934) era maranhense, nascido em Caxias. Ainda pequeno, mudou-se para o Rio de Janeiro com os pais, o português Antônio da Fonseca Coelho e a índia Ana Silvestre Coelho. Estudou Medicina, desistiu do curso e logo se matriculou na Faculdade de Direito de São Paulo. Tinha o perfil muito crítico e revoltado, como foi possível perceber em sua relação com o futebol. Casou-se e teve 14 filhos. Exerceu vários cargos políticos no Maranhão e no Rio de Janeiro, além de estar sempre muito envolvido com a escrita, em jornais, revistas, folhetins, entre outros. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. No início do século XX, foi o prosador mais lido e, por muito tempo, foi o escritor mais lido no Brasil. Morreu no Rio de Janeiro.⁷²

⁷¹ Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/05/mano-o-livro-da-saudade.html>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

⁷² Todas essas informações são da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

Asseverando essa importância e notoriedade que Coelho Neto tinha, o livro ainda foi traduzido para o francês e mandado editar em Paris, como consta em nota do jornal *O Paiz*:

FIGURA 33 – Nota sobre a tradução do livro *Mano* para o francês

O Sr. Alberto de Oliveira, referindo-se á traducção franceza do livro "Mano", do Sr. Coelho Netto, feita por D. Georgina Lopes e mandado editar em Paris pelo Sr. Felix Pacheco, congratula-se com a Academia, com as letras brasileiras e com o Sr. Coelho Netto, trabalhador incansavel, que não esmorece na sua faina. (Palmas.)

Fonte: *O Paiz*, RJ (17/11/1929) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Essa matéria no jornal intitulava-se “Academia de Letras”. Pode-se perceber que essa internacionalização do livro era motivo de muito orgulho para as “letras brasileiras” e que Coelho Neto de fato merecia todo esse destaque, ainda que sob a infelicidade da perda precoce de Mano, seu estimado irmão.

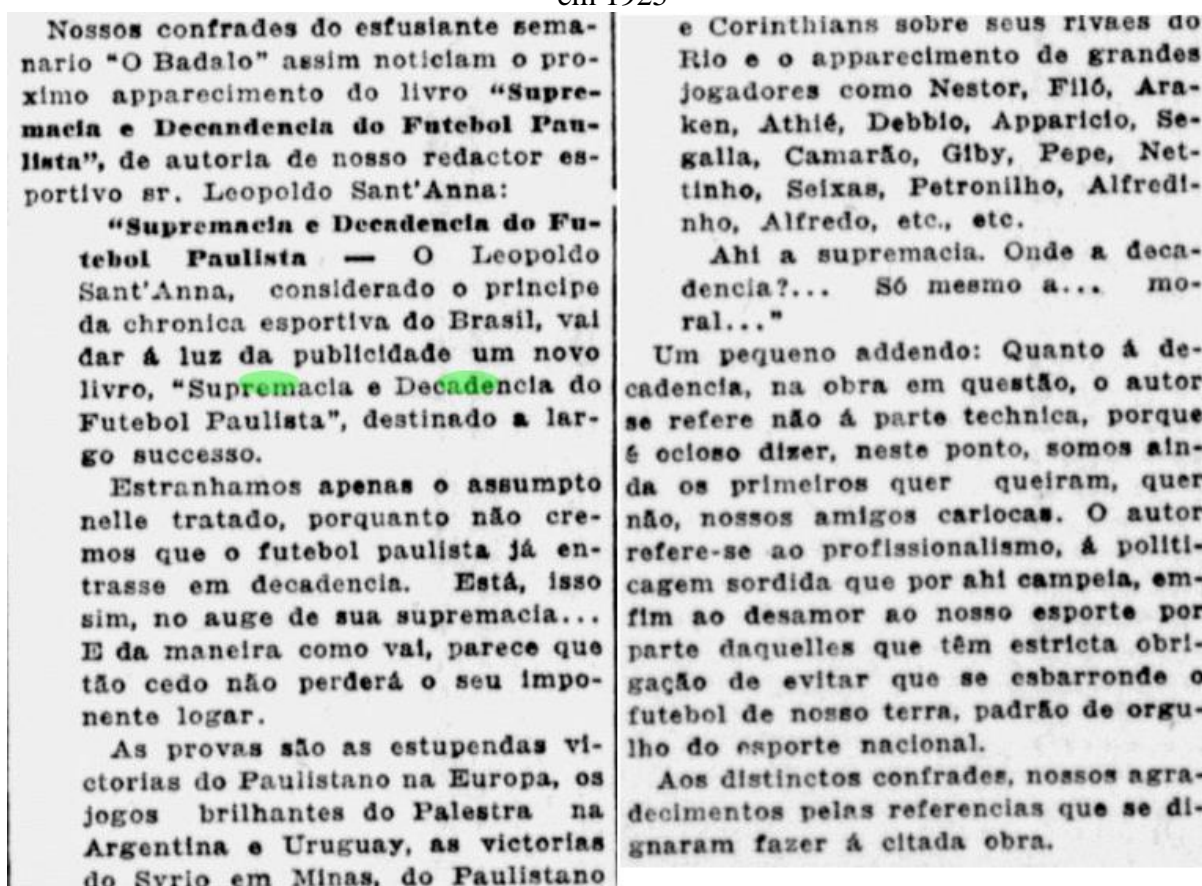
3.5.7 “Supremacia e decadência do futebol paulista”, de Leopoldo Sant’Anna (1925)

Em 1924, quando da publicação de *Veteranos e Campeões* e de *Mano*, o cenário editorial e a imprensa novamente estavam passando por mudanças, dessa vez sob a figura de um indivíduo atento ao mercado: Assis Chateaubriand, mais conhecido como “Chatô”, que comprara *O Jornal*, um diário carioca, e inclusive dava o devido destaque ao futebol. Em 1925, ele também comprou o *Diário da Noite*, jornal paulista, no mesmo ano em que ganhou um grande concorrente: *O Globo*, da família Marinho. Pouco preocupado com isso, investiu em equipamentos sofisticados, como a rotativa Albert, máquina capaz de rodar 30 mil exemplares de um caderno de dezesseis páginas por hora, duas delas em cores.⁷³ *O Globo*, por sua vez, rodava um total de 35 mil exemplares em duas edições diárias (RIBEIRO, 2007).

⁷³ Informação extraída do livro *Chatô: o rei do Brasil*, de Fernando Morais, publicado pela Companhia das Letras em 1994 e reeditado em 2015.

Foi nesse cenário que *Supremacia e decadência do futebol paulista*,⁷⁴ mais um livro de Leopoldo Sant'Anna, fora publicado, em 1925, impresso pelo Instituto D'Anna Rosa – novamente um “sucesso editorial”, segundo Ribeiro (2007, p. 62). Bastante divulgado,⁷⁵ trata-se de um livro polêmico, em que Sant'Anna faz um contraponto entre o futebol carioca e o futebol paulista e demonstra a superioridade deste em relação àquele, repleto de ironia.

FIGURA 34 – Nota sobre a publicação do livro *Supremacia e decadência do futebol paulista*, em 1925



Fonte: *A Gazeta*, SP (16/07/1925) – Hemeroteca Digital do Futebol Brasileiro.

Vê-se que os companheiros de imprensa de Sant'Anna, em *A Gazeta*, ressaltam bastante o livro, “destinado a largo sucesso”, e fala sobre sua abordagem: a supremacia do futebol paulista no que concerne ao futebol carioca e a decadência do esporte em relação à sua profissionalização e essa urgente necessidade, para eles a decadência apenas “moral”. Outro acontecimento importante de comentar e que está sendo citado nessa nota é a excursão do Paulistano, clube da elite paulista, pela Europa, a primeira “tour” internacional de um time

⁷⁴ Em Ribeiro (2007) e Guterman (2010), bem como nos registros do CFRB, o livro é intitulado *Supremacia e decadência do nosso futebol*, incorretamente, de acordo com nossas buscas nos jornais da época.

⁷⁵ Houve cerca de 60 (sessenta) ocorrências nas buscas pelo livro na Hemeroteca Digital Brasileira.

brasileiro e que levou o nome do Brasil mundo afora pouco antes da primeira Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai. Isso rendeu, segundo Ribeiro (2007), um livro intitulado *Os reis do futebol*, escrito por um dos jogadores participantes. Não foram encontradas, porém, mais informações sobre ele além dessa menção do autor.

3.5.8 “*Almanaque Esportivo*”, de Thomaz Mazzoni (1927⁷⁶ e 1928)

Também no ano de 1925, muitos acontecimentos no âmbito esportivo viriam a trazer à tona a questão da profissionalização. Criou-se, em São Paulo, a LAF – Liga Amadora do Futebol, que não conseguiu se sustentar por muito tempo, mesmo sob a direção de Mário Cardim, referência do futebol e da imprensa. Mas nesse mesmo ano estava surgindo um dos grandes nomes da imprensa esportiva de todos os tempos: Thomaz Mazzoni, responsável pela *Revista Ilustrada* e que crescia cada vez mais na imprensa escrita, especialmente quando começou a publicar seus textos no jornal bissemanal *São Paulo Esportivo*. Mesmo gerenciando o periódico, pouco tempo depois esse jornal já era considerado “pequeno para as suas ideias” (RIBEIRO, 2007, p. 67).

Tommaso Mazzoni (1900-1970) foi um jornalista e comentarista esportivo italiano, que se mudou ainda criança para São Paulo com seus pais, em 1909. Foi responsável por trazer uma nova cara ao jornalismo esportivo, atribuir apelidos aos clubes e aos clássicos paulistanos e buscar interação com os leitores por meio de uma linguagem mais próxima e popular. Chamado de “Olimpicus” por seus colegas de trabalho em *A Gazeta*, visto que suas obras eram referência a várias categorias esportivas, foi um grande crítico da parcialidade e do “clubismo” existente na imprensa e defendia uma organização do futebol brasileiro – seu livro *Problemas e aspectos do nosso futebol*, de 1939, por exemplo, representou um grande manifesto sobre a necessidade de ordenação para o esporte no Brasil, o que culminou com a criação do Conselho Nacional dos Desportos, em 1942, que passou a regulamentar todas as atividades esportivas.⁷⁷

⁷⁶ A edição de 1927 ainda não foi incluída na tabela do CRFB, pois foi descoberta durante a realização da pesquisa e após a última atualização, de maio de 2018. É válido ressaltar também que padronizamos o nome de todos os Almanques para a grafia atual.

⁷⁷ As informações desse parágrafo foram extraídas, em sua maioria, do livro: STYCER, Mauricio. *História do Lance!*. Projeto e prática do jornalismo esportivo. 1 ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2008.

Em 1927, com a bagagem de publicações em *O Combate*, *São Paulo Jornal*, *Diário Nacional* e da direção do semanário *A Estampa Esportiva*, Mazzoni percebeu a necessidade e a importância de elaborar uma obra referência sobre esportes, não somente o futebol. Teve, então, a ideia de lançar o *Almanaque Esportivo*. Tratava-se apenas do primeiro de uma série de 22 que viria a publicar (RIBEIRO, 2007) e que ajudou a dar a ele o título de maior autor de livros esportivos até os dias atuais (TAKARA, 2014).

Nos registros do CRFB, não há menção ao primeiro almanaque, de 1927, mas no prefácio da segunda edição, como veremos no capítulo 4, Leopoldo Sant'Anna se refere à edição anterior e fala sobre sua contribuição para o esporte nacional, e o anúncio a seguir confirma sua publicação naquele ano.

FIGURA 35 – Nota sobre a publicação do primeiro *Almanaque Esportivo*, de Thomaz Mazzoni, em 1927

UMA FELIZ E UTIL INICIATIVA - O "ALMANACH ESPORTIVO"

Não resta dúvida que os progressos do esporte em geral não só em nossa terra como nos demais países civilizados, têm sido e cada vez mais tomam um vulto extraordinário, e de tal modo que vem preocupando os próprios governos como um "problema nacional". Realmente, a educação física collocou-se definitivamente em destaque ao lado das outras grandes actividades humanas.

E' dessa faina quotidiana que em breve deverá surgir entre nós o mais de seu labor diário, e, naturalmente, é este o maior factor da marcha victoriosa do esporte.

E dessa faina quotidiana que em breve deverá ungrir entre nós o mais vasto trabalho no genero até agora publicado no Brasil, e quiçá, na America do Sul.

Trata-se do "Almanach Esportivo", idéa feliz do nosso prezado collega de imprensa Thomaz Mazzoni, sem dúvida, um dos mais brilhantes cronistas da nossa geração. Nós, que varias vezes dividimos com elle nosso trabalho diário em pról do esporte, sabemos bem de sua tempera de trabalhador e de sua technica e conhecimentos profundos não só do esporte local como universal. Para apresentar uma obra completa, Thomaz Mazzoni vem batalhando desde muito tempo e estamos certos de que seu trabalho honrará a literatura esportiva local.

Para darmos uma pallida idéa do que será o "Almanach Esportivo", basta frisarmos que o mesmo conterá perto de vinte secções de diferentes esportes, com estatisticas de provas, recordes e campeonatos: olympicos, mundiaes, europeus, sul-americanos, brasileiros, paulista, cariocas, além de outro material como sejam: biographias, bibliotheca futebolistica, rezenha do anno esportivo do Brasil e do estrangeiro, organização esportiva paulista, anno olympico, calendario, chronicas pugilisticas, paginas dos "azes", novellas, variedades, etc., com perto de 400 paginas de fina impressão e 300 "clichés".

Estão, pois, nossos esportistas de parabens pela feliz e util iniciativa de Thomaz Mazzoni que, estamos certos, alcançará merecido successo, quer em São Paulo como nos demais centros do país.

Fonte: *A Gazeta*, SP (24/10/1927) – Hemeroteca Digital Brasileira.

A qualidade da obra era tão grande que chamou a atenção de Cásper Líbero, e, em 1928, Mazzoni foi contratado como redator para trabalhar junto com Sant'Anna em *A Gazeta Esportiva*, seção da qual se tornaria chefe, substituindo seu colega, e que duas décadas depois viria a torná-la um jornal diário de esportes (RIBEIRO, 2007). No anúncio, é possível verificar que antes mesmo de ir para *A Gazeta*, Mazzoni era tido como "um dos mais brilhantes cronistas da geração". O livro dividia-se em vinte seções de diferentes esportes,

como também é citado na nota, e era considerado uma “feliz e útil iniciativa” para a literatura local, com mais de 400 páginas de fina impressão, em papel acetinado, e 300 clichês, isto é, imagens. Apresentava descrições detalhadas e resumos gerais sobre os acontecimentos esportivos pelo país. É provável que tal impressão tenha saído um pouco mais cara, visto que naquele momento as taxas de importação sobre o papel de imprensa haviam retornado aos valores de 1918 – a polpa e o papel para jornal estavam custando \$010 por quilo, mais 10%, para importação, e outros papéis de impressão estavam saindo a \$300 por quilo, mais 50% (HALLEWELL, 2012). Não se fala também sobre o preço do livro, mas a partir desses dados é possível dizer que se tratava de uma edição de valor elevado.

No ano de 1928, fora publicado logo em sequência a segunda edição do *Almanaque Esportivo*, em fevereiro daquele ano, como é possível verificar em uma nota de jornal da época.

FIGURA 36 – Anúncio sobre a publicação do *Almanaque Esportivo* de 1928

O FOOTBALL NO "ALMANACH SPORTIVO"

Está sendo ansiosamente esperado, o apparecimento do "Almanach Sportivo", que se dará na proxima quarta-feira.

A titulo de curiosidade, damos a conhecer aos nossos leitores, breve rezenha da secção footballistica, da importante obra:

Entidades.
 Campeonatos olympicos.
 Campeonato olympico universitario.
 Campeonatos sul-americanos.
 Campeonatos brasileiros.
 Campeões paulistas.
 Campeões Santistas.
 Campeões cariocas.
 Jogos Internacionaes dos brasileiros.
 Jogos entre seleccionados paulistas e cariocas.
 Jogos entre seleccionados paulista e outros Estados.
 Jogos entre paulistas e cariocas.
 Jogos entre paulistas e outros Estados.
 Os jogos de campeonato Palestra vs. Corinthians.
 Os jogos de campeonato entre Paulistano e Corinthians.
 Os jogos de campeonato entre Paulistano vs. Palestra.
 Encontros annuaes.
 Campeões nacionaes de 1927.
 Tournée do Real C. de Madrid.
 Os sul americanos no extrangeiro.
 Pequena bibliotheca footballistica, biographia de Arthur Friedenreich, além de variados "clichés" e "charges", dos campeões do anno passado e do presente, com um total de 70 paginas.

Fonte: *Correio Paulistano*, SP (26/01/1928) – Hemeroteca Digital Brasileira.

O mais interessante de perceber a partir dessa nota é que o livro não estava sendo divulgado após a publicação, mas na semana anterior ao seu lançamento. Tem-se aí uma mudança na forma de propagar o objeto, trabalhando com a expectativa do leitor. O jornal faz um breve resumo do conteúdo sobre futebol que seria encontrado no livro, distribuído em 70 (setenta) páginas, o que atesta que Mazzoni disponibilizou as informações para demais periódicos além

de *A Gazeta*, no qual estava atuando. Essa diferenciação na publicidade pode ser considerada uma das explicações para o êxito de todas as obras do autor.

Enquanto Thomaz Mazzoni revolucionava a imprensa esportiva em São Paulo, esse pioneirismo no Rio de Janeiro coube à família Rodrigues. Advogado pernambucano, Mário Rodrigues era editorialista do jornal *O Correio da Manhã* e havia fundado seu próprio periódico em 1925. Mário Rodrigues Filho começou a trabalhar com o pai no ano seguinte e, em 1928, passou a comandar a seção esportiva do jornal, promovendo mudanças principalmente na linguagem, mais vibrante e próxima do público. Nesse final de década, portanto, estava se encerrando a época de “acadêmicos” (RIBEIRO, 2007). Filho viria a se tornar o jornalista mais importante da imprensa carioca de todos os tempos, publicaria uma das mais importantes obras esportivas – *O Negro no Futebol Brasileiro*, em 1947 – e daria nome ao gigante Maracanã, inaugurado em 1950.

Mais adiante, Mário Rodrigues criou outro jornal, intitulado *A Crítica*, e Filho continuou trabalhando com o pai, ainda com esportes. Nesse periódico, outros filhos de Mário começaram a escrever para o periódico da família: Milton e Nelson Rodrigues. Este último tornou-se um grande nome da dramaturgia e discorria sobre o futebol de maneira muito bonita. Roberto Rodrigues, por sua vez, mais um dos filhos de Mário, era ilustrador. Ele foi morto dentro do jornal, em dezembro de 1929, após a publicação de uma notícia polêmica sobre a traição de uma jornalista ao marido. Dois meses depois dessa ocorrência, Mário Rodrigues também morreria, vítima de trombose cerebral. O jornal fechou em 1930, pois, além das tragédias ocorridas, sofreu represália das forças revolucionárias de Vargas por demonstrar apoio à candidatura de Washington Luís (RIBEIRO, 2007).

3.5.9 “As regras do futebol ao alcance de toda gente”, de David Jack (1929)

Ainda no contexto do surgimento de novos nomes na imprensa esportiva, que estavam mudando a cara do futebol brasileiro e do jornalismo, outro importante redator, que também viria a mudar a linguagem do noticiário esportivo, também aparece no Rio de Janeiro: Afonso

Várzea, que utilizava principalmente o pseudônimo Max Valentim,⁷⁸ mas também publicou como David Jack.

Afonso Vasconcelos Várzea (1897-1983) nasceu e faleceu no Rio de Janeiro. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, foi professor de geografia, geologia, geografia humana e história do comércio. Foi inspetor de ensino superior do Ministério da Educação e Cultura, diretor da Escola de Alfabetização de Adultos, além de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Sindicato de Jornalistas do Rio, da Ordem dos Advogados do Brasil e da Associação Brasileira de Imprensa. Como redator, escrevia artigos para vários jornais e revistas, principalmente sob o pseudônimo Max Valentim: *O Imparcial*, *Vanguarda*, *A Noite*, *O Paiz*, *A Batalha*, *Diário da Noite*, *Jornal do Brasil*, *A Manhã*, *Correio da Manhã*, *Correio Paulistano*, *Correio do Povo de Porto Alegre* e revista *Vamos Ler*. Era colunista e crítico também no *Jornal dos Sports*, do Rio. Segundo Ribeiro (2007, p. 66), no jornal *O Imparcial* ele atacava ferozmente o “amadorismo marrom”. Nesse sentido, também foi inovador porque “criticava duramente a política esportiva vigente”.

Trabalhou, ainda, como tradutor e redator da United Press International e da Agência Reuters. No futebol carioca, Afonso Várzea foi jogador do Fluminense e, em São Paulo, foi técnico do América Futebol Clube, no Guarujá, e do Corinthians, na capital.⁷⁹

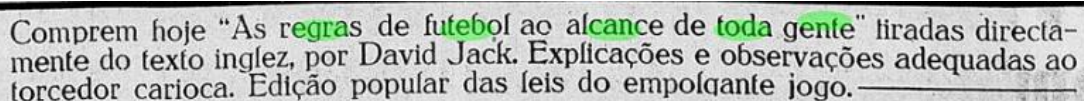
É talvez pelo envolvimento direto com o futebol que Afonso Várzea optava por utilizar um pseudônimo e também para dar mais credibilidade a seus escritos. Exemplo disso é o livro *As regras do futebol ao alcance de toda gente*, que ele publicou em 1929, sob falsa autoria de David Jack, que era nome de um famoso futebolista inglês. É até arriscado dizer que de fato se tratava de um pseudônimo dele, na medida em que pareceu uma estratégia de marketing, já que demais livros, como *Os segredos do futebol*, de 1931, e *Vocabulário futeboleiro*, em 1938, ele publicou como Max Valentim. A existência do livro foi confirmada em nota

⁷⁸ Em Ribeiro (2007), há a informação de que Afonso Várzea é que seria pseudônimo de Max Valentim, mas nas buscas pelo perfil biográfico do jornalista, podemos afirmar que se trata de um equívoco, como é possível perceber na descrição sobre ele com dados localizados no Arquivo Nacional do Governo Federal.

⁷⁹ Algumas das informações foram extraídas de Ribeiro (2007), mas a maior parte dos dados biográficos do autor consta no Diário Brasil de Arquivos, no Arquivo Nacional do Ministério da Justiça, do Governo Federal. Disponível em: <<http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/varzea-afonso-vasconcelos-1897-1983>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

publicada no Diário Oficial da União, de 3 de agosto de 1929.⁸⁰ Não há, porém, imagens da capa da obra, apenas um anúncio em um jornal carioca.

FIGURA 37 – Anúncio de *As regras de futebol ao alcance de toda gente*, de 1929



Comprem hoje "As regras de futebol ao alcance de toda gente" tiradas directamente do texto inglês, por David Jack. Explicações e observações adequadas ao torcedor carioca. Edição popular das leis do empolgante jogo.

Fonte: *A Manhã*, RJ (28/06/1929) – Hemeroteca Digital Brasileira.

De acordo com a nota, o livro era adequado ao futebol carioca, ou seja, considerava a apresentação e a explicação das regras em relação ao contexto da cidade. Segundo Ribeiro (2007), Afonso Várzea colaborou para a imprensa no seguinte sentido: com uma linguagem mais objetiva, buscou acabar com descrições minuciosas sobre as partidas nos jornais, pois, em geral, as notícias costumavam ocupar aproximadamente oito páginas, sendo duas delas em cores, só sobre futebol. O autor ainda viria a colaborar para *Grandezas e misérias do nosso futebol*, em 1933, livro de Floriano Peixoto Correa (RIBEIRO, 2007), figura surgida no Rio de Janeiro em 1926. Este era jornalista e atleta mineiro, atuante no Fluminense e que foi acusado de subornos nos clubes pelos quais passou na cidade – Fluminense e América-RJ. A acusação é de que teria entregado resultados em jogos importantes em troca de dinheiro. Floriano, ao que consta em Guterman (2010) e Ribeiro (2007), tinha a dupla jornada de futebolista e repórter exatamente por causa de dificuldades financeiras. Como o futebol ainda não havia sido profissionalizado e pagar salário aos atletas ainda era proibido, as acusações sofridas por ele foram muito debatidas nos jornais e, em 1927, ele deu depoimento para *O Rio Esportivo*, relatando as condições precárias dos jogadores, falando sobre dirigentes e denunciando cartolas dos clubes. Essa mesma entrevista é que rendeu, seis anos depois, o livro *Grandezas e misérias do nosso futebol*, o qual contribuiu imensamente para a profissionalização do esporte no Brasil naquele mesmo ano, já no governo Vargas.

3.5.10 "Regras oficiais do futebol", de Leopoldo Sant'Anna (1929) e "Almanaque Esportivo", de Thomaz Mazzoni (1929 e 1930)

Na cidade de São Paulo, houve um enfraquecimento da Associação dos Cronistas Esportivos devido à promoção de um jogo "falso" entre paulistas e cariocas, na comemoração de dez

⁸⁰ O registro do livro no Diário Oficial da União consta no link: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2058950/pg-60-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-03-08-1929>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

anos da entidade, em 1927. Como havia grande rivalidade entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que ficou mais evidente ao longo da década, o Parque Antártica lotou-se por completo para acompanhamento da partida. Entretanto, também por causa da rivalidade, o empresário responsável pelo jogo conseguiu a participação de apenas sete jogadores cariocas, todos desconhecidos. Os outros quatro para completar o time foram buscados no interior do estado. A torcida logo percebeu que não eram os mesmos jogadores anunciados pela organização, ficou revoltada e promoveu um quebra-quebra no local (RIBEIRO, 2007).

Após tantos problemas, a Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo perdeu sua credibilidade e seus associados. Com isso, foi criada a ACE – Associação dos Cronistas Esportivos, sem remeter à cidade, pois com tanto trabalho surgindo para o jornalismo esportivo, era necessária a existência de uma instituição representante. Estavam surgindo muitos jornais e também rádios, como as tradicionais Mayrink Veiga, no Rio, e Cruzeiro do Sul, na capital paulistana (RIBEIRO, 2007).

Nesse contexto, o futebol ficou rachado, e a imprensa estava dividida entre o apoio à continuidade do amadorismo e a luta pela profissionalização do esporte (GUTERMAN, 2010). Na época, Thomaz Mazzoni continuava firme no propósito de manter o *Almanaque Esportivo* devidamente atualizado, e em dezembro de 1928 já começavam a aparecer os anúncios sobre a edição do ano seguinte.

FIGURA 38 – Nota sobre o *Almanaque Esportivo* de 1929

Almanach Esportivo de 1929

O que é a obra de Thomaz Mazzoni

O mundo esportivo de S. Paulo não foi propriamente surpreendido com o "Almanach" de Thomaz Mazzoni, porque os amigos e colegas do inteligente cronista de ha muito vinham preparando o espirito dos esportistas todos.

Surpreendeu-se, em parte, entretanto. E' que, comquanto a obra fosse esperada, não o era como veio, como appareceu.

O precioso livro está melhor, muito melhor que a expectativa. Está optimo. Mais desenvolvido, no genero, é difficilimo, senão impossivel.

Thomaz cravou o seu livro de photographias elucidativas de tudo que escreveu e escreveu mais do que era possivel elucidar-se.

Os esportes que se praticam em todo o mundo, as maiores lutas, as victorias e derrotas de toda parte, do estrangeiro e, principalmente, do Brasil, tudo se encontra na magnifica obra com que Mazzoni acaba de brindar o povo esportivo de nossa terra.

Bôas festas como essa, só essa.

A parte do livro que se refere ás ultimas Olympiadas, de Amsterdam, é completa. Satisfaz plenamente, trazendo descrições e resultados completos de provas, muitas das quaes ainda de resultados desconhecidos pelos esportistas do Brasil.

Um capricho dos mais notaveis presidiu a coordenação de trabalhos de Mazzoni.

Varias paginas cheias de vida foram dedicadas ao Palestra Italia que é, em real, um dos líderes do futebol paulista.

Os retratos dos campeões, não só nacionaes como de todo o mundo, vêm acompanhados no livro de Mazzoni, dos commentarios sobre todos elles, fazendo-os conhecidos dos que procuram acompanhar a evolução do esporte mundial.

Um livro, emfim, que é um verdadeiro almanach.

Bom, sob todos os pontos.

Fonte: *Diário Nacional*, SP (28/12/1928) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Nessa nota, em um tom de resenha, o jornal *Diário Nacional* elogia bastante a terceira edição do livro de Mazzoni e aborda um pouco do conteúdo que estava por vir em relação a todos os esportes, especialmente porque naquele ano haviam acontecido as Olimpíadas de Amsterdã, sobre a qual ele trouxe “descrições e resultados completos de provas”. Com “fotografias elucidativas”, o livro ainda traz, em relação ao futebol, várias páginas dedicadas ao Palestra Itália (Palmeiras), uma força do futebol paulista fundada por imigrantes italianos – assim como Mazzoni.

Já em fevereiro de 1929, eram apresentados anúncios no jornal *A Gazeta* sobre os últimos exemplares do livro à venda, o que possibilita atestar o êxito rápido da obra.

FIGURA 39 – Anúncio do *Almanaque Esportivo* de 1929

ALMANACH

ESPORTIVO

1929

OS ULTIMOS EXEMPLARES ACHAM-SE A

VENDA NA

Agencia Soares

SUA DIREITA, 7-A

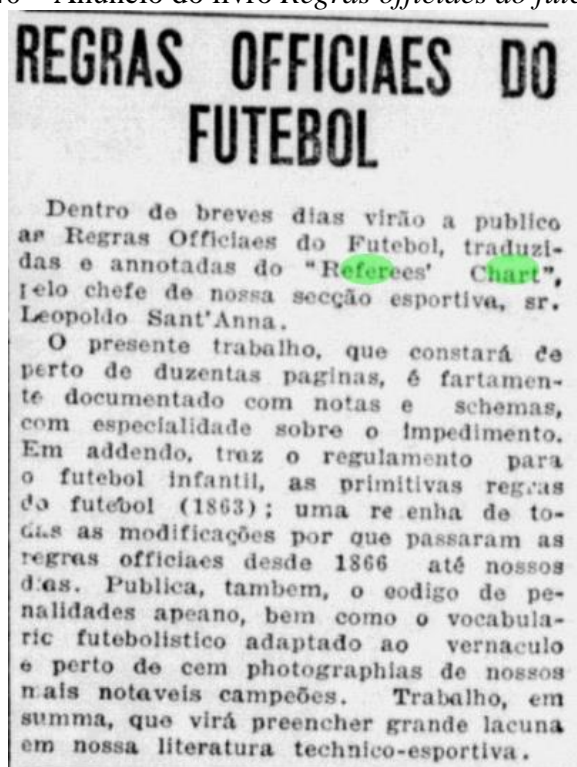
Fonte: *A Gazeta*, SP (06/02/1929) – Hemeroteca Digital Brasileira.

O anúncio indica o local onde o livro poderia ser adquirido. Parece ter havido um erro de digitação quanto ao nome, visto que o nome real da agência é Soave, pelo que consta na folha de rosto da obra – a agência também foi responsável pela impressão e pela publicação, assim como dos demais almanaques.

O ano dessa publicação ainda seria marcado por muitos problemas políticos e econômicos no país. O futebol já vinha sofrendo suas divisões e, dentro de um cenário de preparação da Seleção Brasileira para a primeira Copa do Mundo, ocorreu a quebra da Bolsa de Nova Iorque, no final de 1929. Ainda mais problemas surgiram, pois a oligarquia paulista enfraqueceu bastante porque dependia essencialmente das exportações de café (GUTERMAN, 2010). As taxas sobre os papéis de imprensa, por exemplo, voltaram a subir, e outros papéis de impressão durante esse período de crise foram taxados em \$300 por quilo, mais 50%, para importação (HALLEWELL, 2012).

Leopoldo Sant'Anna, nesse entremeio, não hesitou em continuar o trabalho de divulgação e de fortalecimento do futebol. Mesmo em meio à crise, resolveu publicar *Regras officiaes do futebol*.

FIGURA 40 – Anúncio do livro *Regras officiaes do futebol* de 1930



Fonte: *A Gazeta*, SP (23/09/1929) – Hemeroteca Digital Brasileira.

Tal livro, lançado por volta de outubro de 1929, começou a ser divulgado dias antes nos jornais, como percebido na nota apresentada acima, estratégia que Mazzoni já vinha utilizando muito bem para os almanaques. O livro, que possuía por volta de 200 páginas, trazia mais de cem fotografias dos “mais notáveis campeões”; muitas notas e esquemas; o regulamento para o futebol infantil; as primeiras regras do futebol, de 1863, e as modificações ocorridas nessas normas desde 1866; o código de penalidades da APEA; e o vocabulário futebolístico adaptado para o português brasileiro. Foi considerado pelo jornal como uma obra que viria preencher “grande lacuna em nossa literatura técnico-esportiva”. Esse conteúdo completo reitera a nova abordagem dos livros da década, que não somente apresentavam as regras, mas buscavam explicá-las, contextualizá-las e trazer dados estatísticos e históricos que contribuíssem para o registro da memória do esporte. Ademais, enfatiza a preocupação de atualizar as leis do futebol, assim como Mário Cardim o fazia, e atesta o envolvimento referencial de Sant’Anna com a arbitragem, na medida em que ele viria a auxiliar no processo de criação da primeira escola de árbitros da Federação Paulista de Futebol.

Mazzoni, colega de trabalho de Sant’Anna, também continuou seguindo fielmente a sequência editorial dos almanaques, independentemente do cenário desfavorável e de crise. Em dezembro, como de costume, já anunciava a edição do próximo ano, 1930.

FIGURA 41 – Anúncio do *Almanaque Esportivo* de 1930



Fonte: *A Gazeta*, SP (17/12/1929) – Hemeroteca Digital Brasileira.

A ser publicado no final do mês, ainda em 1929, era anunciado como “a única publicação do gênero da América do Sul”. Nota-se aí que estava ganhando cada vez mais fama e conseguindo se transformar em uma importantíssima e diferenciada referência. A edição de

1930, como consta na nota, possuía 300 páginas e mais de 800 ilustrações, mesmo com o encarecimento da impressão no mercado.

Durante esse tempo, em que estava ocorrendo a preparação para a primeira Copa do Mundo, cariocas e paulistas seguiam em intensa oposição, o que virou confusão política. Houve proibição de convocação de jogadores paulistas para a Seleção e, com isso, nem mesmo Friedenreich pôde participar do torneio. A equipe teve uma atuação ruim e fora eliminada na primeira fase. Esse feito foi até comemorado na cidade de São Paulo, dada a revolta dos paulistanos com a situação. A CBD chegou a suspender todos os clubes paulistas por oito meses para a participação em jogos interestaduais e internacionais (RIBEIRO, 2007). Enquanto isso, um jogador do Vasco, maranhense de nascença, destacou-se tanto na competição, ocorrida no Uruguai, que foi apelidado pela imprensa do país como “Maravilha Negra”. Tratava-se de Fausto dos Santos. A partir daí, o definhamento do amadorismo no futebol intensificou-se porque os jogadores, visados internacionalmente, começaram a deixar os clubes brasileiros para atuar em times do exterior, atraídos pela profissionalização já existente fora do Brasil (GUTERMAN, 2010).

Já a imprensa continuava crescendo principalmente sob as ações visionárias de Assis Chateaubriand. Ele continuou lançando vários jornais por todo o Brasil. Em São Paulo, por exemplo, lançou o *Diário de São Paulo* e a tradicional revista *O Cruzeiro*. Esse crescimento em meio a um cenário político e econômico devastador deveu-se principalmente ao apoio de Chatô à candidatura de Getúlio Vargas à presidência (RIBEIRO, 2007). O então governante Washington Luís renunciou depois que tropas militares cercaram o Palácio do Catete no Rio de Janeiro e o prenderam. Após esse golpe, conhecido como Revolução de 1930, Getúlio Vargas assumiu o lugar do último presidente da República Velha, em novembro daquele ano (GUTERMAN, 2010).

A queda de Washington Luís silenciou redações naquele ano, visto que muitos periódicos apoiavam o presidente derrubado. Sedes de jornais foram incendiadas e saqueadas e campeonatos tiveram de ser cancelados ou paralisados. Vargas apresentou em seguida o Programa de Reconstrução Nacional, dentro do qual havia a proposta de criação do Ministério do Trabalho, o que colaborou para a profissionalização do futebol e dos atletas em 1933 (RIBEIRO, 2007).

Nota-se que a década foi muito movimentada por questões sociais, políticas e econômicas, as quais afetaram tudo o que envolvia o futebol e sua divulgação. Muito embora esse cenário não fosse tão favorável, o desenvolvimento do esporte deu-se com a “partida para o ataque” de diferentes personagens: (pré-)modernistas, cronistas e jornalistas. Nesse meio, estavam os editores, ainda que não tivessem uma figura ampla e bem definida na época.

Passou a ser nítida a “tabelinha” que já vinha sendo feita em períodos anteriores para que o futebol fosse difundido. Apesar dos destaques individuais, é válido ressaltar que as funções de outras pessoas que ficam nos “bastidores” também foram essenciais, como o caso dos tipógrafos e comerciantes de artigos esportivos, por exemplo. Em uma sociedade capitalista, todos tinham seu interesse próprio em relação ao esporte, mas independentemente disso, mesmo com as críticas, conseguiram popularizá-lo cada vez mais em terras brasileiras.

3.6 Uma súmula: observações finais

A maior parte do panorama aqui apresentado teve foco no eixo Rio-São Paulo, na medida em que a maioria dos livros de futebol publicados até o fim da República Velha congregou-se por lá. É claro que não é intenção do estudo uma abordagem regionalista, mas a tendência é que a perspectiva historiográfico-editorial em relação ao esporte concentre-se no eixo porque o futebol teve seu início e muito do seu desenvolvimento naquela região, na qual havia “uma população de elevado poder aquisitivo e o maior número de instituições de educação e ensino superior” (EL FAR, 2006, p. 44).

Para contar sobre o futebol, sobre a imprensa, sobre a edição e sobre a leitura, no Brasil, não há muita escapatória com relação a isso. Entretanto, ressalta-se que esse é apenas o início de uma abordagem mais histórica desses materiais, temática carecida de pesquisas nas universidades. Os impressos, tão importantes para registro de memória e oficialização de informações, merecem estudos mais aprofundados, pois aqui foi possível ver como eles contribuíram no decorrer do processo de implementação, desenvolvimento e até profissionalização do futebol e também notar que alguns sequer dispõem de informações para consulta. É por esse motivo que até aqui, nesta “partida”, ocorreu apenas a movimentação do meio de campo ao ataque. Nos anos de 1930, especialmente devido à profissionalização do

esporte, é que a edição de livros de futebol partiu para as finalizações e para os primeiros gols, de fato, em especial sob o comando de Mazzoni.

No capítulo seguinte, fica ainda mais clara a pertinência de prosseguir com estudos de cunho documental, que possam explorar os originais das obras e descobrir ainda mais informações sobre o percurso histórico da edição futebolística no Brasil.

4 LEITURA TÁTICA: BREVE ANÁLISE DE PARATEXTOS EDITORIAIS

A fim de complementar o viés historiográfico-editorial da pesquisa, este capítulo tem o intuito de analisar alguns exemplos de paratextos que compõem os livros consultados e fotografados na biblioteca do CRFB. Dessa maneira, pôde-se aproveitar da melhor forma, dentro das possibilidades deste estudo, a coleta de dados feita nas visitas realizadas ao local, buscando estabelecer algumas relações entre esses elementos, o conteúdo das obras e a época a que pertencem – conforme informações do capítulo anterior.

A análise aqui apresentada fundamenta-se na teoria de Gérard Genette (2009), que traz de forma objetiva e clara o papel e a importância dos paratextos editoriais na composição de um livro. Genette (2009, p. 9) os define como elementos de transcendência textual, isto é, “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. Os paratextos, assim, são recursos ou unidades – verbais e não verbais – que compõem o livro para que este possa ser reconhecido enquanto produto cuja finalidade comunicativa se diferencia de demais impressos, como jornais, revistas e folhetins.

De acordo com Genette (2009), consideram-se paratextos editoriais: o título, os subtítulos e os intertítulos; os prefácios, os preâmbulos e as apresentações; as notas marginais, de rodapé e de fim; as epígrafes; as ilustrações; as dedicatórias; a tira, a jaqueta [cobertura], entre outros. Esses recursos auxiliam na propagação e na interpretação da mensagem central da obra em que estão contidos, e a disposição de todos eles, ou de sua maioria, no material impresso possibilita analisar, por exemplo, a época de publicação; a relevância e o êxito da obra; e a influência do autor ou demais envolvidos. Um livro não é apenas a junção de textos encadernados para se tornarem públicos, afinal. Ele necessita passar por processos editoriais, indispensáveis, para que cumpra seu propósito.

Nesses processos, o acréscimo desses sinais acessórios que dão “cara” ao livro é de suma importância para construí-lo enquanto produto e situar o texto dentro de um cenário – histórico, espacial, geográfico – ou de um *campo* – editorial, cultural, literário, etc. –, conforme a concepção de Pierre Bourdieu (1996), que também baseia esta análise. Para este autor, todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 1996, p. 262). Assim, tomando o futebol como um

campo, a união entre os agentes que o compõem torna-se responsável pela conservação e pela transformação do esporte. No caso do mercado editorial, como vimos, o envolvimento e a colaboração mútua entre autores, editores e jornalistas foram fundamentais, dentro do campo, para o avanço da popularização do futebol até pelo menos os anos de 1930. Sob uma análise bourdieuriana, portanto, o futebol é tido como um espaço de práticas específicas, visto que é um jogo orientado por regras próprias padronizadas, vivenciadas ou promovidas por agentes que ou estão dispostos por sua posição no jogo, enquanto o praticam, ou estão envolvidos por seus interesses para com ele, enquanto o abordam.

Não por acaso, nas visitas presenciais feitas à biblioteca do CRFB, procurou-se obter elementos que permitissem visualizar dados contextuais do período de recorte do estudo e até mesmo identificar características editoriais dos livros pertencentes à época. Apesar de editorialmente, no mercado atual, não haver muitas diferenças entre a publicação de livros de futebol e de livros de outros temas, em relação a processos, como já destacado em Piazzzi (2015), historicamente, como visto no capítulo anterior, o mercado de livros de futebol tem suas particularidades e apresenta uma lógica interessante em seu princípio: a de propagar o esporte fixando suas regras, “educando” o público e padronizando o jogo internacionalmente. Isso pode ser considerado dentro da teoria de Bourdieu (1996) como uma “homologia estrutural”, que se trata de ações e forças que se repetem constantemente no campo para desenvolvê-lo.

As relações dentro desse campo são determinadas pelos próprios envolvidos e interessados na disseminação do futebol no Brasil, detentores de interesses específicos e de poder dentro e fora do campo. Em outras palavras, os personagens principais da história do futebol, cada qual à sua maneira, disseminavam o esporte – uns com o desejo de mantê-lo somente entre a elite, como forma de recreação, outros de profissionalizá-lo; autores e editores/tipógrafos mostravam interesse em publicar as obras, fosse para criticar, para ensinar, para divulgar; influenciadores utilizavam seu poder dentro e fora do âmbito esportivo para expandir o futebol ou até mesmo para depreciá-lo, como políticos e intelectuais; e vários outros pontos abordados no capítulo anterior.

A combinação entre os preceitos teóricos de Genette (2009) e Bourdieu (1996) possibilita, portanto, obter maior amplitude sobre a perspectiva historiográfico-editorial apresentada ao

longo deste trabalho. Entretanto, visto que foram poucos os livros do recorte consultados – 5 (cinco),⁸¹ conforme já dito –, não se pretende generalizar a análise aqui feita. Novamente, destaca-se a necessidade de uma pesquisa documental que permita desenvolver uma discussão mais completa sobre a temática.

4.1 Títulos

O título é responsável pela nomeação da obra considerando seu conteúdo, a época de sua publicação e seu contexto. Em geral, para Genette (2009, p. 64), “o momento de aparecimento de um título não suscita qualquer dificuldade, pois geralmente está atrelado ao momento de lançamento da edição original”. O autor ainda destaca que o título possui um público amplo e, por isso, costuma ser direto, a fim de identificar a obra, indicar o que está nela e valorizar o conteúdo.

Os primeiros livros de futebol publicados no Brasil apresentam títulos muito semelhantes. Esse é um caso para o qual consideramos o conceito de “homologia estrutural” de Bourdieu (1996, p. 187), que se institui pelo “princípio de *coincidência* que se estabelece entre as diferentes categorias de obras oferecidas e as expectativas de diferentes categorias de público”. O autor ainda complementa a ideia afirmando que, embora pareça coincidência, a exploração dessa semelhança é, na verdade, um “produto de um ajustamento deliberado da oferta à procura” (BOURDIEU, 1996, p. 188). Como naquele momento havia interesse em promover as regras oficiais e interesse em saber quais eram estas e como colocá-las em prática, uma “profusão” de livros diferentes usaram a mesma lógica para definir seus títulos.

Como se tratava de obras que buscavam “educar” o público sobre o novo esporte, fixar suas regras e padronizar o jogo, muitos dos autores optaram pelo título que Genette (2009, p. 84) chama de “remático”, que, diferente do título “temático” – o qual indica o assunto de que um livro *fala* –, designa aquilo que o livro *é* e representa. É o caso dos guias, dicionários,

⁸¹ Conforme apresentado no primeiro capítulo, os 5 (cinco) livros manuseados na biblioteca do CRFB foram: *Guia de football* - 4ª edição, de Mário Cardim e Luiz Fonseca (1906); *Sports athleticos*, de E. Weber (1910); *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, de Carlos Sussekind de Mendonça (1921); *Almanach sportivo*, de Thomaz Mazzoni (1929, 1930). É válido enfatizar que não são analisados todos os paratextos nem todas as obras, apenas aqueles que se mostraram passíveis de uma avaliação crítica dentro da fundamentação teórica utilizada.

enciclopédias e almanaques, que não só abordam uma temática, mas sim entram em cena para expor algo já definido.

Como exemplo disso, listam-se vários livros, englobando reedições e livros homônimos: *Guia Esportivo*; *Guia de football*; *Guia brasileiro de football associação*; *Diccionario de futebol* e *Almanaque Esportivo*. Outros livros, que têm em seu nome “regras de futebol” e similares, também podem fazer parte desses títulos de “indicação genérica” (GENETTE, 2009, p. 90), na medida em que alguns deles são bem diretivos e simplesmente reproduzem as normas do futebol, não se preocupam em explicá-las. É o caso de *Regras Internacionaes de Futebol “Association”*, de Thomaz Mazzoni, publicado em 1936⁸² pel’*A Gazeta*, que já vai direto ao ponto e sequer apresenta divisões paratextuais (como introdução, agradecimentos e dedicatórias) entre a capa e o conteúdo.

O título, para Genette (2009, p. 72) é definido como “objeto de circulação”, enquanto o texto em si é o “objeto de leitura”. Logo, o título configura um aparato que se responsabiliza de certa forma pelo interesse do público pela obra.

4.2 Nomes e pseudônimos

Muitos dos autores dos primeiros livros de futebol publicados no Brasil constituíam nome de referência no campo esportivo da época: Mário Cardim (*O Estado de S. Paulo*), que tanto lutou pela disseminação do esporte bretão; Leopoldo Sant’Anna (*A Gazeta*), que publicou o primeiro livro de cunho histórico do futebol registrado e que, antes de Mazzoni, foi o maior autor de livros esportivos; Antônio Figueiredo (*O Estado de S. Paulo*), que publicou o primeiro livro de clubes registrado; e o próprio Thomaz Mazzoni (*A Gazeta*), que se tornou a maior referência histórica do futebol brasileiro e até os dias de hoje ainda é o maior autor de livros esportivos do país. Esses autores, até mesmo por terem nome feito, não utilizavam pseudônimos para publicar suas obras e contavam com os jornais onde trabalhavam e demais periódicos da imprensa esportiva para divulgá-las. Nesse sentido, de acordo com Genette (2009, p. 42),

⁸² Apesar de não estar dentro do período de recorte da pesquisa, achamos pertinente citar como exemplo esse livro.

o nome do autor cumpre uma função contratual de importância muito variável conforme os gêneros: fraca ou nula na ficção, muito mais forte em todas as espécies de escritos referenciais, onde a credibilidade do testemunho, ou de sua transmissão, apoia-se amplamente na identidade da testemunha ou do relator. Por isso veem-se pouquíssimos pseudônimos ou anônimos entre as obras de tipo histórico ou documental, com maior razão ainda quando a testemunha está também implicada no relato.

No mesmo viés, para Bourdieu (1996), o nome do autor trata-se de uma construção, ou seja, designa o agente dentro do campo e o torna legitimado pelos pares, ocupando posição de destaque ou não no campo em que ele atua.

Mazzoni, por exemplo, foi apelidado pelos colegas de trabalho como “Olimpicus”, por sua contribuição para os diversos esportes e registro histórico no Brasil sobre as Olimpíadas. Depois de vários livros publicados, incorporou ao seu nome esse chamamento, o que permitiu atribuir um “efeito-pseudônimo”, como tratado por Genette (2009, p. 48-49), que afirma que tal efeito é uma sensação provocada no leitor. No caso de Thomaz Mazzoni, o fato de ele conhecer sobre todos os esportes e ser referência no assunto, conferiu a ele um apelido que causa um efeito e remete para o leitor a “notoriedade biográfica e literária” do jornalista.

Outra coisa que vale destacar é sobre a proximidade dos autores desses primeiros livros. A maioria deles era amiga e, embora “concorrentes”, por trabalharem em jornais que disputavam o mesmo público, colaboravam entre si com o propósito único de tornar o esporte mais popular. Nesse sentido, retoma-se o conceito de campo de Bourdieu (1996) para destacar essas relações de força existentes dentro de um mesmo campo. Independentemente de concorrência, havia um objetivo comum e um compromisso mútuo de propagar o futebol.

Retomando a questão pseudomínica, há casos em que autores não utilizaram seus nomes nas obras produzidas, talvez por causa de seu envolvimento direto com algum clube e visando à credibilidade dos escritos sob a ideia de imparcialidade. Um exemplo é Guy Gay, cujos registros encontrados na Hemeroteca Digital Brasileira dizem se tratar de um esportista de nacionalidade francesa. Outra ocorrência é Max Valentim e David Jack, ambos pseudônimos de Afonso Várzea, que fora jogador do Fluminense e técnico de clubes como América Futebol Clube e Corinthians. David Jack, como abordado no capítulo 3, era nome de um esportista inglês famoso, o que também podia conferir à obra de Afonso Várzea um efeito-pseudônimo,

além de caracterizar uma ação mercadológica, pois um nome de referência poderia facilitar a comercialização do livro.

Assim, a força expressada pelo nome de um autor dentro do futebol é também estratégia para promover uma obra e transmitir a relevância e a influência dele no campo. A autoria já é um elemento exibido na capa dos livros, o que a torna também fator “convitativo” para a leitura ou não do conteúdo. Um bom exemplo de que nome também é responsável pela vendagem desse tipo de material é de quando um livro já destaca em sua capa a autoria do prefácio, que, quando é assim, foi escrito por alguém famoso da área.⁸³

4.3 Dedicatórias

As dedicatórias são elementos interessantes de serem avaliados, dado que elas têm muitas possibilidades. Um escritor pode prestar homenagem a quem quer que seja nos paratextos introdutórios de sua obra, a fim de prestar “homenagem e posse simbólica”, como indica Genette (2009, p. 117). Por sua vez, Bourdieu (1996) já considera esse tipo de elemento como a maneira de estabelecer vinculação e crédito entre os agentes do campo. Nesse sentido, os autores firmam a posição dos homenageados dentro do campo e podem, inclusive, afirmar um modo de ver e pensar o campo semelhante àqueles a que uma obra está sendo dedicada.

Na atualidade, é muito comum que se homenageiem familiares, por exemplo, mas nos primeiros livros de futebol, encontram-se muito mais dedicatórias a personalidades referências do campo de que a obra faz parte. A título de comparação, é possível citar dois livros utilizados nesta pesquisa: *O futebol explica o Brasil*, de Marcos Guterman (2007), que dedica sua obra ao pai, e *De Charles Miller à gorduchinha*, de Darcio Ricca (2014), que o faz para toda a sua família, desde a esposa, os pais até a avó.

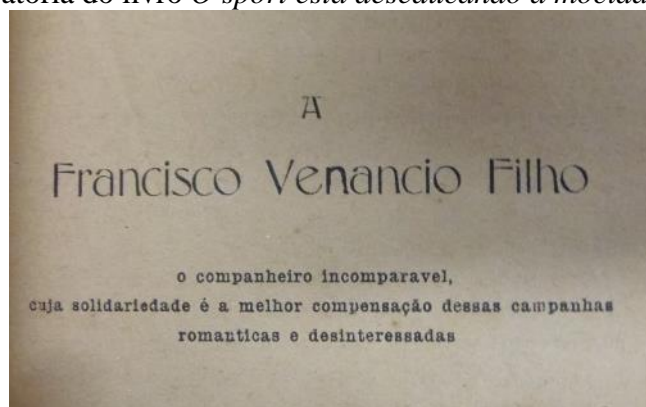
No âmbito esportivo, a proximidade entre os autores, como comentado anteriormente, permite que as dedicatórias sejam feitas para demonstrar essa amizade e também a união em torno de um bem comum no campo em que se inserem as publicações. Segundo Genette (2009, p. 124), a dedicatória é a “mostra da relação entre o autor e uma pessoa, grupo ou entidade”, e o

⁸³ Essa discussão é melhor entendida no tópico 4.4.

momento de inseri-la em uma obra é na edição original. Geralmente, está localizada na página de anterosto, mas não há regra específica para isso.

Para esta análise, consideram-se duas dedicatórias, fotografadas em visita presencial ao CRFB: a de *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, de Carlos Süssekind de Mendonça (1921) – que, inclusive, na introdução, refere-se a Coelho Neto, seu “mentor”, ainda que não dedique a obra a ele; e *O Brasil na Taça do Mundo*, de Thomaz Mazzoni (1938),⁸⁴ que presta mais de uma homenagem.

FIGURA 42 – Dedicatória do livro *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, de 1921



Fonte: Autora.

Como é possível ver na figura, Mendonça presta homenagem a Francisco Venancio Filho e ainda insere vários adjetivos à mensagem para ressaltar sua relação com ele. O homenageado foi um ilustre professor, fundador da Associação Brasileira de Educação, e teve papel ativo para nova estruturação do ensino na década de 1920, em especial na renovação do ensino de ciências exatas e no processo de formação da sociologia brasileira, além de ter escrito para a imprensa periódica e em revistas.⁸⁵

Não foram encontradas, porém, informações sobre a relação de Francisco Venancio Filho com o futebol e a possível reprovação dele no que concerne ao esporte.

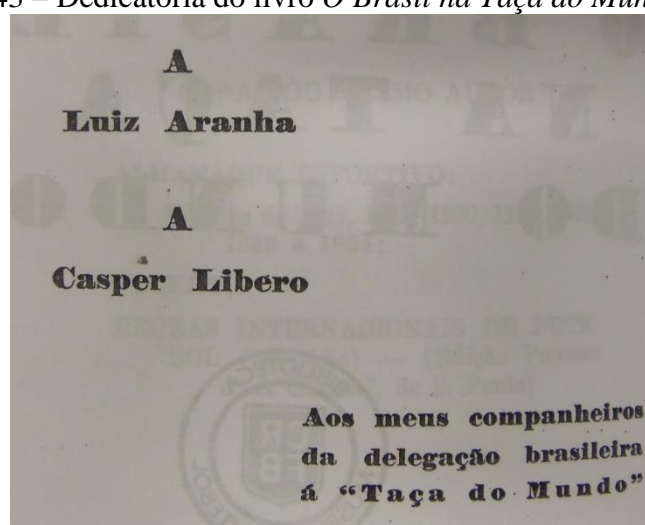
⁸⁴ Esta obra ultrapassa o período de recorte da pesquisa, mas como um dos homenageados da dedicatória, Cásper Líbero, foi citado no estudo e teve grande contribuição para o mercado editorial da época e para o trabalho tanto de Leopoldo Sant’Anna, maior autor entre 1903 e 1930, quanto do próprio Mazzoni, considerou-se válido adicioná-la aqui.

⁸⁵ As informações são do livro *Francisco Venancio Filho: um educador brasileiro (1894-1994)*, escrito por Alberto Venancio Filho e publicado em 1995 pela editora Nova Fronteira, e também do Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro: <http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_venancio.html>. Acesso em: 10 mar. 2018.

Outro dado relevante é que a obra de Carlos Süssekind de Mendonça insere-se no assunto “Sociologia”, de acordo com os registros do CRFB. A publicação de uma obra desse assunto na época de certa forma vai ao encontro do interesse de Venancio Filho em promover o desenvolvimento da sociologia brasileira, apesar de não se saber se ele era contra o esporte ou não.

Por sua vez, a dedicatória de Thomaz Mazzoni, em *O Brasil na Taça do Mundo*, abrange dois grandes personagens no âmbito esportivo.

FIGURA 43 – Dedicatória do livro *O Brasil na Taça do Mundo*, de 1938



Fonte: Autora.

Cásper Líbero, como abordado no capítulo 3, foi um importantíssimo e visionário jornalista d’*O Estado de S. Paulo*, que tornou esse jornal um dos maiores órgãos de imprensa da América Latina, enquanto proprietário e diretor. Além de ter dado todo apoio a Leopoldo Sant’Anna para publicação de seus livros, ainda contratou, ao final da década de 1920, Thomaz Mazzoni, para trabalhar com ele e, posteriormente, substituí-lo. Não somente foi um substituto à altura como se tornou um ícone da imprensa esportiva brasileira, ultrapassando rapidamente o próprio Sant’Anna no número de títulos publicados. Logo, homenagear seu chefe em um livro tão importante para registro da história da seleção brasileira demonstra a gratidão e a relação entre eles.

Já o outro homenageado da dedicatória é Luiz Aranha, que se trata do então presidente da CBD, amigo particular de Getúlio Vargas e irmão de Osvaldo Aranha, ministro do governo

varguista.⁸⁶ É possível perceber, dessa forma, que Mazzoni tinha proximidade com nomes importantes e fez seu próprio nome junto a pessoas muito influentes.

Ademais, Mazzoni aproveita para dedicar o livro também aos companheiros da delegação brasileira, que, auxiliando na cobertura dos jogos da seleção, também contribuíram para a construção da obra.

Portanto, a dedicatória de um livro é uma maneira simbólica de fortalecer a relação entre pessoas atuantes em um mesmo campo e afirmar também um modo semelhante de pensamento, um vínculo entre agentes, que por mais que trabalhem separadamente, unem-se em torno de um bem comum.

4.4 Introduções

A introdução é um dos nomes dados ao prefácio, como aborda Genette (2009). Segundo o autor, esse paratexto é um “discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede” (GENETTE, 2009, p. 145) e que, em geral, é destinado ao leitor. Ele pode, ainda, informar sobre a origem da obra e as circunstâncias de sua redação, além de às vezes tomar um tom de manifesto.

Com base em Bourdieu (1996), o conteúdo trazido por uma introdução e/ou prefácio é outra forma de legitimação dentro do campo, pois neles se tem o reconhecimento dos leitores pretendidos, o que o autor aponta como “qualidade social do público”. Esta, medida em especial por seu volume, junto ao lucro simbólico que o público também assegura, define “a hierarquia específica que se estabelece entre as obras e os autores no interior de cada gênero”. (BOURDIEU, 1996, p. 135). Dessa forma, já se tem a ideia de para quem está direcionado cada livro, mas mais do que isso, nos primeiros livros de futebol, cujo principal objetivo era disseminar o esporte e suas regras, tem-se a noção do lucro simbólico que isso poderia trazer. Utilizando-se de outros autores referência no campo, isso fica ainda mais claro, pois além de explicar o projeto da obra, ainda se estabelece uma adesão tácita a ele – o autor “mais velho” no campo recomenda a obra e faz sua “validação” para o leitor. Isso é uma maneira também de esse autor “mais velho” perpetuar sua própria influência no campo.

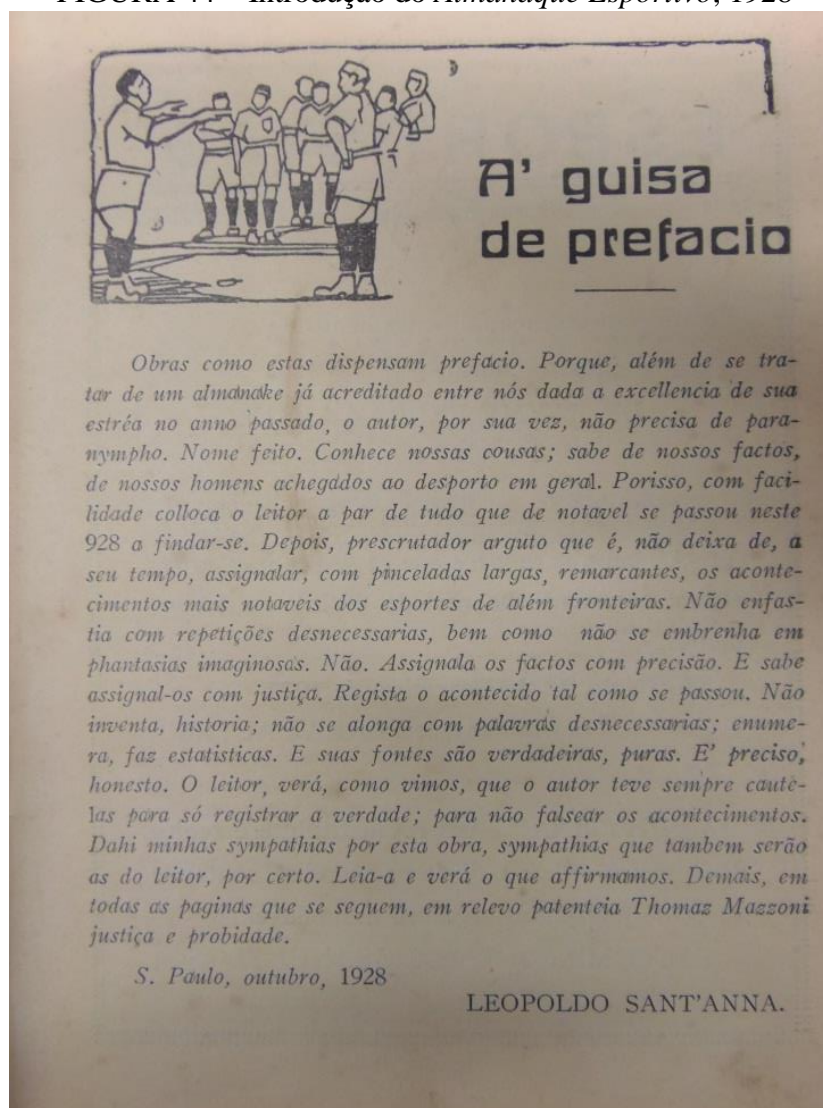
⁸⁶ Informações extraídas do livro *Cáspes Líbero e a modernização do jornalismo brasileiro*, de Gisely Valentim Vaz Coelho Hime, publicado em 2016 pela editora Appris.

Os títulos para um prefácio são diversos, como “nota”, “notícia”, “aviso”, “apresentação”, “preâmbulo”, “prelúdio”, “discurso preliminar”, “proêmio”, entre outras opções. Por exemplo, Thomaz Mazzoni comumente atribuía o título “Duas palavras” aos prefácios de suas obras (ou “Introito”, como em *História do futebol no Brasil: 1894-1950*). Por seu turno, Carlos Süssekind de Mendonça, em *O sport está deseducando a mocidade brasileira*, o nomeia como “No frontespício”. Já Arthur de Azevedo Filho, em *Regras brasileiras de football adotadas pela Federação Brasileira de Football*, de 1937, o intitula como “Advertência”.

Dessa forma, é possível notar que se trata de questão estilística de cada autor. Isso, no campo literário, é uma prática interessante e que pode ser muito bem aproveitada pelos escritores para aproximarem-se de seu público após o contato com o título da obra. Nesse sentido, Genette (2009, p. 257) afirma que:

Em diversos graus e com inflexões diversas conforme os tipos (o autoral assertivo essencialmente ligado à preocupação, no autor, de impor sua intenção ao leitor; o alógrafo às práticas de proteção e patrocínio, mas também, às vezes, de desvio e de captação, os ficcionais à encenação da própria prática ficcional), o prefácio é, talvez, de todas as práticas literárias, a mais tipicamente literária, às vezes no melhor e às vezes no pior sentido do termo, e no mais das vezes nos dois ao mesmo tempo.

Assim, é possível perceber o texto introdutório como o momento de conquista do leitor e o convite à leitura do conteúdo central da obra, e não é preciso que ele seja escrito pelos próprios autores, como é o caso de “À guisa de prefácio”, escrito por Leopoldo Sant’Anna para a segunda edição do *Almanaque Esportivo*, de Thomaz Mazzoni, em 1928.

FIGURA 44 – Introdução do *Almanaque Esportivo*, 1928

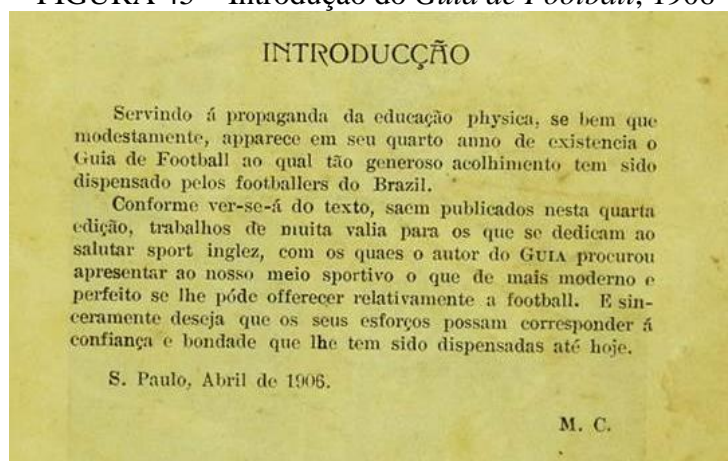
Fonte: Autora.

Um prefácio escrito por outra pessoa é uma forma de atribuir valor a um livro, mesmo porque, na maior parte das vezes, convida-se alguém de renome para escrever essa abertura da obra e ajudar a destacá-la no campo (BOURDIEU, 1996) em que ela se encontra. É o caso de Leopoldo Sant'Anna, que já era um nome de referência e ajudou a destacar o segundo livro de Thomaz Mazzoni, o *Almanaque Esportivo* de 1928, após o sucesso do primeiro. Vê-se que, no texto, ele faz elogios à obra, mas principalmente ressalta o próprio autor, de “nome feito”, que “não inventa histórias”, “preciso, honesto”, entre outros adjetivos.

Já os primeiros livros de futebol publicados no Brasil na década de 1900 promoviam as regras e também aproveitavam para destacar os benefícios da prática esportiva em suas introduções.

É o caso da quarta edição do *Guia de Football* (1906), de Mário Cardim, e a segunda edição do *Sports Athleticos* (1910), de E. Weber, os quais evidenciam bastante essa discussão sobre o caráter salutar não só do futebol.

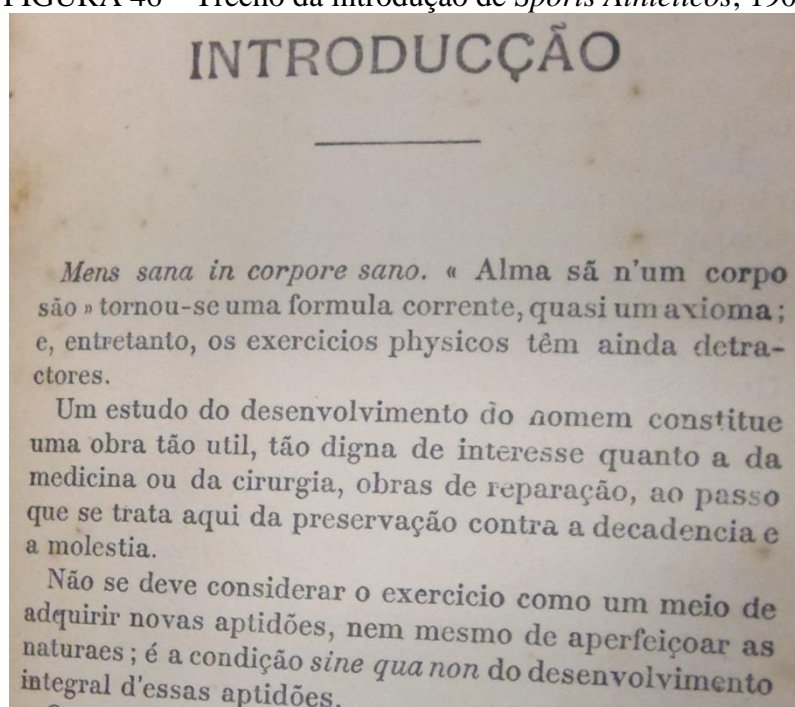
FIGURA 45 – Introdução do *Guia de Football*, 1906



Fonte: Gambeta (2014).

Conforme se observa na figura, o direcionamento do texto ao leitor – ou ao público-alvo – é evidenciado quando Cardim fala sobre os “footballers do Brazil” e “os que se dedicam ao salutar sport inglez”, destacando sua obra como uma modesta “propaganda da educação physica”, além de ressaltar indiretamente o sucesso editorial quando cita que o *Guia* já estava em sua quarta edição e fora publicado por quatro anos consecutivos.

Por sua vez, apesar de utilizar termos mais técnicos, o livro *Sports Athleticos* apresenta ao leitor argumentos para a prática de esportes, não somente do futebol, em um mesmo sentido.

FIGURA 46 – Trecho da introdução de *Sports Athleticos*, 1907

Fonte: Autora.

O processo de convencimento do público-alvo no que concerne à prática de esportes se dá pelo destaque de que o exercício vai além de uma forma de “adquirir novas aptidões” e “aperfeiçoar as naturais”: é condição essencial para desenvolvê-las. Ernest Weber, nesse texto, destaca que sua obra é tão útil e importante quanto qualquer outra de medicina ou cirurgia, posto que o que está em jogo ali é a luta pela “preservação contra a decadência e a moléstia”. Assim, com um vocabulário mais rico, ele dá um tom de manifesto à sua introdução e busca ressaltar seu livro como fundamental para a área esportiva em geral.

Embora Genette (2009) destaque que nem todos consideram a introdução como um prefácio, tanto a introdução do *Guia de Football* quanto a do *Sports Athleticos* possuem as características citadas por ele.

O que também é possível visualizar aí em relação a essas introduções e/ou prefácios é a discussão iniciada no tópico 4.2, sobre a força expressada pelo nome de agentes dentro de um campo. Cardim, Weber e Sant’Anna, como visto no capítulo anterior, foram grandes referências no âmbito esportivo e conseguem legitimar as obras que escreveram. O último, além disso, ainda foi responsável por atestar a qualidade e o caráter do livro de Mazzoni, o qual ainda estava iniciando no mercado de livros, embora já fosse jornalista conhecido. É

nesse momento que o “mais velho” dá essa autoridade ao iniciante, permitindo que ele passe a caminhar sozinho e destacar ainda mais seu próprio nome no campo.

Ressalta-se novamente e à guisa de conclusão como esses agentes eram unidos por uma meta: disseminar a cultura do futebol no Brasil, ainda que muitas vezes autores ou jornalistas se “desentendessem” sobre qual público de fato eles queriam que “utilizasse” o futebol e o praticasse. Independentemente dessa discussão, viu-se que esse tipo de paratexto solidifica o bem comum pelo qual eles lutavam.

4.5 Uma sùmula: notas sobre a análise

Os paratextos editoriais carregam consigo uma responsabilidade para com as obras, na medida em que eles podem estabelecê-las dentro de um campo, enfatizar relações entre pessoas que estão nele introduzidas e exibir até mesmo o poder dos agentes nele envolvidos, o que nesta análise tem como aporte teórico a obra de Bourdieu (1996).

Como foram poucas as obras com que houve contato direto no CRFB, não há como generalizar a análise aqui feita. Apenas consideraram-se paratextos que estavam em condições de serem avaliados dentro da teoria de Gérard Genette (2009) e que indicavam o contexto de publicação da obra. No caso dos índices, por exemplo, eles foram descartados para análise porque, como o próprio Genette (2009, p. 278) afirma, “nada mais são que um instrumento de rememoração do aparato titular”.

Outra importante consideração a se fazer é com relação ao grande número de publicidades encontradas nas obras de futebol da época, em especial nos almanaques de Mazzoni, pois, como abordado no capítulo anterior, a adição dessas propagandas ajudava a financiar a edição e a impressão dos livros. Ademais, muitas publicidades voltavam-se a um público elitizado: joias, cigarros, vestuário refinado, entre outros. Porém, como Genette (2009) não aborda esses elementos como paratextos, eles não foram aqui divulgados, mesmo porque, no mercado editorial atual, não é comum que haja esse tipo de informação nos livros.

Para o caso dos epitextos, que, segundo Genette (2009, p. 303-305), são elementos paratextuais fora do livro e que possuem função publicitária e promocional, consideramos os anúncios apresentados no capítulo 3 e que, portanto, não necessitam ter nova análise neste.

Dessa forma, encerra-se esta seção reafirmando a relevância de realizar um estudo que priorize a análise documental sobre os livros de futebol como um todo, visto que esses originais possuem informações tão ricas que necessitam de uma pesquisa à parte e grandiosa. Como a investigação aqui proposta é uma perspectiva historiográfico-editorial, não a história em si, sobre os livros de futebol, em um período relativamente “curto” e com limitações aparentes, a análise de alguns exemplos de paratextos teve como objetivo reafirmar essa necessidade de atenção às publicações sobre o esporte. Nelas, há informações que em nenhum outro lugar podem ser encontradas, e ir direto à fonte é poder sair um pouco das inferências para começar a ter algumas certezas sobre como foi o curso do mercado editorial de futebol no Brasil desde os primórdios.

5 MELHORES MOMENTOS: COMENTÁRIOS GERAIS E CONCLUSÕES

A pesquisa aqui apresentada delineou-se de maneira que pudesse traçar um provável curso dos livros de futebol no Brasil entre os anos de 1903 e 1930. Por meio de um cruzamento entre a história do futebol, a história da imprensa esportiva, a história da edição e a história da leitura, no cenário nacional, as informações encontradas foram organizadas cronológica e descritivamente, tendência mais coerente para o tipo de estudo proposto.

Inicialmente, apresentou-se toda a estrutura da pesquisa, bem como seus métodos, suas motivações e sua relevância. Em seguida, foi preciso partir do histórico das regras do futebol, desde o ano de 1863, na Inglaterra, para introduzir de maneira breve o contexto de surgimento do primeiro livro sobre o esporte publicado no mundo até a chegada dele ao Brasil. Na sequência, propôs-se uma visão geral do mercado de livros e da leitura no país até a chegada “oficial” do futebol, estabelecendo, a partir daí, a expressão mais condizente com a temática: perspectiva historiográfico-editorial. É de total pertinência, novamente, o esclarecimento em relação a esse viés do estudo, a fim de ressaltar que não se sugeriu aqui fazer propriamente a historiografia dos livros de futebol, mas sim dar início ao curso histórico que esses materiais possivelmente tiveram em um contexto também editorial, dentro da história da edição e da leitura. Em outras palavras, a escassez de pesquisas nesse âmbito impede que consigamos fazer conclusões precipitadas sobre as informações ora apresentadas, de um assunto tão vasto. A investigação expôs suas limitações e fez-se dentro de seu alcance, enfatizando ainda mais a necessidade de realizar, minuciosamente, análises mais aprofundadas e documentais para responder a várias indagações trazidas por ela. Por fim, avaliaram-se alguns paratextos de livros manuseados na biblioteca do CRFB para mostrar essa importância de trabalhar com uma proposta documental posteriormente.

Primeiramente, avaliamos como cumpridos os objetivos iniciais traçados, na medida em que: a) reunimos informações acerca dos livros de futebol e de seus autores que estavam dispersas em livros sobre a história do esporte e em jornais publicados no período de recorte da pesquisa; b) identificamos características da publicação e da circulação das regras do jogo; c) ressaltamos, no percurso histórico, a importância que livros e processos editoriais tiveram na história do futebol brasileiro; e, por fim, d) analisamos editorialmente os paratextos dos livros a que tivemos acesso. Foi possível estabelecer tudo isso como meta do presente trabalho

retomando a pesquisa anteriormente realizada, Piazzzi (2015), sobre o nicho editorial de futebol no mercado atual. Nela, a dificuldade de discorrer sobre a história dos livros foi tão grande, já que não havia muito material de referência, que não fazia sentido prosseguir com uma análise acerca da atualidade se não obtivéssemos um embasamento histórico para isso – até porque é preciso caracterizar esse nicho em seu todo e começar, por assim dizer, “do começo”.

De maneira breve, o segundo capítulo, *Arbitragem: breve histórico das regras do futebol e das instituições responsáveis por sua aplicação*, fez um panorama sobre a história das regras de futebol e permitiu perceber que também sobre essa temática a Academia tem carecido de investigações. Encontraram-se poucas fontes cujo foco fosse as “leis” do jogo. De 1863 até os dias atuais, muitas foram as mudanças nas normas, e resgatar todo um conjunto de dados sobre a criação e a publicação delas é uma proposta interessante para novos estudos, em um cenário mais global. As tantas “bolas de papel” feitas para se chegar a um consenso sobre como o futebol deveria ser jogado não podem ser ignoradas. Os impressos foram importantes enquanto suporte e meio de circulação, mas é claro que as regras propriamente ditas, enquanto conteúdo fundamental, também merecem atenção.

O terceiro capítulo, *Bola em campo: do minuto de silêncio na imprensa às primeiras jogadas editoriais de futebol no Brasil*, conseguiu iniciar uma provável história dos primeiros livros de futebol tendo como pano de fundo o cenário brasileiro, principalmente editorial, a partir da descrição de cada livro encontrado e de seus autores. Entre 1903 e 1930, muitos foram os acontecimentos políticos, econômicos e sociais no país, os quais influenciaram fortemente a imprensa, o mercado editorial, a educação e o ensino. Com isso, veio a dúvida sobre qual foi, por exemplo, o papel das escolas e como elas influenciaram na propagação e na aplicação das regras do futebol dentro dos padrões estabelecidos. Será que tais livros eram distribuídos em escolas de elite? E o público mais pobre, como tinha acesso a eles?

A hipótese mais “óbvia” para essa última pergunta é de que o futebol era aprendido apenas na prática por esse público, visto que os mais pobres, em sua maioria, também eram analfabetos ou pouco tinham interesse pela leitura. Laurence Hallewell (2012) até atribui o nosso hábito de não ler a uma herança dos colonizadores portugueses, mas, mais do que isso, fala sobre como a sociedade brasileira é, em todos os níveis, uma sociedade essencialmente oral. Não

por acaso o sucesso do rádio e da TV foi grandioso, especialmente quando esses aparelhos se tornaram mais populares. Para Hallewell (2012, p. 787),

mesmo na administração pública, (...) o texto escrito existe antes como instrumento legal meramente formal de um dado processo; mas é oralmente que sua implementação será transmitida e que se buscarão informações complementares.

Isso pode ser comparado com o modo como o livro de regras é tido hoje em dia: ele formaliza as regras, exhibe suas atualizações, assim como antigamente, porém na sociedade atual – cuja população, de certa forma, é mais visual, além de oral – ele é pouco evidenciado, o que é atestado por Luiz Henrique Toledo (2002). O mercado editorial não tem foco em normas do jogo mais. Esse ciclo foi inicial. Há mais modos de aprender, seja vendo, ouvindo e/ou jogando futebol. A responsabilidade de publicação, disseminação e atualização das leis do esporte já não é mais da imprensa, de editores, de escritores, de jornalistas: ela passou a pertencer praticamente em sua integridade às entidades oficiais do futebol – IFAB, FIFA e confederações nacionais, como a CBF –, e a forma mais fácil que encontraram de difundir-las foi no *site* oficial dessas instituições, devido ao simples acesso à informação do cenário atual, não por meio de obras editadas e divulgadas por profissionais do mercado livreiro – mesmo que elas ainda existam.

Ademais, em relação ao capítulo 3 deste trabalho, não foi surpresa que o capítulo também concentrasse suas informações no eixo Rio-São Paulo, berço tanto do mercado editorial quanto do futebol no Brasil. Nesse sentido, retoma-se a citação de Alessandra El Far (2006, p. 44), que afirma:

Entre tantas publicações e novas trajetórias, o mercado editorial brasileiro acabou enraizando grande parte de sua produção no eixo Rio-São Paulo, onde se congregaram uma população consumidora de elevado poder aquisitivo e o maior número de instituições de educação e ensino superior.

O Rio Grande do Sul, embora bem desenvolvido, aparece junto a Minas Gerais como exceção. É claro que não se pode afirmar que não houve mais nenhuma publicação nesses estados e nem em outros além dos quatro mencionados na época abordada. Por isso, é importante destacar ainda e novamente o cuidado que se deve ter ao tratar alguma publicação como pioneira. *O grande desportista*, de Pascoal Toti Filho (1922) é um exemplo disso, na medida em que até bem pouco tempo o título de “primeiro romance do futebol brasileiro” era

atribuído a *Flô, o goleiro melhor do mundo*, de Thomaz Mazzoni, lançado quase vinte anos depois, em 1941. O próprio Mazzoni o intitulava assim, no prefácio da obra. Uma reedição do livro, publicada em 2016 pela editora LivrosdeFutebol.com, também mantém esse mesmo rótulo, mas independentemente do conhecimento ou não sobre a outra obra mais antiga, essa é uma qualificação estratégica de vendagem também da nova edição.

No que concerne à leitura e aos leitores, a abordagem ficou um pouco mais restrita porque é difícil integrar a discussão de Marisa Lajolo & Regina Zilberman (2002; 2011) ao mercado editorial de livros de futebol do período avaliado, na medida em que estes não tinham um caráter literário, a princípio – a obra de Toti Filho é, nesse sentido, de novo uma exceção, além da exceção regionalista citada anteriormente. As autoras apresentam a visão do todo desde a colonização do Brasil, e traçar uma “linha do tempo” na abordagem delas foi um pouco mais complicado.

Entretanto, El Far (2006) e Hallewell (2012) cobriram essas brechas dentro do que a pesquisa precisava e ao que ela por ora se propôs. Este último, em suas considerações finais, fala sobre “os indícios de que a cultura brasileira não estimula o hábito de leitura” (HALLEWELL, 2012, p. 786) e que isso vem desde sempre. Para um assunto tão querido pelos brasileiros como o futebol, o nosso imenso desejo é de que os livros esportivos ganhem cada vez mais espaço e conquistem os torcedores para o hábito de ler sobre essas temáticas que lhe satisfazem. Afinal, os livros de futebol são fontes de aprendizado para além do esporte, o que foi muito enfatizado nas conclusões de Piazzini (2015).

No período entre 1903 e 1930, as taxas de analfabetismo da população eram enormes e ultrapassavam os 65%, conforme dados oficiais do Ministério da Educação e informações também trazidas por Hallewell (2012). Esse autor, porém, não aponta o analfabetismo como o fator determinante do baixo consumo de livros no Brasil. E pode mesmo não ser. Para ele, a falta de motivação é o principal, pois até mesmo jornais, cuja leitura é um pouco mais objetiva, começaram a deixar de atingir todo o seu público potencial. No século XVI, por exemplo, como tratam Lajolo & Zilberman (2002), a literatura de cordel narrada por alguém publicamente ganhava interesse das pessoas nas ruas. Elas não precisavam saber ler para se envolver com os gêneros literários, portanto. Todavia, é claro que isso não é uma discussão trivial e nem algo simples de se afirmar, considerando todo o contexto histórico de construção

da sociedade brasileira, baseada e forjada na escravidão e na exclusão dos mais pobres, como dito no capítulo 3. De acordo com Hallewell (2012, p. 791-792),

historicamente, o Brasil, como qualquer sociedade essencialmente rural, caracterizou-se pelo baixo grau de alfabetização: 15,8% em 1872, 24,5% em 1920. A ampliação desses números, naturalmente, tem acompanhado a urbanização e a industrialização: 38,2% em 1940, 42,6% em 1950, 62,4% em 1987.

É por esse motivo que o mercado editorial e o futebol no país desenvolveram-se essencialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo no período aqui discutido (1903 a 1930), consequência da crescente urbanização e industrialização das cidades naquele momento. Essa discussão ainda se completa com a avaliação pessoal do autor, que diz:

Como bibliotecário que sou, acrescentaria que no Brasil, como em muitos outros países, os esforços oficiais tendem a enfatizar demais a oferta de instrução e a dar pouquíssima atenção à falta de motivação para ler, e até mesmo de oportunidade de fazê-lo, na maioria das zonas rurais. (HALLEWELL, 2012, p. 793)

Portanto, para Hallewell (2012), as instâncias de poder, político ou não, não têm buscado mudar o panorama e a cultura brasileira de não incentivo à população no que diz respeito à leitura. Não é oferecendo mais recursos tecnológicos, não é aumentando o número de escolas, não é produzindo mais livros: nada disso adianta se não for levada em consideração a raiz do problema, a fim de emplacar o interesse do público pelos livros enquanto suportes de saber e objetos de entretenimento e deleite.

No contexto atual, desde que a pesquisa de Piazzini (2015) foi apresentada, defende-se que os livros de futebol têm, sim, espaço no mercado brasileiro e que eles podem se tornar, algum dia, integrantes de uma literatura de massa, quiçá tão massiva quanto o próprio esporte. É preciso incentivo. Este estudo aqui apresentado, por sua vez, inclui objetivos pessoais que estão estritamente ligados a essa divulgação da literatura futebolística. Dar início à história dos livros de futebol visa ressaltar como esses materiais são importantes e quanto o seu conteúdo pode ser bem explorado por autores, editores e – especialmente – leitores (torcedores ou não!).

O que nos entusiasma a prosseguir é que tem sido perceptível o crescente número de publicações e o surgimento de editoras e selos voltados ao esporte. De 2015 para cá, surgiram pelo menos três: Grande Área (SP), Editora Primeiro Lugar (RN) e selo “Drible de Letra”, da editora Multifoco (RJ). Ainda assim, é possível perceber que pouco se tem trabalhado com gêneros literários como crônicas, contos e poesia: os livros-reportagem, os livros de clubes (também internacionais) e, principalmente, as biografias – ou livros de táticas do futebol moderno baseados em algum treinador famoso (Pep Guardiola, José Mourinho, Alex Ferguson) – tomaram conta desse nicho, inclusive no âmbito da tradução, suprindo outra carência nesse mercado, de importar conteúdo de êxito em circulação lá fora.

A atratividade por meio da sensação de proximidade do público com seus ídolos ou profissionais que ele admira talvez seja a responsável pelo sucesso que esses gêneros têm alcançado. Espera-se que cada editora especializada tenha e construa condições de sobreviver apenas de suas publicações esportivas e não tenham que desbravar outros nichos para enfrentar uma realidade econômica nem sempre muito favorável às pequenas editoras. No entanto, acredita-se que, assim como foi no início da história dos livros de futebol no Brasil, a contribuição mútua e a relação dos agentes dentro desse campo, as quais foram trabalhadas nesta pesquisa sob a teoria de Pierre Bourdieu (1996), podem ser novamente uma força para que o nicho se desenvolva cada vez mais. A concorrência de mercado sempre existiu e existirá, mas unir impulsos e talentos por um bem comum é capaz de trazer muito mais lucro, inclusive o lucro simbólico.

Para finalizar, partimos agora para a principal conclusão deste estudo, com base nos resultados apresentados pelo terceiro e complementados pelo quarto capítulo. Dessa vez, não houve somente a dificuldade de encontrar referências sobre a temática escolhida, mas também sobre cada autor ou personagem envolvido com a edição sobre futebol em seus primórdios no contexto brasileiro. Nem mesmo Leopoldo Sant’Anna, jornalista que mais publicou livros esportivos até 1930, tem informações biográficas registradas e divulgadas. Até Thomaz Mazzoni, o maior jornalista esportivo de São Paulo e, junto a Mário Filho, do Brasil, não tem uma biografia oficial publicada. Dados a seu respeito são encontrados de forma secundária em livros sobre a imprensa esportiva, como a *História do Lance!*, de Maurício Stycer (2008). Tentar construir uma espécie de enciclopédia desses personagens essenciais do futebol é uma boa sugestão para preencher lacunas encontradas principalmente no histórico da imprensa

esportiva, pois foram nítidas as limitações, por exemplo, do trabalho de André Ribeiro (2007), nossa base do assunto. Alguns erros de data e de informações biográficas foram encontrados nesse livro, como relatamos no capítulo 3, mesmo que nas referências do autor estivessem livros que também utilizamos como aporte desta pesquisa, como Thomaz Mazzoni (1950) – e mesmo que tivessem sido consultados por ele jornais antigos. Isso é passível de acontecer enquanto não houver o desenvolvimento de estudos organizados mais aprofundados e documentais para sairmos do espaço das inferências para avançarmos à esfera das “certezas”.

Thomaz Mazzoni, porém, merece um estudo totalmente à parte, pois é o maior autor de livros esportivos até os dias atuais, mesmo após quase 50 (cinquenta) anos de sua morte, de acordo com os registros quantitativos de Ademir Takara (2014) e do CRFB. Não é interessante contar com informações secundárias e duvidosas a seu respeito. Toda a sua obra faz jus a uma investigação cuidadosa e exploratória, rica em detalhes e contemplando cada um de seus livros publicados.

Não por acaso optou-se pela análise de paratextos editoriais neste trabalho, na medida em que antes mesmo das visitas presenciais à biblioteca do CRFB foi percebida de longe a importância de ter contato com os próprios livros para discorrer sobre eles e para encontrar direto na fonte informações valiosas que podiam ajudar a situar cada obra no campo estudado. O capítulo 4, complementando as discussões anteriores, nos trouxe então a certeza de que cada acessório responsável por caracterizar o livro enquanto objeto e enquanto produto é importante para edificar, passo a passo, a história dos livros de futebol no Brasil. Lamentamos apenas que o contato presencial tenha sido com somente 5 (cinco) livros do recorte aqui estudado. Resta-nos propor – ou nos propor a – realizar, em outro momento e em outros níveis acadêmicos, uma apuração que precisa, deve e merece ser longa e minuciosa.

REFERÊNCIAS

- ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio de (orgs.). *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014.
- BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor: notas para sua história. Revista *Em Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 219-237, jul./dez. 2005.
- BRAGG, Melvyn. Introduction. In: UNIVERSITY OF OXFORD. *The rules of football association – 1863*. The First FA Rule Book. Cambridge: Bodleian Library, 2006. p. 9-31.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. BARBOSA, Virgínia; GASPAR, Lúcia. *O futebol brasileiro – 1894 a 2013*. Uma bibliografia. Fundação Joaquim Nabuco, 2013. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/images/stories/meca/futebol_no_brasil_pesquisa.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Mapa do analfabetismo no Brasil*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/nZ1Uoy>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Regras de Futebol 2017/18. Administração de Marco Polo Del Nero. Tradução autorizada pela FIFA. Rio de Janeiro: CBF, 2017. Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201709/20170911114118_0.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.
- DAMATTA, Roberto (et al). *Universo do futebol*. Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DIAS, Cleber. Literatura, esportes e regionalismo no Brasil: “O grande desportista”, de Pascoal Toti Filho. *Aletria*. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 69-86, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/11033/10160>>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). *Introdução*. In: _____. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.
- EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto. *Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil*. 281 f.

Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação Física, UFSC, Florianópolis, 2016.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GAMBETA, Wilson (org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918)*. São Paulo: Edições Ludens, 2014.

GAMBETA, Wilson. *A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol*. São Paulo: SESI-SP, 2015.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista História*, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil*. Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2012.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. *Cáspes Líbero e a modernização do jornalismo brasileiro*. Curitiba: Appris, 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita*. Leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011.

LUDOPÉDIO. Última parte da entrevista com Elcio Loureiro Cornelsen. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/elcio-loureiro-cornelsen-parte-4/>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

IG ESPORTE. Livro de regras mais antigo do mundo é vendido na Inglaterra. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/livro-de-regras-mais-antigo-do-mundo-e-vendido-na-inglesa/n1597081581600.html>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). *História do Futebol no Brasil – 1894-1950*. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PEDROSA, Milton. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967.

PIAZZI, Giulia. Esporte de massa como objeto de nicho: uma análise editorial do mercado de livros de futebol. 92 f. Monografia (Graduação em Letras – Tecnologias de Edição), Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/Piazzi_TCC_-_Esporte_de_massa_como_objeto_de_nicho.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

RICCA, Darcio. *De Charles Miller à gorduchinha – A evolução tática do futebol em 150 anos de história (1863-2013)*. Rio de Janeiro: LivrosdeFutebol.com, 2014.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

RODRIGUES, Renato. *Mercado editorial: obras especializadas ganham as prateleiras e o gosto do público*. Língua Portuguesa, São Paulo, v.1, p. 61-63, abr. 2006. Especial Futebol e Linguagem.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Revista Tempo*. Dossiê Uma história do esporte para um país esportivo. Jan./jun. 2013. vol. 19. n. 34. p. 19-31.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2002. Coleção Zona do Agrião.

SEGOVIA, Gigliane Ferreira. O papel desempenhado pela Livraria Universal na cidade de Pelotas no período de 1887 a 1934. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SILVA, Kalina Vanderlei; Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Silvio Ricardo da. *Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG, 2009.

STYCER, Mauricio. *História do Lance!*. Projeto e prática do jornalismo esportivo. 1. ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2008.

TAKARA, Ademir Massayoshi. Livros sobre futebol publicados no Brasil (1903-2013). In: *II Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol: expressões, memórias, resistências e rivalidades*, 2014, São Paulo. 11 f. Não publicado.

TARGINO, M. das G. O povo brasileiro gosta mas não lê sobre futebol. *O Estado*, Teresina, p. C2-C2, 11 jul. 1982.

TARGINO, M. das G. O futebol de campo e o mercado editorial. *Boletim ABDF*. Nova Série, Brasília, v. 5, p. 32-42, 01 jul. 1982.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Coleção Descobrimo o Brasil.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Jogo livre: analogias em torno das 17 regras do futebol. *Horiz. antropol.* [online]. 2008, vol.14, n.30, p.191-219.

UNIVERSITY OF OXFORD. *The Rules of Football Association – 1863: The First FA Rule Book*. Cambridge: Bodleian Library, 2006.

VENANCIO FILHO, Alberto. *Francisco Venancio Filho: um educador brasileiro (1894-1994)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

Academia Brasileira de Letras – www.academia.org.br

Acervo do Museu do Futebol – dados.museudofutebol.org.br

Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais do Observatório Nacional – www.docvirt.no-ip.com/obnacional

Blog *Literatura na Arquibancada* – www.literaturanaarquibancada.com.br

Blog *Museu Virtual do Futebol* – reliquiasdofutebol.blogspot.com.br

British News Paper Archive – www.britishnewspaperarchive.co.uk

CBF – www.cbf.com.br

Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro – www.cdpb.org.br

Diário Brasil de Arquivos – dibrarq.arquivonacional.gov.br

Enciclopédia Itaú Cultural – enciclopedia.itaucultural.org.br

FIFA – www.fifa.com

IFAB – www.ifab.com

INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) – inep.gov.br

Hemeroteca Digital Brasileira – memoria.bn.br

Jusbrasil – www.jusbrasil.com.br

Ludopédio – www.ludopedio.com.br

Museu do Futebol – www.museudofutebol.org.br

Play Up, Liverpool – playupliverpool.com

Spartacus Educational – www.spartacus-educational.com